



UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO  
UNIRIO - CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS

Programa de Pós-Graduação em História

UNIRIO  
*história*

LUIZ GONÇALVES CAVALCANTE AGUIAR DA SILVA

**AS ORIGENS SOCIALISTAS DO  
FASCISMO:  
DO INTERNACIONALISMO  
PROLETÁRIO AO  
NACIONALISMO DAS MASSAS**

**As origens socialistas do fascismo: do Internacionalismo proletário ao  
nacionalismo das massas**

**Luiz Gonçalves Cavalcante Aguiar da Silva**

**CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS  
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA**

Dissertação de mestrado apresentada ao Programa de  
Pós-Graduação em História da Universidade Federal  
do Estado do Rio de Janeiro.

Orientador: Prof. Dr. Carlo Maurizio Romani.

Rio de Janeiro  
2019

## **BANCA EXAMINADORA**

---

Prof. Dr. Carlo Maurizio Romani (Orientador)  
Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro

---

Prof. Dr. Pedro Spinola Pereira Caldas  
Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro

---

Prof. Dr. Mario Ângelo Brandão de Oliveira Miranda  
Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro

---

Prof. Dr. Ricardo Henrique Salles (suplente)  
Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro

---

Prof. Dr. Giovanni Stiffoni (suplente)  
Universidade Federal Fluminense

## Agradecimentos

Agradeço primeiramente ao Programa de Pós Graduação em História da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, que me acolheu muito bem na minha mudança de casa, após me formar no Instituto de Filosofia e Ciências Sociais/UFRJ.

Agradeço à minha família, especialmente minha mãe, Maria Laly, por ser um verdadeiro exemplo de vida e honestidade, e por todo o amor, apoio e força que sempre dedicou a mim. Aos meus avós Edson e Dinorah e ao meu pai Délio, os três já falecidos, que não puderam acompanhar a minha trajetória nas duas graduações e a entrada para a pós-graduação, mas que contribuíram bastante para a minha formação. Aos meus tios Luiz (*in memoriam*) e Elizabeth, cuja casa foi onde passei grande parte dos bons momentos de minha infância.

Agradeço ao meu orientador, o professor Carlo Romani, por toda a sua atenção para com o meu trabalho, desde o início da orientação, sempre com indicações de leitura, perspectivas e abordagens interessantes acerca do assunto da presente pesquisa. Sua orientação foi fundamental para o trabalho.

Agradeço aos professores Pedro Caldas e Ricardo Salles, sobretudo por terem sido as aulas mais proveitosas que tive durante o curso. As ideias, sugestões e indicações de ambos no exame de qualificação também foram muito importantes para o progresso da pesquisa.

Agradeço aos meus amigos e colegas de trabalho na Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro, sobretudo por todo o apoio que tive para que pudesse cursar o mestrado, sempre que tinha que me ausentar do serviço para cumprir com alguma obrigação acadêmica. Muito obrigado a todos vocês: Bruna, Luiz Alberto, Maxwell, Sérgio, Cris, Raphael, Leandro, Joseane, Stephanie, Carla, Ana Paula, Fabiana e Luciana.

Agradeço também a todos os amigos que me ajudaram, cada um a seu modo, ao longo de todo o período em que elaborei o projeto até o momento da defesa: Pedro, Leonardo, Gabriel, Lucas, Yuri, Gustavo, André, Guilherme, Fernando, Roberta, Mariana, Barbara e Nathalia. Por último, mas não menos importante, agradeço à Ester, minha namorada, por todo o amor, carinho e suporte que tem me dado.

## Resumo

A presente pesquisa é uma investigação acerca das origens socialistas do fascismo, centrada principalmente na influência soreliana sobre o sindicalismo revolucionário italiano e também no então militante socialista Benito Mussolini, que chegaria aos quadros de direção do partido, sendo editor chefe do jornal *Avanti!*. Para entender o fascismo e seu surgimento, é necessário um conhecimento considerável do socialismo de Saint Simon, do complexo sistema de ideias elaborado por Karl Marx e da revisão deste empreendida por Georges Sorel. O ponto de partida da pesquisa está na hipótese de que isso não somente não ocorre por acaso, como também entendemos que o fascismo é um fenômeno mais complexo do que as interpretações que o colocam em definições não muito rigorosas como a de uma mera reação contra a ascensão de movimentos socialistas ou de apenas um movimento contrarrevolucionário cujas ideias surgem imediatamente após a primeira guerra. Verificaremos, a partir da pesquisa, que o amálgama que ajudou a formar o fascismo começou a se formar mesmo antes do fim do conflito mundial.

Entre os principais conceitos que estarão sendo trabalhados ao longo dos três capítulos, estão socialismo, revolução e violência, bem como as mudanças e diferentes apropriações de tais conceitos pelos atores políticos.

**Palavras-chave:** socialismo; violência, revolução; fascismo

## **Abstract**

The current research is an investigation into the socialist origins of fascism, centered mainly on Sorelian influence on Italian revolutionary syndicalism and also on the then socialist militant Benito Mussolini, who would reach the party leadership, being editor-in-chief of the newspaper *Avanti!*. To understand fascism and its emergence requires a considerable knowledge of Saint Simon's socialism, of the complex system of ideas developed by Karl Marx, and of the revision of this one undertaken by Georges Sorel. The starting point of the research is the hypothesis that this not only does not happen by chance, but we also understand that fascism is a more complex phenomenon than the interpretations that put it in not very rigorous definitions like that of a mere reaction against the rise of socialist movements or only a counterrevolutionary movement whose ideas come immediately after the first war. We will verify, from the research, that the amalgam that helped form fascism began to form even before the end of the world conflict.

Among the main concepts that will be working through the three chapters are socialism, revolution and violence, as well as changes and different appropriations of such concepts by political actors.

**Key-words:** socialism; violence; revolution; fascism

## Sumário

Sumário.....	6
Introdução.....	8
Capítulo 1 – A evolução do conceito de socialismo e a influência de Sorel na revisão do marxismo: um panorama historiográfico.....	16
1.1 Antecedentes e influências dos novos movimentos revolucionários: Revolução Francesa e unificações nacionais tardias .....	16
1.2 O surgimento do conceito de socialismo .....	24
1.3 Georges Sorel e a revisão do marxismo.....	30
Capítulo 2 - O primeiro Mussolini: do revolucionário socialista ao editor chefe do jornal <i>Avanti!</i> .....	47
2.1 O início de tudo.....	47
2.2 Retorno à Itália e serviço militar: um quieto interlúdio .....	54
2.3 O encontro de Mussolini com o Sindicalismo Revolucionário.....	57
2.4 A crítica a Sorel e o surgimento do novo nacionalismo na Itália .....	69
2.5 A guerra Ítalo-Turca.....	74
2.6 O Partido Socialista e a Guerra .....	75
2.7 O congresso de Reggio Emilia e a chegada ao comando do <i>Avanti!</i> .....	78
Capítulo 3 – Mussolini entre o internacionalismo pacifista e o interventismo belicoso: a evolução da síntese nacional-sindicalista como precursora do fascismo.....	81
3.1 A síntese nacional-sindicalista soreliana .....	81
3.2 Mussolini em movimento: do proletariado à nação.....	83
3.3 A <i>Settimana rossa e Mussolini</i> .....	91
3.4 A eclosão da Primeira Guerra Mundial: neutralismo x intervencionismo ....	98
3.5 Mussolini e o conflito europeu: do neutralismo absoluto ao intervencionismo .....	102

<b>3.6 A expulsão de Mussolini do Partido Socialista Italiano .....</b>	<b>109</b>
<b>3.7 O <i>Il Popolo d'Italia</i> e a entrada nos <i>fasci</i> .....</b>	<b>111</b>
<b>Comentários Finais.....</b>	<b>116</b>
<b>Referências Bibliográficas .....</b>	<b>120</b>

## Introdução

Antes e durante a Primeira Guerra Mundial, o Partido Socialista Italiano, bem como outros partidos socialistas espalhados pela Europa, estavam diante de um impasse entre a realidade, tal como esta se apresentava, e os preceitos ideológicos do internacionalismo que, ao menos até aquele momento, diziam defender. Afinal, era necessário apoiar o governo nacional em caso de guerra ou não? A partir desta querela entre intervencionistas e não-intervencionistas, bem como a partir de outros elementos já presentes no PSI, e outros com origens na França, como o sindicalismo revolucionário, por exemplo, emergem na Itália os movimentos conhecidos como *fasci*, que após a guerra viriam a compor as fileiras do Partido Nacional Fascista, cujo nome original era Partido Revolucionário Fascista. Para entender o fascismo e seu surgimento, é necessário um conhecimento considerável do socialismo de Saint Simon, do complexo sistema de ideias elaborado por Karl Marx e da revisão deste empreendida por Georges Sorel. Ao menos é isso o que disse Robert Michels<sup>1</sup>, que assim como muitos dos primeiros fascistas, também teve suas origens intelectuais intimamente ligadas ao socialismo. A presente pesquisa possui a hipótese de que isso não somente não ocorre por acaso, como também entendemos que o fascismo é um fenômeno mais complexo do que as interpretações que o colocam em definições simplistas como a de uma mera reação contra a ascensão de movimentos socialistas ou de apenas um movimento contrarrevolucionário cujas ideias surgem imediatamente após a primeira guerra. Como diz Roger Griffin, não só o fascismo não era apenas reação, como suas ideias e os temas em que tocam são anteriores mesmo à eclosão do primeiro conflito mundial.<sup>2</sup>

Trabalharemos com a história dos conceitos tal como ela é elaborada por Koselleck, numa perspectiva hermenêutica, isto é, a interpretação dos textos, interpretação do sentido das palavras. Entre os principais conceitos que estarão sendo trabalhados ao longo dos três capítulos, estão socialismo, revolução e violência. É importante verificar a evolução dos conceitos, suas alterações, continuidades e discontinuidades.

---

1 Michels, Robert. "Lineamenti di storia operaia nell' Italia degli ultimi venti' anni," *Educazione fascista*, 11, 10, 1933, pp. 356

2 Griffin, Roger. *Fascism is more than reaction*. *Searchlight*, vol.27 n.4, 1999, pp. 24-26

Pressupostos para o trabalho com a história dos conceitos incluem questões acerca destes. Até que ponto é comum o uso do conceito? Seu sentido foi objeto de disputa? Em que contextos históricos aparece? Com que outros termos aparece relacionado seja como complemento, seja como oposição? Por quem é utilizado, com que propósitos e a quem se dirige? Por quanto tempo esteve em uso? Qual é o valor do conceito na estrutura da linguagem política e social da época? Com que outros termos se sobrepõe? Converte com o tempo com outros termos? Todos estes pressupostos foram elencados por Koselleck<sup>3</sup> em *Orientações para o léxico de conceitos político-sociais da modernidade*.

Tentarei, ao longo do trabalho, trabalhar ao menos com as primeiras três perguntas acima, ou seja, se o uso do conceito é comum, se o seu sentido foi objeto de disputa e em quais contextos históricos ele aparece. Como sou originário do campo das ciências sociais, tendo feito meu bacharelado no Instituto de Filosofia e Ciências Sociais da Universidade Federal do Rio de Janeiro, acredito que a abordagem feita pelo trabalho poderá ser lida com a ótica mais próxima da história das ideias, tendo em vista que tal campo lida com a expressão, preservação e mudança das ideias humanas ao longo do tempo, e com a história das ideias políticas, isso não é diferente.

Entre as fontes primárias, serão consultados os artigos de Mussolini, sobretudo aqueles publicados no periódico *Avanti!*, que era o jornal oficial do Partido Socialista Italiano, cujo editor chefe era o próprio Mussolini. Todos os textos primários consultados estão presentes na *Opera Omnia di Benito Mussolini*, possuindo 35 volumes no total, que será chamada de *Opera* ao longo do trabalho. Além dos artigos do jornal do PSI, estão artigos publicados por Mussolini no jornal *La lotta di classe*, que ele fundou e editou antes de entrar para o *Avanti!*, bem como os artigos que escreveu no *L'avvenire del lavoratore*, no *Il proletario*, no *Avanguardia Socialista*, no *La Lima* e também o jornal *Il Popolo d'Italia*, fundado pelo futuro *Duce* para, segundo ele mesmo, emitir suas opiniões de maneira independente e respondendo apenas à sua própria consciência e a ninguém mais, sobretudo em relação ao intervencionismo italiano na guerra, que já era defendido por ele enquanto editor do *Avanti!*.

---

3 Koselleck, R. *Richtlinien für das Lexikon politisch-sozialer Begriffe der Neuzeit. Archiv für Begriffsgeschichte*, 11, 1967, pp. 81-99

Entre as fontes secundárias, o trabalho estará embasado majoritariamente pelas obras de Leszek Kolakowski, Anthony James Gregor, Zeev Sternhell<sup>4</sup> e Stanley G. Payne<sup>5</sup>. Os três últimos autores ainda não possuem livros traduzidos para a língua portuguesa, embora ao menos Zeev Sternhell já tenha tido obras citadas por alguns autores brasileiros, como por exemplo, Edilene Toledo<sup>6</sup>, no seu artigo *Imigração, sindicalismo revolucionário e fascismo na trajetória do militante italiano Edmondo Rossoni*.

O que busco fazer com o presente trabalho é ao menos introduzir o leitor brasileiro a essa literatura estrangeira, que busca enfatizar, cada autor ao seu modo, aspectos do fascismo que, se não são marginalizados, por assim dizer, certamente estão longe de ser sempre lembrados. Não se trata de fazer uma tentativa de captar o que poderia ser chamado de “Mussolini verdadeiro”, ou de “verdadeiras origens do fascismo”, até

---

4 O historiador israelense Zeev Sternhell nasceu na Polônia, em 1935, na cidade de Przemyśl, numa família judia secular com tendências sionistas. Entre os anos de 1957 e 1960, estudou História e Ciência Política na Universidade Hebraica de Jerusalém. Em 1969, Sternhell recebeu seu doutorado do Instituto de Estudos Políticos de Paris, por sua tese acerca das ideias sociais e políticas de Maurice Barrès. Zeev Sternhell traça as raízes do fascismo aos movimentos revolucionários franceses de extrema-esquerda, adicionando um ramo, chamado de 'direita revolucionária', para as três famílias de direita tradicionais citadas por Rene Remond - legitimismo, orleanismo e bonapartismo.

Seu livro *Neither Right, nor Left – Fascist ideology in France*, causou mal estar entre a intelectualidade francesa. Seu trabalho mostrava que o fascismo era uma parte importante da história europeia, e não apenas um desenvolvimento temporário na Itália e na Alemanha, mas também um aspecto significativo da cultura francesa. O fascismo unia ao mesmo tempo sentimentos antiburgueses, o nacionalismo antiliberal e o pensamento sindicalista revolucionário, e que para Sternhell cada um deles rejeitava a cultura política herdada da França do século XVIII, isto é, do iluminismo, do utilitarismo, do individualismo, dos valores burgueses, da democracia e maioria absoluta, da ideia de que a sociedade é não mais do que uma coleção de indivíduos e que seu objetivo final é servir a interesses individuais, ou, como coloca o autor, o princípio da primazia absoluta do indivíduo em relação à sociedade

5 Stanley G. Payne nasceu em 1934, na cidade de Denton, no Texas. Ele é um historiador americano que se especializou no estudo do fascismo e também na história moderna da Espanha, baseado na Universidade de Wisconsin-Madison.

Na década de 1960, seus livros foram publicados em espanhol pela Éditions Ruedo Ibérico, uma editora fundada por exilados republicanos espanhóis em Paris, França, a publicar obras proibidas na Espanha pelo governo franquista governar o país no momento. Sua posição em relação à Guerra Civil Espanhola foi a de esclarecer o conflito, derrubando mitos e por conta disso alguns historiadores consideram que ele seja um revisionista. Um dos seus livros mais famosos é *Civil War, Soviet Union and Communism*, que analisa Joseph Stalin e a intervenção do governo soviético na Espanha. Ele também escreveu *The Franco Regime, Spanish Civil War e A History of Fascism 1914-1945*.

Payne usa uma longa lista detalhada de características para identificar o fascismo, incluindo a criação de um estado autoritário; um setor econômico regulado e integrado ao Estado; simbolismo fascista; antiliberalismo; anticomunismo e anti-conservadorismo. Ele enxerga a eliminação da autonomia, ou, em alguns casos, da existência do capitalismo em grande escala como o objetivo comum de todos os movimentos fascistas.

6 Toledo, Edilene. *Imigração, sindicalismo revolucionário e fascismo na trajetória do militante italiano Edmondo Rossoni*. Cadernos Arquivo Edgard Leuenroth (UNICAMP), v. , pp. 119-169

porque tanto o homem quanto o movimento possuem origens e aspectos que surgem de diferentes lugares e ideologias.

O trabalho apenas está focado no aspecto socialista e sindicalista revolucionário das origens do fascismo, mas não deixará de mencionar ao longo do texto as influências que pensadores não socialistas tiveram no fascismo, como por exemplo o economista Vilfredo Pareto.

Kolakowski nasceu em 1927, na cidade de Radom, na Polônia. Ele se tornou um militante comunista ainda nos anos 40, entrando no Partido Operário Unificado Polônes, permanecendo membro entre o ano de 1947 até o de 1966. No ano de 1953 recebeu um doutorado pela Universidade de Varsóvia com uma tese sobre Baruch Spinoza, analisando as ideias deste filósofo a partir de um ponto de vista marxista. Ele atuou como professor e foi presidente do departamento de história da filosofia da Universidade de Varsóvia de 1959 até 1968.

Em 1957, um ano após o evento conhecido como Outubro Polonês, Kolakowski publicou uma crítica dividida em quatro partes acerca dos dogmas do marxismo soviético, inclusive do determinismo histórico. Sua crítica foi publicada no periódico polonês *Nowa Kultura*.

Durante a crise política polonesa de 1968, ele perdeu seu posto na Universidade de Varsóvia e foi proibido de possuir qualquer outro posto acadêmico. Kolakowski chegou à conclusão de que a crueldade do stalinismo não era uma aberração ou desvio mas sim um produto lógico do próprio marxismo, cuja genealogia o levou a pesquisar e escrever o trabalho pelo qual é mais conhecido, em suas análises críticas do pensamento marxista, nos três volumes voltados para o tema, chamado *Main Currents of Marxism*, que foi publicado pela primeira vez em Paris, no ano de 1976, porém em língua polonesa.

Kolakowski se interessou pela contribuição feita por pressupostos teológicos ao pensamento ocidental e moderno. No primeiro volume da obra *Main Currents of Marxism*, ele começa com uma análise<sup>7</sup> acerca da contribuição de diversas formas de platonismo medieval até a visão hegeliana da história. No trabalho, ele questiona as

---

<sup>7</sup> Ver Kolakowski, Leszek. *Main Currents of Marxism: The Founders*. Oxford University Press, 1978, pp. 9-80

leis do materialismo dialético por serem, em sua visão, fundamentalmente falhas, dizendo que algumas delas são apenas truísmos que carecem mesmo de algum conteúdo marxista específico, enquanto outras seriam absurdas. Uma das visões defendidas por Kolakowski era o papel exercido pela liberdade na busca humana pelo transcendente.

É uma importante fonte de consulta pois foi um pensador formado no meio marxista, e faz posteriormente uma crítica contundente ao movimento marxista e socialista como um todo que o leva a fazer um apanhado geral de tais correntes, incluindo aí o sindicalismo soreliano, o que nos levará, no primeiro capítulo, a fazer uma argumentação acerca das bases utilizadas pelo próprio Sorel, bem como relacionar suas ideias com as de seus influenciados, entre muitos, o próprio Mussolini.

O professor A. J. Gregor nasceu em 1929, na cidade de Nova Iorque, Estados Unidos. Em 1961 recebeu seu doutorado na Universidade de Columbia por sua tese sobre Giovanni Gentile. Tornou-se professor associado da Universidade do Kentucky e da Universidade do Texas entre 1964 e 1967. Ingressou no departamento de Ciência política da Universidade da Califórnia, em Berkeley, no ano de 1967.

Gregor foi parte do movimento de estudiosos que rejeitava a interpretação tradicional do fascismo como ideologicamente vazio, reacionário e antimoderno. Afirmou que fascismo italiano devia uma grande dívida às correntes ideológicas europeias na sociologia e na teoria política. Gregor descreveu como uma teoria coerente e séria do estado e da sociedade, e argumentou que desempenhou um papel revolucionário e modernizador na história europeia.

Durante o final dos anos 60 e nos anos 70, Gregor passou a maior parte de sua pesquisa acadêmica no estudo do fascismo, e é por tal empreitada que ele é mais conhecido. Entre os volumes publicados por ele nesta década estão *The Ideology of Fascism*, de 1969, *The Fascist Persuasion in Radical Politics*, de 1974, *Interpretations of Fascism*, do mesmo ano e *Young Mussolini and the intellectual origins of fascism*, de 1979.

No livro *The Faces of Janus*, do ano 2000, Gregor<sup>8</sup> afirma que os primeiros fascistas eram quase todos ligados a uma origem comum marxista, e que estavam há muito tempo identificados com a intelligentsia italiana de esquerda.

Gregor é a principal referência deste trabalho, tendo em vista que sua interpretação acerca do percurso político de Mussolini, com suas relações com o sindicalismo revolucionário desde praticamente o início de sua vida política, a influência de Sorel, não apenas manifestada nele, mas também em outros atores políticos da Itália na época, é base para a formulação da hipótese do trabalho, que está relacionada à questão da influência do sindicalismo revolucionário do partido socialista italiano ter contribuído para a gênese do fascismo, sem deixar de levar em consideração outras influências que também tiveram esse papel.

No capítulo 1, trataremos do contexto histórico que precede a situação europeia pós Revolução Francesa e a situação italiana, sobretudo em relação à questão da unificação nacional tardia. Posteriormente discorreremos sobre a evolução do conceito de socialismo, a origem da palavra e a cunhagem do termo, suas apropriações e interpretações, passando pela influência da Revolução Francesa, pelo socialismo de Saint Simon, chegando ao pensamento de Karl Marx e à influência de Georges Sorel na revisão do marxismo empreendida no final do século XIX e início do século XX, e que segundo Sternhell<sup>9</sup> forneceu base para a emergência do fascismo, primeiro como um fenômeno cultural e depois como um fenômeno político. Outros conceitos centrais que serão analisados são revolução e violência.

Em seguida, no capítulo 2, serão detalhadas as origens intelectuais e o pensamento do primeiro Mussolini, o revolucionário socialista, internacionalista antimonarquista e anticlerical, que embora seja conhecido, não tem o devido destaque bibliográfico, sobretudo em língua portuguesa. Mussolini não apenas era um socialista, como também fazia parte da corrente mais radical dentro do Partido Socialista Italiano. Mussolini sentia que os problemas enfrentados pela Itália só poderiam ser resolvidos por uma luta de classes violenta e de sucesso, que iria abolir as distinções de classe e

---

8 Gregor, Anthony James. *The Faces of Janus: Marxism and Fascism in the Twentieth Century*. Chelsea: Sheridan Books, 2000, pp. 20

9 Sternhell, Zeev. *The Birth of Fascist Ideology: From Cultural Rebellion to Political Revolution*. New Jersey: Princeton University Press, 1994, pp. 28

suprimir a propriedade privada. A complexidade do fenômeno do fascismo também pode ser relacionada com a de seu maior expoente. Um dos aspectos desta condição é justamente lidar com as suas origens intelectuais, com quais temas trabalhou, com que propósitos, quais autores leu e como se apropriou de suas ideias. É aqui que entra Georges Sorel e a influência do sindicalismo revolucionário, do mito e da violência no pensamento de Mussolini.

Já no capítulo 3, estaremos focando na evolução da síntese nacional-sindicalista e na eclosão da grande guerra, que acirra as querelas entre o internacionalismo x nacionalismo no Partido Socialista Italiano. Mussolini, tendo passado de um lado para o outro, acaba expulso do PSI por conta de seus artigos em *Il Popolo d'Italia*. Durante a guerra, seus apelos parecem se modificar, sendo dirigidos ao povo, às massas, ao invés do proletariado.

Segundo Gregor, enquanto entre os anos de 1909 e 1914 o *Duce* atuava majoritariamente dentro dos limites do marxismo ortodoxo presente no PSI, concebendo a luta de classes e a intransigência proletária como traços distintivos de socialismo revolucionário, agora Mussolini estava preparado para dizer que não existia algo como uma posição proletária específica na guerra.

A emergência do fascismo como um fenômeno cultural, antes de se tornar um fenômeno político. Através do desafio enfrentado pela Itália na Primeira Grande Guerra, todas as ideias que Mussolini se aproximou na juventude se uniram em uma combinação fatídica. Todas elas tinham aparecido de maneira fragmentada em seus primeiros trabalhos e discursos. Ele afirma que tudo o que Mussolini escreveu antes de 1914 deixava implícito que a Itália não havia ainda transcendido a fase nacionalista burguesa. E ainda assim, continuava a se dirigir exclusivamente ao proletariado. Os elementos do novo nacionalismo eram evidentes já em 1909, quando ele tinha 26 anos. No começo de 1915, Mussolini começa a construir, a partir de todos estes elementos, uma ideologia que iria forjar a Itália ao menos por uma geração, o Fascismo.

Ainda para o professor americano, tal processo não aconteceu apenas com Mussolini, mas também com outros fascistas, que passaram pelo mesmo desenvolvimento ideológico e conceitual, tais como Olivetti e Panunzio. Os homens que se juntaram à Mussolini provinham das mais diversas linhas políticas, desde sindicalistas

revolucionários, como Corridoni e De Ambris, sindicalistas nacionalistas individualistas, como Massimo Rocca, passando por *vocianti*, como Corradini, Papini e Prezzolini, bem como outros sindicalistas nacionalistas independentes, como Dinale, além dos já citados Olivetti e Panunzio. Todos eles fizeram da entrada da Itália na guerra uma causa comum, e juntos ajudariam na construção da razão do fascismo.<sup>10</sup>

---

10 Gregor, Anthony James. *Young Mussolini and the intellectual origins of Fascism*. Berkeley: University of California Press, 1979, pp. 139;194;197

## **Capítulo 1 – A evolução do conceito de socialismo e a influência de Sorel na revisão do marxismo: um panorama historiográfico**

### **1.1 Antecedentes e influências dos novos movimentos revolucionários: Revolução Francesa e unificações nacionais tardias**

A virada do século XIX para o século XX foi um período que marcou não apenas o surgimento como também a consolidação de diversos estados nacionais ao redor do mundo. Na Europa, ainda com um papel central de influência, na época, maior do que a influência americana no globo, não foi diferente. A emergência dos estados nacionais da Alemanha e da Itália foi um fenômeno que alterou o mapa do continente europeu com consequências que se estendem até os dias atuais.

Além da emergência dos estados nacionais, outra característica marca o século XIX, sobretudo da sua metade para o final. O surgimento de movimentos revolucionários ao longo da Europa, bem como de intelectuais dedicados à causa revolucionária, das correntes mais diversas. É possível dizer que toda essa conjuntura possui como uma das suas causas o acontecimento mais importante do final do século XVIII: a Revolução Francesa, bem como as consequências das invasões napoleônicas ao longo da Europa. Quando os revolucionários franceses entraram no palco da política mundial, foi com a ideia de que dali não mais a lealdade do cidadão seria comandada pela soberania, pela lei ou pela divindade, mas sim pela nação. Anos após as invasões napoleônicas, após a vontade da nação francesa disseminada pela Europa, uma nova visão de mundo tomou conta dos cidadãos europeus, sobretudo em relação à política. Por todo o continente, movimentos nacionalistas estavam indo contra as monarquias locais, em nome de ideias de raça e de consanguinidade, em nome de uma língua contra as outras. Foi a era da emergência dos nacionalismos<sup>11</sup>. E a península itálica também seria afetada por tais movimentos.

---

11 Eric Hobsbawm, no capítulo 6 de seu livro *A Era dos Impérios*, descreve a emergência dos nacionalismos. Hobsbawm, Eric. *A Era dos Impérios 1875-1914*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988. Benedict Anderson, no seu livro talvez mais famoso, *Comunidades Imaginadas*, também faz comentários sobre as origens do nacionalismo no mundo moderno. Anderson, Benedict. *Comunidades Imaginadas: Reflexões sobre a origem e difusão do nacionalismo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

Novas nações emergiram na Europa. Entre elas, a Itália e a Alemanha, que conseguiram suas unificações de maneira tardia. No caso italiano, a própria revolução francesa e suas guerras revolucionárias acabaram sendo uma influência, pois o reinado dos Habsburgos sobre a Itália acaba após uma série de campanhas, fazendo com que diversas repúblicas clientes surgissem na região. Em 1806, o Sacro Império Romano foi dissolvido por seu último imperador, Francisco II, após a derrota para Napoleão na batalha de Austerlitz<sup>12</sup>, travada no final do ano anterior. As campanhas italianas das guerras revolucionárias francesas destruíram as velhas estruturas do feudalismo na Itália e introduziram ideias modernas e eficiência na autoridade legal, provendo muito da força intelectual que incentivou movimentos pela península por décadas após o colapso francês de 1814. Com a queda de Napoleão se aproximando, os governantes instalados por ele tentaram manter seus tronos, alimentando sentimentos nacionalistas. Eugène de Beauharnais, Vice-rei da Itália, buscou a aprovação da Áustria para a sucessão do novo Reino da Itália. Joachim Murat, Rei de Nápoles, fez a proclamação Rimini, e a usou para declarar guerra à Áustria, clamando aos italianos a se revoltarem contra os invasores austríacos.

De acordo com Hobsbawm<sup>13</sup>, ao longo das décadas de guerra na Europa, as fronteiras políticas do continente foram desenhadas e redesenhadas diversas vezes. Ele destaca que a mais importante mudança foi o que ele chamou de racionalização geral do mapa político europeu, sobretudo na Alemanha e na Itália. Após a queda de Napoleão, o Congresso de Viena restaurou o emaranhado pré-napoleônico de governos independentes, e a Itália novamente foi controlada majoritariamente pelo Império Austríaco e os Habsburgos, pois controlavam diretamente o a parte nordeste da Itália, que, em conjunto, era a força mais poderosa contra a unificação.

Além disso, sentimentos artísticos e literários na península se voltaram ao nacionalismo. Três precursores literários do nacionalismo podem ser encontrados em Vittorio Alfieri, Francesco Lomonaco e Niccolò Tommaseo. Porém o mais famoso é Alessandro Manzoni, cuja obra *I promessi sposi* (Traduzido para o português como Os

---

12 Para maiores detalhes, ver o livro de Hobsbawm, a Era das Revoluções 1789-1848. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1977

13 Ibid, pp. 106

noivos) de 1827, é amplamente tida como uma crítica alegórica do poder austríaco sobre a Itália.

Surgem então três ideais de unificação. Um padre do Piemonte, Vincenzo Gioberti, publica seu livro de 1843, *Del primato morale e civile degli italiani*, em que começa falando sobre a grandeza da Roma Antiga traçando a história até os esplendores do papado, e recordando tudo o que a ciência devia aos gênios da Itália, declarando que o povo italiano seria um modelo para todas as nações, e que a insignificância da época em que vivia teria sido o resultado de sua fraqueza política, e por conta disso propõe uma confederação de estados italianos sob a liderança do Papa.

Giuseppe Mazzini e Carlo Cattaneo pretendiam levar para a frente uma unificação da Itália sob uma república federal, o que se provou demasiadamente extremo para a maioria dos nacionalistas. E uma posição pró unificação mais moderada foi proposta por Cesare Balbo, como uma confederação de estados italianos separados liderada pelo Piemonte.

No sul da Itália, um dos mais influentes grupos revolucionários de discussão política era o dos *Carbonari*, que tinha sido formado no início do século XIX. O grupo ocupou o lugar deixado pela maçonaria após a sua repressão por conta de suas conexões com a França<sup>14</sup>. Os *Carbonari* tinham deserdado Napoleão, mas estavam inspirados pelos princípios da Revolução Francesa acerca da liberdade, igualdade e fraternidade, e desenvolveram seus próprios rituais e eram fortemente anticlericais, conforme R. John Rath.

Giuseppe Mazzini e Giuseppe Garibaldi estavam entre os mais proeminentes líderes dos *Carbonari*. A atividade de Mazzini com o grupo levou-lhe a prisão não muito tempo depois que entrou. Enquanto estava na prisão, Mazzini concluiu que a Itália podia e devia ser unificada, elaborando então um programa para o estabelecimento de uma nação independente, republicana e tendo Roma como sua capital. Assim que foi solto, Mazzini foi para Marselha, na França, onde organizou uma nova sociedade política chamada *La Giovine Italia*, que possuía o lema *Dio e Popolo*, e buscava a unificação da Itália<sup>15</sup>.

---

14 Rath, R. John. *The Carbonari: Their Origins, Initiation Rites, and Aims*. The American Historical Review, Vol. 69, n. 2, pp. 353-370, 1964

15 Mack Smith, D. *Mazzini*. Yale University Press, 1996

Garibaldi participou de uma rebelião no Piemonte no ano de 1834 e foi condenado à morte por isso. Conseguiu escapar para a América do Sul, passando cerca de quatorze anos no exílio e participando de guerras como a dos farrapos, em que a auto proclamada República do Rio Grande do Sul buscava a separação do então Império do Brasil. No período em que esteve na América do Sul, Garibaldi aprendeu a luta de guerrilhas, que antecedeu seu retorno<sup>16</sup> à Itália, que se deu em 1848.

Em 1844, dois irmãos de Veneza, Attilio e Emilio Bandiera, seguidores de Giuseppe Mazzini e membros da *Giovine Italia*, planejavam fazer uma incursão na costa da Calábria contra o Reino das Duas Sicílias em apoio à Unificação Italiana. Eles montaram um grupo de cerca de vinte homens prontos para sacrificar suas vidas e partiram em 12 de junho de 1844. Quatro dias depois, eles desembarcaram perto de Crotone, com a intenção de ir a Cosenza, libertar os prisioneiros políticos e emitir suas proclamações. Tragicamente para os irmãos Bandiera, eles não encontraram a banda insurgente que lhes disseram que os esperavam, então eles se mudaram para La Sila. Em última análise, eles foram traídos por um de seus integrantes, o corso Pietro Boccovice, e por alguns camponeses que acreditavam ser piratas turcos. Um destacamento de gendarmes e voluntários foi enviado contra eles, e depois de uma curta luta toda a banda foi feita prisioneira e escoltada para Cosenza, onde um número de calabreses que haviam participado de um levantamento anterior também estavam presos. Os irmãos Bandiera e seus nove companheiros foram executados por um pelotão de fuzilamento; algumas contas afirmam que gritaram "Viva l'Italia!" Enquanto eles caem. O efeito moral foi enorme em toda a Itália, a ação das autoridades foi universalmente condenada, e o martírio dos irmãos Bandiera deu frutos nas revoluções subsequentes.

Em janeiro de 1848, as insurreições revolucionárias se iniciaram com um ato de desobediência civil por parte dos cidadãos da Lombardia, que pararam de fumar cigarros e jogar na loteria, o que negaria à Áustria o imposto associado com tais setores e serviços.

Revoltas começaram a acontecer também na Ilha da Sicília e em Nápoles. Na Sicília, ocasionou a proclamação do Reino da Sicília com Ruggero Settimo como presidente

---

16 Ridley, Jasper. *Garibaldi*. Milão: Mondadori, 1975

do estado independente até 1849, quando o exército Bourbon tomou o controle da ilha no dia 15 de maio.

Em fevereiro, ocorrem revoltas na Toscana que eram relativamente não-violentas, após as quais o grão-duque Leopoldo II concedeu aos toscanos uma constituição. Um governo provisório republicano separatista se formou na Toscana em fevereiro, logo após esta concessão. Em 21 de fevereiro, o Papa Pio IX concedeu uma constituição aos Estados Papais, que foi inesperada e surpreendente, considerando a recalcitrância histórica do papado. Em 23 de fevereiro de 1848, o rei Luís Filipe da França foi forçado a fugir de Paris e uma república foi proclamada. Quando ocorreu a revolução em Paris, três estados da Itália tinham constituições - quatro, se considerarmos a Sicília como um estado separado.

Enquanto isso, na Lombardia, as tensões aumentaram até que os milaneses e venezianos se revoltaram em 18 de março de 1848. A insurreição em Milão conseguiu expulsar a guarnição austríaca depois de cinco dias de lutas de rua. Um exército austríaco comandado pelo marechal Josef Radetzky sitiou Milão, mas devido à deserção de muitas de suas tropas e ao apoio dos milaneses para a revolta, eles foram forçados a recuar.

Logo, Charles Albert, o rei da Sardenha que governou o Piemonte e Savoy, instigado pelos venezianos e milaneses para ajudar a sua causa, decidiu que este era o momento de unificar a Itália e declarar guerra à Áustria, o que deu origem à Primeira Guerra da Independência Italiana. Após sucessos iniciais em Goito e Peschiera, ele foi decisivamente derrotado por Radetzky na Batalha de Custoza em 24 de julho. Um armistício foi acordado, e Radetzky recuperou o controle de toda a Lombardia-Venécia, salvo a própria Veneza, onde a República de San Marco foi proclamada sob Daniele Manin.

Enquanto Radetzky consolidou o controle da Lombardia-Venécia, os assuntos tomaram um rumo mais sério em outras partes da Itália. Os monarcas que concordaram relutantemente com as constituições em março entraram em conflito com seus ministros constitucionais. No início, as repúblicas tinham a vantagem, forçando os monarcas a fugir de suas capitais, incluindo o papa Pio IX.

Inicialmente, Pio IX tinha sido uma espécie de reformador, mas os conflitos com os revolucionários azedaram-no na ideia de governo constitucional. Em novembro de 1848, após o assassinato de seu ministro Pellegrino Rossi, Pio IX fugiu pouco antes de Giuseppe Garibaldi e outros patriotas chegarem a Roma. No início de 1849, foram realizadas eleições para uma **Assembleia** Constituinte, que proclamou uma República Romana em 9 de fevereiro. Em 2 de fevereiro de 1849, em uma manifestação política realizada no Teatro Apollo, um jovem padre romano, o abade Carlo Arduini, fez um discurso em que declarara que o poder temporal dos papas era uma "mentira histórica, uma impostura política". e uma imoralidade religiosa ". No início de março de 1849, Giuseppe Mazzini chegou a Roma e foi nomeado ministro-chefe. Na Constituição da República Romana<sup>17</sup>, a liberdade religiosa era garantida pelo artigo 7, a independência do papa como chefe da Igreja Católica era garantida pelo artigo 8 do Principi fondamentali, enquanto a pena de morte foi abolida pelo artigo 5, e educação pública gratuita foi fornecida pelo artigo 8 do Titolo I.

Antes que os poderes pudessem responder à fundação da República Romana, Charles Albert, cujo exército havia sido treinado pelo exilado general polonês Albert Chrzanowski, renovou a guerra com a Áustria. Ele foi rapidamente derrotado por Radetzky em Novara em 23 de março de 1849. Charles Albert abdicou em favor de seu filho, Victor Emmanuel II, e as ambições piemontesas de unir a Itália ou conquistar a Lombardia foram, por ora, encerradas. A guerra terminou com um tratado assinado em 9 de agosto. Uma revolta popular irrompeu em Brescia no mesmo dia da derrota em Novara, mas foi reprimida pelos austríacos dez dias depois.

Restavam as repúblicas romana e veneziana. Em abril, uma força francesa de Charles Oudinot foi enviada a Roma. Aparentemente, os franceses primeiro quiseram mediar entre o papa e seus súditos, mas logo os franceses estavam determinados a restaurar o papa. Após um cerco de dois meses, Roma capitulou em 29 de junho de 1849 e o papa foi restaurado. Garibaldi e Mazzini mais uma vez fugiram para o exílio em 1850, e Garibaldi foi para Nova York.

---

17 O texto completo da constituição da república romana pode ser encontrado no link [http://www.liberliber.it/mediateca/libri/r/repubblica\\_romana\\_1849/costituzione\\_della\\_repubblica\\_etc/pdf/costit\\_p.pdf](http://www.liberliber.it/mediateca/libri/r/repubblica_romana_1849/costituzione_della_repubblica_etc/pdf/costit_p.pdf)

Os austríacos cercaram Veneza, que foi defendida por um exército voluntário liderado por Daniele Manin e Guglielmo Pepe, que foram forçados a se render em 24 de agosto. Combatentes pró-independência foram enforcados em massa em Belfiore, enquanto os austríacos partiram em busca da restauração da ordem no centro da Itália, trazendo de volta os príncipes que haviam sido expulsos e estabelecendo seu controle sobre as Legações Pontifícias. As revoluções foram completamente esmagadas.

O sonho do *Risorgimento* havia sido adiado, mas continuava vivo. Porém modificaram as suas estratégias para que uma unificação pudesse ocorrer. Como sabiam que militarmente não possuíam força contra exércitos como o francês e o austríaco, viam a necessidade de conseguir apoio de um aliado. A França era vista como um aliado em potencial, e os patriotas italianos chegaram a dar Nice e Savoia aos franceses no ano de 1860.

Outra questão que preocupava os patriotas era o Papa, que para eles jamais poderia ser o líder de uma Itália unificada. E por último passaram a ver o republicanismo como uma fraqueza, e buscaram uma unificação baseada numa forte monarquia, o que os faria depender do Piemonte, que agora tinha o Rei Victor Emmanuel II da Casa de Savoia, como soberano.

O Conde Cavour forneceu liderança crítica ao rei. Cavour possuía interesses no desenvolvimento agrário, bancos, linhas de trem e liberdade de comércio. Fundou um jornal chamado *Il Risorgimento*, que clamava pela independência da Itália, uma liga de príncipes italianos e reformas moderadas. No ano de 1852 ele se tornou primeiro ministro, fazendo um governo ativo e promovendo uma modernização econômica ao mesmo tempo em que atualizava a administração do exército e dos sistemas de leis e de finanças. Cavour buscou apoio de patriotas ao longo de toda a Itália. No ano de 1855, o reino passou a ser um aliado de França e Grã-Bretanha na Guerra da Crimeia, que deu a Cavour<sup>18</sup> a legitimidade diplomática aos olhos das grandes potências.

Dois anos depois, em 1857, Carlo Pisacane, um seguidor das ideias de Mazzini e que era um aristocrata de Nápoles, decidiu provocar uma insurreição no Reino das Duas Sicílias. Entretanto, embora suas forças tenham libertado dezenas de prisioneiros e

---

18 Dal Lago, Enrico. "Lincoln, Cavour, and National Unification: American Republicanism and Italian Liberal Nationalism in Comparative Perspective." *The Journal of the Civil War Era*, vol. 3 no. 1, 2013, pp. 85-113

dominado guardas, não conseguiu provocar uma revolta e ele e os outros invasores foram rapidamente derrotados, e Pisacane foi morto pelos próprios habitantes da ilha.

Em 1859, Cavour forja secretamente uma aliança com Napoleão III e provoca a Áustria com manobras militares que ocasionam a Segunda Guerra de Independência italiana. O exército do reino de Piemonte-Sardenha consistia em apenas 70 mil homens, o que significava que os austríacos possuíam o dobro da força. Porém, como o exército austríaco teve uma liderança ineficiente, demorando quase dez dias para viajar os 80 quilômetros até a capital do reino. Os franceses chegaram a tempo para reforçar o reino, o que fez com que os austríacos recuassem. Na batalha de Solferino, a França derrotou a Áustria, e forçou negociações de termos. A Lombardia foi anexada ao reino de Piemonte-Sardenha e a Áustria continuou a controlar Veneto.

No início de 1860 só existiam cinco estados na península itálica<sup>19</sup>: os austríacos em Veneto, os estados papais (exceto as legações), o novo reino expandido de Piemonte-Sardenha, o reino das Duas Sicílias e San Marino. Garibaldi, que era nativo de Nice, estava inconformado com a anexação francesa de sua cidade natal e esperava usar seus apoiadores para recuperar o território, o que fez com que Cavour temesse uma guerra contra a França, convencendo Garibaldi a usar suas forças nas rebeliões que aconteciam no reino das Duas Sicílias, que era a união entre o reino da Sicília e do Reino de Nápoles. Em maio ele partiu para atacar a ilha da Sicília, e em setembro o reino de Nápoles. O rei das Duas Sicílias, Francisco II, se refugiou na fortaleza de Gaeta, até que se rendesse. Agora restavam apenas Roma e Veneto. Em março de 1861, Victor Emmanuel foi proclamado rei da Itália pelo parlamento. Roma também foi proclamada a capital da Itália, mesmo que sequer estivesse no novo reino.

Em 1866, estourou a guerra entre a Áustria e a Prússia, o que possibilitou ao reino da Itália a captura de Veneto, que estava sob a posse austríaca. A guerra com a Áustria é chamada de Terceira Guerra de Independência italiana. Como a Áustria foi derrotada pela Prússia, o imperador Franz Joseph cedeu a região de Veneto a Napoleão III, que abdicou do território por conta da anexação do território de Savoia e de Nice, duas províncias cedidas pelos italianos aos franceses anteriormente.

---

19 Seaman, L. C. B. "Proved Only Negative Propositions" em Delzell, Charles. *The Unification of Italy, 1859-1861: Cavour, Mazzini or Garibaldi?*. New York: Hold, Rinehart and Winston, 1980, pp. 72

Os italianos ainda demorariam anos para chegar em Roma, precisando de acordos com os franceses para que retirassem suas tropas gradativamente dos arredores da cidade, e em dezembro de 1866 as últimas tropas francesas sob Napoleão III deixavam Roma. Como o Papa estava construindo um exército próprio, a tentativa que Garibaldi fez em 1867 de invadir Roma foi fracassada por conta de forças francesas auxiliares que passaram a fazer parte do exército papal. Uma guarnição francesa permaneceu em Civitavecchia até que foi convocada em agosto de 1870 para lutar na guerra franco-prussiana. Com a cidade desprotegida das legiões francesas, o reino da Itália anexou Roma. A unificação italiana estava completa, sobretudo nos interesses do antigo Reino de Piemonte-Sardenha.

## **1.2 O surgimento do conceito de socialismo**

Para Koselleck<sup>20</sup>, a batalha semântica empreendida para definir, manter ou impor posições políticas e sociais por conta das definições é parte integrante de todas as épocas em que crises foram registradas em fontes escritas. O historiador afirma ainda que tal batalha chegou a se intensificar ainda mais após a Revolução Francesa, e ganhou também uma nova estrutura, pois ao invés de os conceitos possuírem a função de apreender os fatos desta ou daquela maneira, eles apontam para o futuro.

Ou seja, posições, privilégios e benefícios ainda não conquistados foram antes construídos na linguagem. Dessa maneira, ainda segundo Koselleck, o conteúdo empírico presente no conceito diminuiu, dando espaço à exigência da realização futura deles. Cada vez mais o conteúdo empírico se afastava do campo de expectativa. A partir daí, podemos incluir também, ainda de acordo com o historiador alemão, a criação dos numerosos ismos presentes na modernidade, que funcionaram como conceitos para agrupar e mobilizar massas que, estruturalmente, estavam desarticuladas. A miríade de sentidos para tais expressões varia desde o clichê até o conceito mais bem definido academicamente. Koselleck se refere ao conservadorismo, liberalismo e socialismo.

---

20 Koselleck, Reinhart. Futuro Passado: Contribuição à semântica dos tempos históricos. Rio de Janeiro: Contraponto: PUC-Rio, 2006, pp. 102

De acordo com o Volume 9 da “*A New English Dictionary on Historical Principles*”, o conceito “socialismo” foi usado pela primeira vez por Pierre Leroux, em 1832, no jornal liberal *Le Globe*. Num artigo publicado em 1834, intitulado “Individualismo e Socialismo”, em suas próprias palavras, Leroux se define socialista, no sentido em que o socialismo não somente não sacrificaria nenhum dos três princípios da revolução francesa, a liberdade, a igualdade e a fraternidade, mas também os uniria.<sup>21</sup>

No artigo *Early European Socialism*, de Jonathan Beecher, publicado no livro *The Oxford Handbook of the History of Political Philosophy*, o autor explica que embora outros já tivessem usado o termo, Leroux estava certo em afirmar que o popularizou, bem como também estava correto em apontar que no começo o socialismo contrastava explicitamente ao egoísmo e individualismo.<sup>22</sup>

De acordo com Robert Service<sup>23</sup> é aqui que surgem movimentos de busca da igualdade material na Europa pós-revolução francesa. Entre alguns dos seus expoentes estão Henri de Saint Simon, Charles Fourier e Robert Owen.

Ainda segundo Beecher, seria apenas durante as revoluções de 1848 que a palavra socialismo passou a ter um uso comum na França. Antes disso, segundo Stern<sup>24</sup>, os movimentos eram denominados de maneiras isoladas, como por exemplo o saint-simonismo, fourierismo, babouvismo, sem associá-los ao princípio comum que fez com que fosse possível designá-los sob um termo geral de “socialismo”. Beecher explica que o princípio comum pode ter diferentes óticas, dependendo da definição. Num sentido moderno, diríamos que a palavra socialismo se refere a um movimento ou teoria de organização social que defenda a propriedade e o controle coletivo e democrático dos meios de produção e distribuição dos bens. Não deixaríamos de mencionar também a importância da cooperação, planejamento e propriedade pública contrastada com a competição e busca de lucros dos empreendedores sob o capitalismo. Beecher, entretanto, afirma que tal definição do conceito dificilmente é

---

21 Volume 9, Part 1 of *A New English Dictionary on Historical Principles*, entry "Socialism," Clarendon Press, Oxford, 1888, pp. 358

22 Beecher, Jonathan. “*Early European Socialism*” in *The History of Political Philosophy*. Oxford University Press, 2011

23 Service, Robert. *Camaradas: Uma história do comunismo mundial*; trad. Milton Chaves de Almeida. 3. Ed. Rio de Janeiro: DIFEL, 2015, pp. 33

24 Stern, Daniel. *Histoire de la Revolution de 1848*. Paris: Charpentier, 1862, pp. 33

adequada quando se fala nos primeiros socialistas, que escreviam num sentido mais amplo acerca da desintegração moral e social.

O socialismo, sendo um fenômeno histórico, se desenvolvendo e se modificando ao longo do tempo, é um conceito que dificilmente pode ser apreendido por definições generalizantes, pois definições puras ou limpas se desmancham quando confrontadas com uma miríade de diferentes e variadas aspirações.

Saint Simon e seus seguidores lutavam pela combinação dos instrumentos de trabalho, terra e capital num fundo social. A herança também deveria ser abolida. Saint Simon pretendia, ainda segundo Service, criar uma ampla associação de trabalhadores que deveriam ser organizados a partir de cima. A doutrina de Saint Simon organizaria os trabalhadores de acordo com seus talentos e os recompensaria de acordo com o trabalho, além de defender o fim das guerras e o início de uma era de prosperidade sem fim para a humanidade. Charles Fourier elaborou a proposição de que o povo deveria se recolher aos falanstérios onde formaria comunidades auto-organizadas. Pierre-Joseph Proudhon foi outro autor francês que pretendia remover o estado do centro da estratégia revolucionária. Seu slogan mais famoso era o “Propriedade é roubo!”. Proudhon odiava toda a autoridade e desprezava qualquer forma planejada de ditadura do socialismo. Sua descrença no governo o fez clamar por uma federação livre de comunas independentes. Ele rejeitava todas as leis como instrumentos de opressão e queria que as comunas fizessem acordos umas com as outras sobre como seus membros deveriam viver.<sup>25</sup>

Tempos depois, Karl Marx e Friedrich Engels representaram, ou ao menos, autoproclamaram-se representantes, de uma corrente científica do socialismo, que chamaram de socialismo científico. O termo “socialismo científico”, cunhado por Proudhon no livro *O que é a Propriedade*, de 1840, foi apropriado por Marx e Engels. No sentido original, do pensador anarquista, socialismo científico significaria uma sociedade governada por um governo científico, em que a sua soberania estivesse ancorada na razão, ao invés da vontade absoluta. No uso de Engels, o sentido era para descrever a teoria social, política e econômica de Karl Marx. A alegação para justificar

---

25 Service, Robert. *Camaradas: Uma história do comunismo mundial*; trad. Milton Chaves de Almeida. 3. Ed. Rio de Janeiro: DIFEL, 2015, pp. 33-34

tal emprego do termo seria baseada na ideia de que esta forma de socialismo estaria ancorada no método científico.<sup>26</sup>

Como afirma Beecher, enquanto alguns socialistas defendiam a extensão do poder estatal, outros desejavam eliminar o estado. Alguns eram revolucionários (no sentido moderno do termo), outros defendiam a via parlamentar. Uns defendiam a teoria da luta de classes, enquanto outros defendiam a colaboração entre as classes. Havia ainda os que defendiam a abolição da propriedade privada, enquanto outros buscavam uma combinação entre o gerenciamento público com a extensão do controle privado ao menos em algumas esferas. Ou seja, eram muitas visões variadas e aparentemente, também contraditórias, acerca do “socialismo”, que a própria palavra seria em si mesma sem significado.

Outro problema que confronta quem quer que tente fazer um estudo histórico acerca do socialismo é que a sua história foi escrita baseada em dois pressupostos, de acordo com Beecher. Um deles é que teria sido apenas com o trabalho de Karl Marx e Friedrich Engels que o socialismo se estabeleceu e seguiu os passos da ciência. A outra é que os movimentos da classe trabalhadora foram, ou seriam os portadores do socialismo. Atualmente nenhum dos dois pressupostos se sustenta, e podemos hoje ver distintas formas de socialismo, começando com as românticas ou utópicas dos anos 30 e 40 do século XIX e culminam nos socialismos de cunho identitário ou ecológico dos dias atuais.<sup>27</sup>

O marxismo era uma das novas formas de socialismo na Europa em que o dito socialismo romântico, ou como Engels caracterizou: “utópico”, proliferava. Para fins didáticos, vou apresentar o marxismo aqui como uma cultura. Uma cultura tão ampla que teve a capacidade de abarcar desde Lênin, Gramsci, Lukács e Trotsky, passando por Georges Sorel, Mussolini, Robert Michels, Benedetto Croce e Nicola Bombacci, apenas para citar alguns dos pensadores e atores políticos que tiveram relações profundas com o marxismo.

Como podemos observar, antes do surgimento do complexo sistema de ideias que viriam a formar o que denominamos como marxismo, já existiam pensadores das mais

---

26 Proudhon, Pierre-Joseph. *What is Property?* Cambridge University Press, 1994, pp. 208-209

27 Beecher, Jonathan. “*Early European Socialism*” in *The History of Political Philosophy*. Oxford University Press, 2011, pp. 370-371

diversas correntes teorizando e buscando colocar em prática suas visões sobre o que seria o socialismo. Ao longo das décadas, e até os dias de hoje, com pelo menos 150 anos de história, o conceito de socialismo passou por mudanças, sobretudo pelas apropriações feitas pelos inúmeros movimentos marxistas, muito embora também tivesse expressão em outras correntes, sejam elas “utópicas”, reformistas (que ganham essas alcunhas de maneira negativa, como no caso da social democracia, por exemplo) e revolucionárias (correntes anarquistas e libertárias).

Intimamente ligado com o socialismo está o conceito de revolução. Também passa por mudanças no seu significado ao longo dos tempos. Como diz o pesquisador Crane Brinton, no seu famoso livro *The Anatomy of Revolution*, a revolução é uma palavra solta, um conceito elástico. Brinton diz que o uso comum da palavra revolução passa a ser sinônimo de “mudança”, com uma conotação de que seria uma modificação clara e repentina. Outro motivo para o problema do conceito de revolução, além do uso popular, é a carga emocional de conteúdo presente.

Brinton afirma que qualquer sociologia da revolução no mundo ocidental, deixando claro que seu livro não chegaria a tal lugar, deveria levar em consideração a maneira que os diferentes grupos em tempos também distintos se moveram através de associações complexas de revolução ou revolucionários.<sup>28</sup>

O sentido original da palavra revolução, em termos políticos, de acordo com o Dicionário de Política organizado por Norberto Bobbio, Nicola Matteucci e Gianfranco Pasquino, significava um retorno a um estado antecedente de coisas, a uma ordem já estabelecida que havia sido perturbada. A revolução inglesa de 1688, que acaba com a guerra civil e restaura a monarquia se encaixa em tal definição do conceito. Mesmo as revoluções americana e francesa, no início, pareciam estar também adequadas a tal sentido, pois eram vistas também como um retorno a um estado justo e ordenado, perturbado pelos excessos, num caso, pelo governo colonial inglês, no outro, pela coroa francesa representada pela dinastia borbônica.<sup>29</sup>

---

28 Brinton, Crane. *The Anatomy of Revolution*. Primeira edição, 1938. Edição revisada, Nova Iorque: Vintage Books. 1956, pp. 3-4

29 Bobbio, Norberto. Dicionário de Política. Décima Primeira edição, Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1998, pp. 1123

É na Revolução Francesa que ocorre a mudança mais significativa do conceito de revolução. A revolução passa da restauração da ordem perturbada pelas próprias autoridades para a confiança na criação de uma ordem nova. Outra modificação diz respeito às velhas instituições, que era onde a liberdade era buscada, porém agora eram criados novos mecanismos e instrumentos de liberdade, diferentes dos anteriores. A revolução é a razão que se levanta contra a tradição criando leis que assegurem liberdade e felicidade ao povo. Como diz Hannah Arendt no livro *Da Revolução*, o conceito moderno de revolução, que se liga à noção de que o curso da História começa de um novo caminho, e de que uma História nova e desconhecida está para se desenrolar, não era conhecido antes das revoluções do século XVIII. Uma vez que o curso da revolução estivesse iniciado, o seu significado passa a ser ligado de maneira intrínseca à ideias de liberdade. E para compreender as revoluções da idade moderna, passa a ser crucial, segundo Arendt, que as ideias de liberdade e a experiência de um novo começo sejam coincidentes.<sup>30</sup>

É quando Karl Marx, que coloca a revolução ainda em outro patamar, como o motor da história, que acelera a queda da velha ordem e anuncia o advento da nova. O marxismo impõe que certas condições objetivas e subjetivas sejam alcançadas para que o momento histórico de uma transição revolucionária do poder possa ser condicionado ou determinado. Entre as condições objetivas estariam as forças produtivas e as relações sociais da produção, por um lado, e a organização do poder político, pelo outro.

Uma das apropriações dos conceitos de socialismo, revolução e violência e que nos interessa no presente trabalho, é a que foi elaborada pelo supracitado pensador Georges Sorel<sup>31</sup>. Nascido em 1847, torna-se um socialista já numa idade tardia, sendo um importante porta-voz do pensamento socialista intransigente da França. Sorel se torna um dos principais teóricos do sindicalismo revolucionário francês.

---

30 Arendt, Hannah. *Da Revolução*. São Paulo: Editora Ática, 1988, pp. 23

31 Um artigo interessante acerca do pensamento de Sorel e como ele foi recebido por outros marxistas, em contextos diferentes, é o de Michael Lowy, *Georg Lukács e Georges Sorel* (1997). Lukács, analisando sua evolução política entre os anos 1917 e 1918, descreve Sorel como a sua principal e mais forte influência na sua evolução “espiritual”, deixando claro que teve pontos positivos e negativos. Da parte positiva, Lukács diz que Sorel reforçou a sua recusa em toda interpretação revisionista da teoria marxista. Da parte negativa, o marxista húngaro fala sobre o fato de uma concepção de partido que mistificava a “pura e direta” luta de classes ter se tornado dominante em sua perspectiva teórica.

### 1.3 Georges Sorel e a revisão do marxismo

Sorel estudou na *École polytechnique*, tornando-se engenheiro, trabalhando até o ano de 1892. Os seus primeiros escritos foram publicados pouco depois de sua aposentadoria. Segundo Kolakowski<sup>32</sup> é em 1893 que Sorel passa a se interessar por Marx e também por um movimento sindicalista antipolítico parcialmente baseado em Proudhon, Bakunin e em outras tradições anarquistas, que tinha como organizador Fernand Pelloutier, o sindicalismo que posteriormente se adjetivaria como revolucionário<sup>33</sup>. Durante a década de 1890, Sorel publica alguns trabalhos e também escreve para o *L'ère Nouvelle* e para o *Devenir Social*. Ainda para Kolakowski, o político e pensador marxista alemão Eduard Bernstein exerceu alguma influência no pensamento de Sorel, sobretudo na crítica ao marxismo ortodoxo, ainda que as críticas de Sorel seguissem caminhos diferentes. Sorel passava a ser cada vez mais crítico das organizações partidárias socialistas, da democracia parlamentar e de um socialismo político que buscava contrapor o sindicalismo.

O sindicalismo revolucionário era uma corrente que surgiu em reação ao chamado “reformismo” dos marxistas ortodoxos. De acordo com Gregor<sup>34</sup>, por volta de 1901, Sorel perdeu o seu entusiasmo pela democracia parlamentar, pois enxergava tal sistema como baseado em associações corruptas entre os variados agentes e grupos de interesse que compõem a nação. Sorel chegou mesmo a comparar a atividade parlamentar com uma forma de prostituição em que os ideais são postos de lado por conta de vantagens imediatas e frequentemente, temporárias.

Em 1902, após a *Confédération Générale du Travail* (CGT), lançar uma série de greves, o sindicalismo se torna o principal foco de atenção de Sorel. Quatro anos depois, a CGT adota a “Carta de Amiens”, que anuncia a união, fora de qualquer

---

32 Kolakowski, Leszek. *Main Currents of Marxism: The Founders*. Oxford University Press, 1978, pp.155

33 Pelloutier junto com James Guillaume, que era discípulo de Bakunin desde a AIT, e Emile Pouget, fundam a CGT, Confédération Générale du Travail, na França em 1895. Para mais informações sobre as relações umbilicais entre sindicalismo (revolucionário) e anarquismo, ver Maurizio Antonioli, *Bakounine entre syndicalisme révolutionnaire et anarchisme* (2014) Paris: Noire et rouge.

34 Gregor, Anthony James. *Young Mussolini and the intellectual origins of Fascism*. Berkeley: University of California Press, 1979, pp. 22

escola política de pensamento, de todos os trabalhadores conscientes da luta necessária para conseguir acabar com a existência de assalariados e empregadores.

O papel central dos sindicatos para Sorel aparece no sentido em que ele defendia a organização dos trabalhadores em tais estruturas, em que os ideais e a consciência socialista seriam fomentados numa luta direta com as classes inimigas do proletariado. Ainda de acordo com Gregor, o pensador francês via os sindicatos como os meios para que os valores heroicos que tinham se perdido pelas condições da democracia parlamentar pudessem novamente florescer.

Para Jennings<sup>35</sup> o sindicalismo, dessa maneira, era o partido do trabalho. Desprezava a política, a república e o patriotismo. Nos embates com empregadores e com o estado, os sindicatos acusam o que chamaram de governo de assassinos. Através de greves os sindicatos pretendiam levar o capitalismo ao fim, substituindo-o não por um socialismo de estado, mas por uma sociedade de produtores. O movimento sindicalista floresceu independentemente de Sorel, e este nem mesmo estaria sempre de acordo com as proposições do movimento. Uma das coisas nunca endossadas por Sorel era a sabotagem das indústrias. Mas, para ele, o sindicalismo representava aquilo que era verdadeiro no marxismo, fornecendo substância para a sua ideia central de luta de classes, que levaria à uma revolução catastrófica. Sorel notou que as greves e o seu desenrolar incluíam uma série de atos de violência, e por conta disso, segundo ele “se desejamos discutir socialismo, devemos primeiramente investigar as funções da violência nas condições sociais atuais”.<sup>36</sup>

Em outro momento, durante o caso Dreyfus, Sorel apoia a causa do oficial judeu, aprisionado erroneamente por traição. A defesa de Dreyfus derivaria de um impulso ético que definia o socialismo, e que significava que os conceitos de moralidade e justiça demonstravam uma conduta socialista. O caso forneceu um segundo contexto para as reflexões feitas por Sorel acerca da violência. O desfecho do caso deixou Sorel com uma sensação de que havia sido traído, pois em sua visão, com a vitória do *Bloc des Gauches* (bloco das esquerdas), a defesa do republicanismo se transformou em uma desculpa para o carreirismo político.

---

35 Sorel, Georges. *Reflections on Violence*. Cambridge University Press, 1999, pp. viii-ix

36 Sorel, Georges. *Reflections on Violence*. Cambridge University Press, 1999, pp. 39

No segundo volume de sua principal obra acerca do marxismo, *Main Currents of Marxism*, o filósofo e historiador polonês Leszek Kolakowski dedica um capítulo inteiro para comentar sobre a relação de Sorel com aquela corrente política. Para Kolakowski, Sorel se manteve alheio aos palcos políticos e partidários, não escrevendo tratados sobre o materialismo histórico. Além disso, não era membro de nenhum movimento político que alegasse descendência do pensamento de Marx. Ainda que Sorel tenha tomado posições e comentado sobre os principais problemas e questões de seu tempo, não fez isso “de dentro” de um movimento, mas sim como uma espécie de *outsider*. Do ponto de vista do marxismo, para Kolakowski, Sorel poderia ser considerado como uma espécie de odisseia accidental, já que no início de sua carreira ele pouco tinha em comum com a teoria, e o seu nome quase não aparece em desenvolvimentos posteriores dela. Porém, diz Kolakowski, na época dos seus principais escritos, Sorel não apenas se considerava um marxista, como também acreditava que poderia extrair o núcleo da filosofia de Marx, isto é, a luta de classes e a independência do proletariado, e contrapor o próprio Marx bem como a ortodoxia que lhe era contemporânea, fosse ela reformista ou revolucionária.

Sorel pretendia tornar o marxismo moralmente e doutrinalmente puro. As fontes para que tal empreitada fosse, senão alcançada, ao menos perseguida, eram variadas. Porém formariam uma colcha de retalhos extremamente coerente, ainda de acordo com Kolakowski.<sup>37</sup>

Entre as variadas fontes de inspiração de Sorel em sua busca de uma doutrina pura, poderemos lembrar de Gustave Le Bon. De acordo com Gregor<sup>38</sup>, desde a conversão de Sorel ao marxismo, o pensador francês demonstrava preocupação com a psicologia individual e coletiva, com os fatores morais e ideais que ajudam a explicar os comportamentos individuais e coletivos. A obra famosa de Le Bon, *Psychologie des foules* (Psicologia das multidões), foi revisada por Sorel em 1895, na edição de novembro da revista *Devenir Social*.

---

37 Kolakowski, Leszek. *Main Currents of Marxism: The Founders*. Oxford University Press, 1978, pp. 149

38 Gregor, Anthony James. *Young Mussolini and the intellectual origins of Fascism*. Berkeley: University of California Press, 1979, pp. 23

Le Bon fala em sua obra acerca das alucinações coletivas que impulsionam o homem a buscar arriscadas empreitadas, e também das ficções coletivas que o levam a fazer ações altruístas. Sorel, por volta de 1900, argumentava que o comportamento dos homens era influenciado consideravelmente por fatores psicológicos, e que qualquer revolução deveria levar em conta os ideais que produziam comportamentos auto-sustentáveis e intencionais. O que faltava ao marxismo, de acordo com Sorel, seria uma teoria psicológica competente, que pudesse relacionar os comportamentos coletivos às realidades sociais e econômicas de qualquer período determinado. Para ele, as convicções de Marx acerca da psicologia individual ou coletiva jamais foram enfatizadas de uma maneira científica. Em 1897, no prefácio do livro de Antonio Labriola, *Essays on the Materialist Conception of History*, Sorel clama por uma definição teórica e responsável da psicologia do materialismo histórico. Voltaremos a Labriola mais adiante, no presente capítulo, e também nos seguintes.

O pensamento soreliano também possui a influência de Bergson, sobretudo no estilo característico deste. Bergson coloca em conflito a percepção intuitiva global e o pensamento analítico. Sorel coloca em conflito o mito e a utopia. Outra influência de Bergson, ressaltada por Kolakowski<sup>39</sup> e Sternhell<sup>40</sup>, está nos meios conceituais para confrontar respectivamente o determinismo científico e o cientificismo. Outras contribuições incluem a noção de inexpressibilidade do concreto, que possibilitou que Sorel pudesse defender sua ideia de mito contra o argumento racional. Além disso, o conceito de espontaneidade imprevisível se contrapõe à crença da previsibilidade dos processos sociais.

Giambattista Vico contribuiu com Sorel com o conceito de *ricorso*. Tal conceito tem o sentido de um retorno cíclico da humanidade às suas próprias fontes perdidas. A revolução proletária seria uma espécie de retorno desse tipo, uma redescoberta dos valores primordiais com raízes na moralidade tribal.

As questões morais estavam no cerne do pensamento soreliano. Para Gregor um dos elementos característicos de Sorel era a preocupação com o que era chamado de

---

39 Kolakowski, Leszek. *Main Currents of Marxism: The Founders*. Oxford University Press, 1978, pp. 152

40 Sternhell, Zeev. *The Birth of Fascist Ideology: From Cultural Rebellion to Political Revolution*. New Jersey: Princeton University Press, 1994, pp. 24

moralismo proudhoniano. O cientista político americano afirma que, em retrospecto, fica claro que o marxismo de Sorel era inspirado por uma dedicação à regeneração moral da Europa.

Sorel também foi influenciado, especialmente na fase inicial, não marxista, por pensadores expoentes do liberal conservadorismo, como por exemplo Tocqueville, Taine e Renan, conforme Kolakowski. Com eles, Sorel aprendeu a abordar a política de maneira sóbria, a perceber a corrupção nas instituições democráticas e os interesses que estão debaixo da retórica humanista.<sup>41</sup>

Era como marxista que Sorel se levantava para defender valores que estavam historicamente associados à direita, como por exemplo a defesa do casamento e da família, solidariedade tribal, honra e tradição. A partir desse variado leque de influências, Sorel construiu um todo ideológico que mesclava valores tradicionais e combinava ideias de maneira diversa de seus antecessores e também de suas próprias influências.

Sua principal obra de cunho marxista, sobretudo com a sua interpretação *sui generis* de Marx, é o livro *Réflexions sur la violence*, publicado originalmente em 1908. Outros trabalhos que se destacam são *Les Illusions du progrès*, *Matériaux d'une théorie du prolétariat* e *La Décomposition du marxisme*. Os primeiros dois ensaios apareceram no jornal editado por Hubert Lagardelle, *Le Mouvement socialiste*.

Nas Reflexões, Sorel desenvolve as ideias de violência, mito e greve geral<sup>42</sup>. Celebrando as ações do proletariado, tidas por ele como heroicas, Sorel as enxergava como um meio para salvar o mundo moderno da decadência, ao mesmo tempo em que o espírito capitalista da burguesia seria revigorado. Conforme foi mencionado anteriormente, o sindicalismo e o caso Dreyfus proporcionam o contexto político imediato para as reflexões sobre a violência.

---

41 Kolakowski, Leszek. *Main Currents of Marxism: The Founders*. Oxford University Press, 1978, pp. 152

42 A ideia de greve geral como mecanismo desestabilizador do sistema capitalista já fora lançada por Bakunin e seguidores ligados à Federação do Jura (Carlo Cafiero, James Guillaume, Andrea Costa) desde 1871 no seio da proliferação das seções internacionalistas na Suíça, França e Itália, principalmente. Ver Gualtiero Marini, *Revolução, Anarquia e Comunismo: Às Origens do Socialismo Internacionalista Italiano (1871-1876)*. Tese de Doutorado em História. Universidade Estadual de Campinas, 2017.

Na introdução do livro, que é uma carta endereçada à Daniel Halévy, historiador francês que anos mais tarde endossaria o regime francês de Vichy, embora não fosse simpatizante da Itália fascista nem da Alemanha Nazista, Sorel explica com detalhes a sua teoria dos mitos sociais. Sorel, diz na carta que suas reflexões irritaram muitos por conta de sua concepção pessimista que embasa todo o estudo, porém Halévy não compartilharia de tais opiniões, e para tal, Sorel usa o livro de Halévy<sup>43</sup> como fonte, *Histoire de quatre ans*, dizendo que o historiador francês despreza as esperanças decepcionantes com as quais os fracos se consolam. Dessa maneira, os dois poderiam discutir livremente entre si acerca do pessimismo.

Ainda na carta, Sorel fala sobre os sucessos grandiosos obtidos pela civilização industrial terem criado a crença de que num futuro próximo a felicidade poderia ser produzida automaticamente para todos. Ele explica que normalmente a palavra é empregada de maneira incorreta, pois entendemos como se os pessimistas fossem uma espécie de otimistas desiludidos. Coloca como exemplo, quando vemos um homem que passou pelos mais variados infortúnios em suas empreitadas, humilhações em suas afeições, e ele expressa sua tristeza na forma de uma revolta violenta contra a má fé de seus colegas, a estupidez da sociedade ou a cegueira do destino faz com que estejamos dispostos a chamá-lo de pessimista, quando deveríamos quase sempre dizer que ele é um otimista frustrado que não teve a coragem de repensar suas ideias e que não pode entender por que razão tantas desgraças lhe ocorrem, o que contrasta com a lei geral de produção de felicidade.

A descrição de Sorel acerca do otimista é a de um homem perigoso e inconstante, que não mede as dificuldades de seus projetos. Para o otimista seus projetos possuem uma força intrínseca que tem a tendência de realizar tudo o mais de maneira fácil, uma vez que são destinados a produzir mais felicidade.<sup>44</sup>

Em outro trecho, Sorel descreve o otimista na política como um homem que pensa frequentemente em pequenas reformas do sistema político e que membros do governo serão suficientes para dirigir o curso da sociedade de tal maneira que os males do mundo moderno seriam mitigados para as almas sensíveis. O otimista estaria se

---

43 Halévy, Daniel, *Histoire de quatre ans*, 1997–2001. Paris, Cahiers de la Quinzaine, 1903

44 Sorel, Georges. *Reflections on Violence*. Cambridge University Press, 1999, pp. 8-10

movendo da raiva revolucionária para “o mais ridículo pacifismo social”. Vemos aqui uma clara alusão de Sorel aos socialistas ditos “reformistas”. Assim que seus amigos chegam ao poder, o otimista declararia que não é necessário ser tão apressado, que não é apenas o interesse individual que dirige as expressões de satisfação.

O pessimismo seria então, para Sorel, bem diferente das caricaturas apresentadas sobre ele. Sorel o define como uma metafísica da moral ao invés de visão de mundo. É um conceito de marcha para a libertação que é condicionado de uma maneira estreita, de acordo com Sorel, de um lado pelo conhecimento experimental que foi adquirido dos obstáculos que se opõem à satisfação de nossas imaginações. Nesse momento, ele dá o exemplo do sentimento de determinismo social como um símbolo de tais imaginações. Por outro lado, Sorel enfatiza a profunda convicção do pessimista na fraqueza natural do ser humano.<sup>45</sup>

Para ele, existem três aspectos do pessimismo que não poderiam ser separados nunca, embora pouca atenção tenha sido dada para suas conexões tão intrinsecamente ligadas:

O primeiro aspecto seria que o conceito do pessimismo deriva do fato de que os historiadores da literatura foram atingidos pelas queixas dos grandes poetas da antiguidade sobre a tristeza e a dor que ameaçam constantemente a humanidade. Sorel diz que existem poucas pessoas que não tenham experimentado ao menos uma vez uma benção ou boa sorte, porém estaríamos cercados de forças maléficas que sempre tentam nos emboscar e derrotar.

Partiria daí, para ele, o sofrimento real que conquistou a simpatia de todos os homens, mesmo aqueles que foram tocados pela boa sorte, uma vez que a literatura sobre a dor e a tristeza possuiu um lugar de destaque ao longo de toda a história.

Num segundo aspecto, a visão de Sorel é a de que o pessimista entende que as condições sociais formam um sistema ligado por uma lei de ferro que não pode ser evitada, na forma de um bloco. Tal bloco só poderia desaparecer através de uma catástrofe que envolvesse o todo. Partindo de tais premissas, parece absurdo a Sorel que os males que a sociedade padece sejam atribuídos apenas a poucos homens maus ou maliciosos.

---

45 Ibid, pp. 10-11

No terceiro e último aspecto enfatizado por Sorel, que é para ele o elemento mais fundamental do pessimismo, é o método descrito por ele como a concepção de um caminho para a libertação. Para Sorel um homem não iria longe no exame das leis de suas próprias misérias ou do destino, se ele não buscasse ou fosse guiado pela esperança de que pudesse colocar um fim para as tiranias por meio de um esforço dele e de seus companheiros.

Nesse momento, Sorel faz alusão aos cristãos, dizendo que eles não teriam falado tanto sobre o pecado original se não sentissem a necessidade de falar sobre a justificação da libertação/salvação, que foi o resultado da morte de Jesus, supondo que seu sacrifício foi feito necessário pelos crimes atribuídos à humanidade.

Sobre a violência, Sorel afirma que sua concepção do papel histórico dela não pode ser reconciliada com a noção da filosofia da lei natural de força. As doutrinas escolásticas da lei natural são uma mera tautologia para Sorel. Para ele, a violência proletária muda completamente a aparência de todos os conflitos em que é empregada, já que se recusa a reconhecer a força organizada pela burguesia e pretende suprimir o Estado que serve como núcleo central. Em tais condições, diz Sorel, não é mais possível que se discuta sobre os direitos originais do homem.<sup>46</sup>

Sorel chama os parlamentares socialistas de prole da burguesia, e que não conhecem nada fora da “ideologia do Estado”, e por conta disso ficam perplexos quando se deparam com a violência proletária, não podem aplicar os lugares e sentidos comuns que normalmente os servem quando falam sobre força, e enxergam com terror os movimentos que podem derrubar as instituições que os mantêm.

O sindicalismo revolucionário, para Sorel, caso triunfasse, acabaria com os discursos sobre “justiça imanente”, não mais existiria um regime parlamentar (antiparlamentarismo) para o uso dos intelectuais (anti intelectualismo). Jean Jaurès<sup>47</sup>, por exemplo, é citado por Sorel falando que sempre orientava os trabalhadores a recorrerem aos meios legais, pois a violência seria um sinal de fraqueza temporária.

---

46 Sorel, Georges. *Reflections on Violence*. Cambridge University Press, 1999, pp. 15-18

47 Jean Jaurès (1859-1914) foi um historiador, líder socialista francês e parlamentar do PSF. Foi o primeiro historiador socialista da Revolução Francesa, fazendo por meio de suas pesquisas a interpretação teórica marxista acerca dos eventos ocorridos.

De acordo com Sorel, infelizmente Marx não teve contato com os fatos que se tornaram cada vez menos peculiares e mais comuns para Sorel e seu tempo. Greves são mais conhecidas neste momento, diz Sorel, do que por Marx em sua época, pois os conflitos econômicos foram observados com extensão e duração consideráveis. Sorel fala sobre a popularidade do mito da greve geral e como ele estaria firmemente estabelecido nas mentes dos trabalhadores.

Suas ideias sobre violência seriam difíceis de serem formadas por Marx, e por conta disso, Sorel esperava completar a doutrina, ao invés de comentar seus textos como seus discípulos fizeram por tanto tempo.

Fazendo uma pequena comparação entre escritores anarquistas, anarquistas que se tornaram sindicalistas e socialistas, Sorel diz que os escritores anarquistas parecem não ter visto de maneira muito favorável a entrada de seus companheiros nos sindicatos. Para ele, tal atitude prova que os anarquistas que se tornam sindicalistas demonstram originalidade, e não aplicam teorias fabricadas em confrarias filosóficas<sup>48</sup>. Os anarquistas que entraram nos sindicatos ensinavam aos trabalhadores que estes não deveriam ter vergonha de atos violentos. Sorel considerava a entrada dos anarquistas nos sindicatos um dos maiores eventos que ocorreram em seu tempo. Enquanto isso, já seria lugar comum atenuar atos de violência no meio socialista.<sup>49</sup> De acordo com Sorel, os novos membros dos sindicatos viam os atos de violência como normais e como manifestações da luta. Seu temperamento revolucionário os levou a tal concepção de violência.

Sorel faz do sindicalismo revolucionário uma analogia com a Reforma Protestante. Enquanto o sindicalismo revolucionário seria uma melhora feita por homens que estavam contrários aos desvios feitos numa direção burguesa, os reformadores religiosos queriam prevenir que o Cristianismo sucumbisse à influência dos humanistas.

---

48 A esse respeito, indicamos a tese do historiador do sindicalismo italiano, Maurizio Antonioli, para quem, na própria origem, o anarquismo bakunista trafegou continuamente entre a construção de um socialismo libertário através de grupos de afinidade ou organizações específicas anarquistas e uma presença nas organizações sindicais. Ver Antonioli, Maurizio. *Bakounine entre syndicalisme révolutionnaire et anarchisme*. Paris: Noire et rouge, 2014

49 Sorel, Georges. *Reflections on Violence*. Cambridge University Press, 1999, pp. 30;35

Para Sorel, é muito difícil entender a violência proletária quando se pensa nos termos das ideias disseminadas por filósofos burgueses, pois para tais filósofos, a violência é um vestígio de barbarismo que estaria fadado ao desaparecimento pelo progresso do iluminismo.

O capitalismo, diz Sorel impulsiona o proletariado para a revolta. Os empresários e chefes usam a força na direção oposta aos desejos de seus trabalhadores. Isso não significa, porém, que o destino do proletariado está selado ou determinado. O proletariado se organiza em torno da influência de outras demandas, como o socialismo, a ideia revolucionária e a preparação para suprimir a classe inimiga. Para Sorel, Marx supunha que a burguesia não precisava ser incitada a usar da força. Porém, tempos mais tarde, a burguesia estaria atuando, de acordo com Sorel, para minar sua própria força. Diante disso, ele se pergunta se a concepção marxista estaria morta, seguida pela resposta negativa, já que a violência proletária entra em cena no mesmo momento em que a concepção de pacifismo social almeja moderar as disputas. O papel da violência proletária seria confinar os empregadores ao seu papel de produtores e teria a tendência de restaurar a estrutura de classes exatamente no momento em que ela parecia misturá-las na confusão democrática.<sup>50</sup>

O historiador das ideias políticas Jeremy Jennings, especializado nos estudos sobre o pensamento sindicalista, organizou a tradução da edição inglesa de Reflexões sobre a violência. Em sua Introdução ao pensamento soreliano, Jennings<sup>51</sup> afirma que existem pelo menos três das conclusões ou perspectivas de Sorel que precisam ser ressaltadas. Primeiramente, Sorel teria sido um dos primeiros na França a ler Marx de maneira séria. O argumento econômico encontrado nas Reflexões é que o marxismo é uma forma de “manchesterianismo”. Nesses termos, o marxismo defenderia que a economia capitalista deveria poder operar sem interferência do estado e sem se preocupar com um estado de bem estar social para os trabalhadores. Ou seja, o capitalismo removeria todos os obstáculos que apareciam, ao mesmo tempo em que os trabalhadores teriam que se preparar para a luta final pela emancipação. Entretanto, como o capitalismo não seguiu este curso, por diversas razões, como por exemplo, paz

---

50 Sorel, Georges. *Reflections on Violence*. Cambridge University Press, 1999, pp. 65;78

51 Sorel, Georges. *Reflections on Violence*. Cambridge University Press, 1999, pp. x

social, unidade territorial nacional e solidariedade entre as classes, o resultado foi a decadência econômica e a não realização da educação técnica, moral e intelectual do proletariado. Sorel acreditava que os trabalhadores deveriam responder com ingratidão negra à benevolência dos empregadores e propagadores do que ele chamava de “socialismo civilizado”.

Em segundo lugar, Sorel, com as já citadas influências de Le Bon<sup>52</sup>, Bergson<sup>53</sup>, assim como Nordau<sup>54</sup> e Ribot<sup>55</sup>, interessou-se pelas fontes não-rationais de motivação humana. Sorel rejeita o que chama de filosofia intelectualista, tal qual o pensamento de Ernest Renan, um cético que acreditava que tudo poderia ser explicado racionalmente, mas que jamais poderia entender como um soldado ou um trabalhador numa greve perpetraram atos heroicos. Sorel acreditava que tais situações não poderiam ser explicadas apenas racionalmente, e os elementos não-rationais seriam também cruciais para que pudessem ser realmente compreendidas.

Por último, Sorel rejeitava um dos conceitos centrais que marcaram o século XIX, que é a ideia de progresso. Algumas influências encontram-se no próprio iluminismo do final do século XVIII, na Revolução Francesa, na secularização de ideias do Cristianismo primitivo e na reelaboração de ideias já presentes na antiguidade. Porém as maiores proeminências no século XIX foram as teorias da evolução propostas por Charles Darwin, e também por Herbert Spencer. Esta última ficou conhecida como darwinismo social, sendo bastante influente até pelo menos os anos 20 do século XX. Sorel era o que podemos chamar de pessimista, favorecendo tal visão em detrimento de visões

---

52 Gustave Le Bon (1841-1931) foi um intelectual francês com interesses em variados campos de conhecimento, que incluíam antropologia, psicologia, sociologia, medicina e física. O seu trabalho mais célebre é o livro *Psychologie des Foules*, que é considerado um dos primeiros trabalhos acerca da psicologia das massas. Le Bon foi um crítico da democracia e também do socialismo. Seus trabalhos foram influentes para variadas figuras famosas, entre políticos e intelectuais de diversas vertentes políticas, tais como Theodore Roosevelt, Sigmund Freud, José Ortega y Gasset, Vladimir Lenin, Benito Mussolini e Adolf Hitler.

53 Henri-Louis Bergson (1859-1941) foi um filósofo francês influente na tradição da filosofia continental durante a primeira metade do século XX. Ele é conhecido por seus argumentos influentes sobre os processos de experiência imediata e intuição serem mais importantes do que o racionalismo abstrato e a ciência para a compreensão da realidade. Sorel compareceu às suas palestras no Collège de France.

54 Max Simon Nordau (1849-1923) foi um médico, crítico social e líder sionista, co-fundador da World Zionist Organization juntamente com Theodor Herzl. Como crítico social, publicou livros que geraram controvérsia, sendo o mais lembrado e citado atualmente o livro *Degeneração*, de 1892.

55 Théodule-Armand Ribot (1839-1916) foi um psicólogo francês que lecionou no Collège de France. Sua tese de doutorado foi sobre a hereditariedade e um estudo psicológico do fenômeno.

otimistas sobre o futuro decorrentes da ideia de progresso. A felicidade, para Sorel, não seria alcançada ou produzida automaticamente para todos. A felicidade só seria alcançada, caso fosse realmente obtida, como resultado de atos heroicos.

Com a finalidade de apresentar o pensamento de Sorel de uma maneira sistemática, Kolakowski<sup>56</sup> listou em colunas paralelas as ideias e valores que ele era contrário e as ideias que ele defendia. Sorel defendia, de acordo com Kolakowski, o realismo histórico marxista oposto ao utopismo, assim como acreditava que o mito se contrapunha à utopia. Sorel dizia que o utopismo tende a desaparecer completamente do socialismo, pois este último não possui a necessidade de se preocupar com a organização da indústria, posto que o capitalismo já desempenha tal função. Sorel informa ainda que mostrou que a greve geral corresponde aos sentimentos que estão extremamente ligados aos que são necessários para promover a produção em uma forma muito progressiva de indústria e que o aprendizado revolucionário poderia ser também o aprendizado de um produtor.<sup>57</sup>

Em suma, cada uma das antíteses apresentadas por Kolakowski para sistematizar o pensamento soreliano mostra que, tomados em conjunto, os valores positivos de Sorel definem com uma maior clareza a sua atitude polêmica para com o socialismo de seu tempo, já que ele fazia oposição aos líderes políticos socialistas que na visão soreliana nada mais eram do que aproveitadores que procuravam gabinetes e posições parlamentares.

Ao longo do tempo, Sorel eventualmente perde a fé no sindicalismo francês. Porém, em solo italiano, ele colocava esperanças que um movimento similar ganhasse terreno. Como já fora citado anteriormente, Sorel possuía contatos importantes dentro daquele país, como Antonio Labriola. O pensador francês fazia contribuições para periódicos socialistas italianos desde pelo menos 1898 em diante. Seus livros, publicados em italiano, são elogiados por Croce e Pareto, porém são atacados por Labriola.

Em 1910, Sorel se desilude com o sindicalismo em geral, acreditando que este estaria corrompido de maneira irreparável pela linha reformista, e passa a dar apoio à grupos e movimentos nacionalistas radicais na França e na Itália, chegando inclusive a cooperar

---

56 Kolakowski, Leszek. *Main Currents of Marxism: The Founders*. Oxford University Press, 1978, pp. 153-154

57 Sorel, Georges. *Reflections on Violence*. Cambridge University Press, 1999, pp. 30

com a *Action Française*, ainda de acordo com Kolakowski. Sorel foi também influente para os grupos nacional-sindicalistas italianos que ajudaram a criar as bases do fascismo.

Os primórdios deste movimento seriam bem vindos por Sorel em 1912, e sua simpatia seria reiterada em 1919, vendo no fascismo a promessa de um renascimento social inspirado pela mitologia nacionalista. Da mesma maneira, Sorel via com bons olhos a revolução bolchevique como um recuo do ocidentalismo para o “espírito verdadeiro de Moscóvia”. É interessante notar aqui que ao mesmo tempo em que os fascistas colocaram Sorel como um dos seus inspiradores, um dos fundadores do Partido Comunista Italiano, Antonio Gramsci, se referia a Sorel no periódico *Ordine Nuovo* como um ideólogo do proletariado.<sup>58</sup>

No caso específico da península itálica, o movimento socialista contava, em 1871 com cerca de 10 mil adeptos. Entre 1871 e 1891, o socialismo na Itália era composto de um número indeterminado de elementos dispersos. Entre as facções estavam revolucionários mazzinianos que defendiam a colaboração entre as classes para manter e aumentar os níveis necessários de produção, outros que eram contra a tecnologia e existiam ainda outros que davam respostas anárquicas às opressões de classe. Enquanto alguns socialistas defendiam a reforma gradual e o parlamentarismo, outros rejeitavam qualquer forma de colaboração de classe e ainda existiam os partidários de Bakunin, que defendiam a abolição de qualquer forma de organização governamental institucionalizada.

Em 1892 é fundado o Partido Socialista Italiano, na cidade de Gênova. Era uma tentativa de aglutinar todos os elementos subversivos e anti-establishment. O então chamado socialismo científico, de Marx e Engels, era cada vez mais invocado, em detrimento do anarquismo de Bakunin. Na Itália, particularmente, desde o início da década de 1880 em função do rompimento de Andrea Costa com Errico Maltesta e de sua aproximação com o socialismo, no então ainda chamado Partito Operaio<sup>59</sup>. Para Gregor seria difícil identificar um marxista “ortodoxo” entre os socialistas italianos. O

---

58 Kolakowski, Leszek. *Main Currents of Marxism: The Founders*. Oxford University Press, 1978, pp. 156

59 Sobre a passagem de Andrea Costa do anarquismo para o socialismo e o fortalecimento da corrente reformista na Itália, ver: Nunzio Pernicone. *Italian Anarchism 1864-1892*. Princeton University Press, 1993. Cap, VIII The Defection of Andrea Costa, pp. 165-178.

intelectual que mais pode ser identificado como representante de uma ortodoxia marxista na Itália é o já mencionado Antonio Labriola. Outros luminares da época que estavam ligados ao Partido Socialista Italiano incluem Cesare Lombroso, Enrico Ferri, Achille Loria e Amilcare Puviani.<sup>60</sup>

De acordo com Gregor<sup>61</sup>, é no final do século XIX que Antonio Labriola completa a sua passagem do idealismo filosófico e radicalismo democrático do início de seu período de maturidade intelectual para o seu marxismo de seus últimos anos.

A Itália passa a última década do século XIX envolvida em tensões políticas, sociais e econômicas que ganharam corpo e voz também em um emaranhado complexo de forças políticas que atuavam no parlamento. Entre os fatos mais relevantes do período, poderemos citar os distúrbios da Sicília em 1893-94 com o envolvimento de agricultores empobrecidos da ilha, a crise internacional gerada pela falha do imperialismo italiano na África e culminando na violência social e política em maio de 1898 em Milão, que deixou um legado de 80 mortos e mais de 400 feridos. Este último caso fez com que o governo de Luigi Pelloux tentasse reprimir as forças populares de esquerda. É nesse contexto que os líderes do Partido Socialista assimilam os benefícios da colaboração com elementos mais liberais do *establishment* burguês. Assim, Turati e Bissolati desenvolveram uma estratégia que os permitiria maximizar o potencial político de suas forças.

Para Gregor, o “reformismo” de Turati e Bissolati seria uma espécie de analogia italiana ao revisionismo político alemão da época. Na sua variante italiana, tal interpretação do marxismo seria mais prática e política do que teórica. Por outro lado, na variante alemã, geralmente era acompanhada por diversas análises e textos teóricos cujos autores pretendiam ser os guias da condução política para os partidos socialistas. O socialismo alemão começava em 1896, a partir da crítica lançada por Eduard Bernstein, a procurar por uma reabilitação das credenciais intelectuais do marxismo clássico.

Gregor chega inclusive a afirmar que mesmo antes de Bernstein incendiar o debate interno do movimento socialista, os socialistas italianos tinham postulado uma coleção de argumentos críticos que deixavam muito do que era considerado marxismo clássico

---

60 Gregor, Anthony James. *Young Mussolini and the intellectual origins of Fascism*. Berkeley: University of California Press, 1979, pp. 11

61 *Ibid*, pp. 12

em suspeita. Tomando Francesco Saverio Merlino, que provêm do anarquismo italiano, como exemplo, Gregor diz que este demonstrava reservas substanciais acerca do sistema teórico de Marx e Engels. Ao mesmo tempo, Croce publicou uma crítica pesada ao materialismo histórico que causou mal estar a Antonio Labriola. Entre 1896 e 1899, Croce, que era estudante e colaborador de Labriola, publicou uma série de ensaios que segundo Gregor igualavam os trabalhos de Bernstein no rigor intelectual e nas implicações teóricas.

Este era o período que ficaria conhecido como a crise teórica do marxismo. Nessa altura, Sorel já havia se identificado com aqueles que possuíam sérias reservas acerca das pretensões científicas do marxismo clássico. A edição francesa do livro de Merlino *Pro e contro il socialismo*, obra em que Merlino cita o próprio Croce, possui a introdução escrita por Sorel. Foi um dos primeiros livros que articularam as objeções que iriam caracterizar também o trabalho de Bernstein.

O marxismo, na visão de Sorel, bem como de Croce e Bernstein, não seria uma teoria completamente articulada. Na verdade, o marxismo ortodoxo sequer seria uma teoria científica. Sorel enxergava o marxismo clássico como uma coleção de *insights* ingênuos e especulações de mérito heurístico especial e implicações políticas práticas, porém não com um rigor que poderia permitir o emprego de expressões de nível de leis tais como “inevitabilidade”, “necessidade” e “determinismo”.

Sorel deixava claro que proposições como “forças produtivas”, “forças econômicas”, “classe”, “superestrutura ideológica”, permaneciam pouco definidas e não podiam oferecer nada além de *insights* sugestivos. Desta forma, com tantos problemas e deficiências conceituais intrínsecas, tal conjunto de proposições não poderia conter verdades verificáveis empiricamente ou confirmadas.<sup>62</sup>

Assim, chegando a tais concepções, Sorel poderia apenas fazer objeções aos marxistas ortodoxos de seu tempo, como Labriola, por exemplo, que insistia em falar sobre leis econômicas necessárias e inevitáveis do marxismo científico. Falar sobre expressões pouco definidas e com variáveis vagas como por exemplo, “base real”,

---

62 Gregor, Anthony James. *Young Mussolini and the intellectual origins of Fascism*. Berkeley: University of California Press, 1979, pp. 25

“modos de produção” e “consciência”, fazia com que não pudesse existir justificção para que se falasse sobre inevitabilidade, necessidade ou determinismo.

Dessa maneira, embora Sorel tenha tido influência de teóricos como Bernstein e Croce, não estava preparado para aceitar que as críticas ao marxismo clássico necessariamente levavam à aceitação de uma reforma política, democracia de massas, parlamentarismo ou todos ao mesmo tempo.

Sorel pretendia uma espécie de “retorno ao espírito de Marx”, expressão que passou a ser utilizada ao longo de todo o século XX por todo tipo de variante socialista ou comunista e que é notoriamente polissêmica, dado o número grande de significados que pode possuir. Para Castoriadis não é possível o encontro de Marx com uma noção de ortodoxia. Se Marx escreveu que uma teoria depende de seu contexto histórico, recorrer à uma releitura de Marx para que seja assumida a centralidade de seu discurso como uma resposta possível ao contexto atual seria considerar que as ideias de Marx possuem uma validade para todos os tempos, e conseqüentemente, para todos os contextos históricos. Tal coisa seria uma inversão da ideia do próprio Marx de que toda teoria dependeria de seu contexto histórico.

O marxismo se tornou uma ideologia, ainda de acordo com Castoriadis, exatamente no sentido que Marx dava ao termo, ou seja: a ideologia como um conjunto de ideias que se refere a uma realidade, não para esclarecê-la e modificá-la, mas para encobri-la e justificá-la no imaginário, que dá a permissão às pessoas dizerem uma coisa e fazerem outra.<sup>63</sup>

Sorel<sup>64</sup> afirmou que Marx não tinha feito ciência e sim poesia social que impulsionaria os homens a buscarem atos heroicos, históricos e altruístas, o que segundo ele ocorre desde tempos remotos. Tal poesia não ganharia expressão em afirmações científicas, mas sim em discursos complexos, cheios de imperativos e julgamentos normativos. Discursos permeados de termos como “opressão”, “miséria”, “subordinação”, “degeneração” e “exploração” caracterizavam as relações entre os homens. De acordo

---

63 Castoriadis, Cornélius. *A instituição imaginária da sociedade*. São Paulo: Paz e Terra, 1982, pp. 20-21

64 Sorel, Georges. *Saggi di critica del marxismo*. Editado por Vittorio Racca. Milão: Sandron, 1903, pp. 13

com Gregor<sup>65</sup>, era a poesia social que conclamava os homens a se “unirem” contra tais condições, conforme os termos anteriormente citados.

Para Sorel, a essência do conflito na história moderna era de uma natureza moral. O marxismo seria um mito que elevaria moralmente as massas trabalhadoras para as responsabilidades de uma revolução regeneradora. Por conta disso, as vias socialistas ditas “reformistas” eram vistas por Sorel como equivocadas, por defenderem as barganhas políticas com seus oponentes de classe, e assim, não enxergavam os desafios morais e históricos da época. Estavam assim dispostos a sacrificarem as obrigações revolucionárias do proletariado.<sup>66</sup>

A partir das análises feitas por Sorel, correntes do sindicalismo italiano ficam sob sua influência. Os intransigentes, que se opõem à ortodoxia socialista cada vez mais tinham contato com os ensaios e *insights* sorelianos. Em meados de 1903, o periódico *Avanguardia Socialista* de Milão se torna um veículo de comunicação para os sindicalistas e sorelianos revolucionários da Itália. Entre os autores cujos escritos estavam em suas páginas, poderemos citar Arturo Labriola (sem parentesco com Antonio), Croce, Olivetti, Panunzio, Orano bem como Lanzillo. Também nestas páginas encontravam-se os escritos de uma figura que ficaria conhecida mundialmente mais tarde, e chamava-se Benito Amilcare Andrea Mussolini. Ainda bastante desconhecido, ele ganharia espaço e liderança entre os mais intransigentes dos intransigentes.

---

65 Gregor, Anthony James. *Young Mussolini and the intellectual origins of Fascism*. Berkeley: University of California Press, 1979, pp. 27

66 Gregor, Anthony James. *Young Mussolini and the intellectual origins of Fascism*. Berkeley: University of California Press, 1979, pp. 28

## Capítulo 2 - O primeiro Mussolini: do revolucionário socialista ao editor chefe do jornal *Avanti!*

### 2.1 O início de tudo

Benito Amilcare Andrea Mussolini nasceu em Dovia, na Romagna. Seu nome de batismo foi em homenagem a três revolucionários, respectivamente, Benito Juárez, Amilcare Cipriani e Andrea Costa. De acordo com Gregor<sup>67</sup> os dois últimos estiveram entre os mais importantes líderes do primeiro socialismo italiano, e o próprio pai de Mussolini, Alessandro, tinha também sido um ativista socialista pelo menos desde o ano de 1873. Uma das lamentações de Alessandro, já na época do nascimento de Benito, é que a unificação da Itália havia produzido apenas uma Itália burguesa incapaz de sustentar a própria população e prover trabalho para ela.

Ainda para Gregor o socialismo defendido por Alessandro era uma mistura de sentimentos nacionais com escrúpulos humanistas. Entre as influências que levaram seu pai para as ideias revolucionárias, estariam Carlo Pisacane, Giuseppe Mazzini e Giuseppe Garibaldi. Alessandro conseguia admirar ao mesmo tempo as ideias anarquistas de Carlo Cafiero<sup>68</sup>, o autoritarismo militarista de Garibaldi, o nacionalismo de Mazzini e o internacionalismo de Bakunin. Mussolini<sup>69</sup> publica, por ocasião da morte de seu pai em novembro de 1910 um artigo intitulado *Mio Padre* no jornal *La Lotta di Classe*, em que explica um pouco sobre a vida de seu pai, que fora um membro ativo do socialismo da Romagna.

Anos mais tarde, em sua autobiografia<sup>70</sup>, que só seria publicada na Itália em 1971, ele dedicaria um capítulo para falar de seu pai. O jovem Mussolini começou a ler cedo, entre panfletos e livros que ficavam guardados em um baú no quarto em que dividia com seu irmão mais jovem, Arnaldo. Quando tinha nove anos de idade, Mussolini foi

---

67 Gregor, Anthony James. *Young Mussolini and the intellectual origins of Fascism*. Berkeley: University of California Press, 1979, pp. 29

68 Sobre Carlo Cafiero ver a biografia de Pier Carlo Masini em Masini, Pier Carlo. *Cafiero*. BFS, 2014

69 "Del partito mio padre conobbe le gioie e anche le inevitabili amarezze dovute alle miserie morali degli uomini. Fu buono e qualche volta eccessivamente altruista. Fece del bene a compagni ed avversari." Trecho presente em Mussolini, Benito. "Mio padre," *Opera omnia di Benito Mussolini*, Opera (Firenze: La fenice, 1951- 61) , 3, pp. 274-76.

70 Mussolini, Benito. *My Autobiography*. Nova Iorque: Charles Scribner's Sons, 1928.

mandado por sua mãe para Faenza para que pudesse continuar com a sua educação sob a supervisão de padres salesianos, o que seria, um tempo amargo e que deixou uma impressão duradoura em Mussolini que acabou por reforçar o anticlericalismo que ele herdou de seu pai Alessandro. Por volta do ano de 1894, Mussolini e sua atração pelos livros eram reconhecidos, e no verão deste ano, ficou mais próximo de seu pai, bem como as ideias deste começaram a provocar ressonância no jovem Benito. Mussolini então foi estudar na *Scuola Normale di Forlimpopoli*, que lhe daria um diploma de professor. Nesta instituição, Mussolini era um estudante de talento, geralmente no topo de sua classe. De acordo com Megaro, Mussolini era lembrado como um animado jovem, completando seu ensino médio em 1898 e a escola normal em 1901.

Na *Scuola Normale*, simpatias socialistas entre os estudantes não eram incomuns. Na verdade, os socialistas italianos frequentemente faziam menção ao papel da pequena burguesia marginal e estudantes burgueses entre aqueles que estavam atraídos pelo socialismo. Mussolini, como explica Gregor era um entre muitos, e compartilhava muitas das características e atitudes dos jovens subversivos e revolucionários do período.

Segundo Megaro por volta de 1902, um ano após receber seu diploma de professor, Mussolini se tornou professor substituto na escola primária de Pieve Saliceto, na comuna de Gualtieri Emilia. Anteriormente, Mussolini tentou em vão um posto de professor em Predappio e em Castelnuovo Scrvia. Em fevereiro de 1902 ele começa a ensinar trinta e cinco pupilos na segunda e terceira séries.

A primeira referência pública a Benito Mussolini que foi encontrada por Megaro, apareceu no dia 1º de fevereiro de 1901, no *Avanti*, jornal oficial do Partido Socialista Italiano. A capa do jornal, que possuía artigos e notícias sobre Giuseppe Verdi, famoso compositor italiano que acabara de morrer no dia 27 de janeiro, também tinha um breve item sobre Forlimpopoli, com a data de 29 de janeiro, e dizia que na noite anterior, no teatro da cidade o camarada estudante Mussolini, celebrou Giuseppe Verdi, fazendo um discurso que foi aplaudido.<sup>71</sup>

---

71 Megaro, Gaudens. *Mussolini in the Making*. London: George Allen & Unwin, 1938, 43-46

De acordo com Zeev Sternhell<sup>72</sup>, desde o início de suas atividades políticas, Mussolini se desenvolveu na rotina do sindicalismo revolucionário. Entre julho de 1902 e novembro de 1904, esteve exilado na Suíça. Ao chegar na Suíça, Mussolini encontrava-se sem perspectivas de emprego, e como consequência disso, chegou a ser preso por vadiagem. Chegou a trabalhar como escriturário em pequenas lojas. Porém, em agosto de 1902, fez seus primeiros contatos com grupos de imigrantes socialistas. Através de Gaetano Zannini, o secretário dos socialistas locais, Mussolini foi apresentado ao editor do jornal do Partido Socialista Italiano na Suíça, chamado *L'avvenire del lavoratore*, e também no *Il proletario*, jornal socialista italiano publicado em Nova Iorque. Sua primeira publicação de propaganda socialista foi publicada em 2 de agosto de 1902. No artigo, que possui o título *Una Caduta*<sup>73</sup>, Mussolini fala sobre a Armênia e os massacres sofridos por aquele povo. Mussolini afirma no artigo que o alvorecer do século XX deve levar à todas as almas sentimentos de desgosto. Outra coisa que o jovem socialista lamentou foi a comunidade jornalística internacional que parecia ignorar o sofrimento dos armênios. No final do artigo, Mussolini ressalta que o desaparecimento da tirania que uma classe social privilegiada economicamente exerce sobre a outra também marcará o fim de toda a violência do fanatismo e do ódio racial, estreitando todos os homens em um vínculo de solidariedade fraterna. A partir deste momento Mussolini se tornaria um ativo e proeminente agitador e intelectual nos círculos socialistas italianos na Suíça.

Em outubro de 1903, Mussolini começou a escrever no jornal de Arturo Labriola<sup>74</sup>, *Avanguardia socialista*. Seu primeiro artigo para o jornal foi sobre duas palestras do

---

72 Sternhell, Zeev. *The Birth of Fascist Ideology: From Cultural Rebellion to Political Revolution*. New Jersey: Princeton University Press, 1994, pp. 196

73 “Il telegrafo quotidianamente annunzia I massacre consumati dai Kurdi sugli Armeni; nessuno sfugge al macello: giorni sono un capokurdo, dopo aver incendiato un villaggio, ordinò si legassero tutte le donne, commise su di esse atti di ferocia inaudita e le fece morire fra orribili torture.”; “E lo scomparire della tirannia che una classe sociale col privilegio economico esercita sull'altra segnerà la fine anche di ogni violenza eccitata dal fanatismo e dall'odio di razza – stretti tutti gli uomini in un vincolo di solidarietà fraterna.” Trechos presentes em Mussolini, Benito. “Una Caduta”. Opera omnia di Benito Mussolini, Opera (Firenze: La fenice, 1951- 61) , 1, pp. 9-10.

74 Arturo Labriola (1873-1959) foi um sindicalista revolucionário, jornalista e político socialista. Não possui relação direta com o supracitado Antonio Labriola. Arturo estudou jurisprudência na Universidade de Nápoles, e começou sua atividade política enquanto estudante. No período de 1894-95, Labriola se envolveu com os *Fasci Siciliani*, e foi suspenso por um ano de seus estudos universitários. Em 1897, entrou para o Partido Socialista Italiano e lutou a guerra Greco-Turca em Creta. Em maio de 1898, com a brutal repressão dos protestos e greves organizados pelos

anarquista francês Sébastien Faure havia feito em Lausanne. Ainda segundo Zeev Sternhell, neste período as ideias de Mussolini não estavam ainda formadas. Simpático ao anarquismo, no fim optou pelas teorias do sindicalismo revolucionário. Mussolini se colocava no campo antireformista e expressou sua posição num artigo no periódico *Avanguardia Socialista*<sup>75</sup> em que critica de maneira violenta a democracia parlamentar italiana. A política parlamentar socialista, de acordo com Mussolini, teve que ser a política de certas categorias de pessoas, e entre elas estariam os funcionários do governo e tabacarias, que formariam o grosso dos “batalhões de reformistas”. Os grandes projetos para resolver os problemas da Itália monárquica e clerical teriam acabado num arquivo. Campanhas inofensivas, para Mussolini, dentro da democracia parlamentar, não corresponderiam às necessidades reais do povo italiano, preservam o próprio sistema e cortam os nervos na iniciativa direta do proletariado. Mussolini finaliza o artigo dizendo que a fração revolucionária do Partido deveria se impôr, oxigenando as forças democráticas que se propõe a suprimir o estado e a ordem política de então na Itália, e completa dizendo que a tarefa de uma democracia revolucionária é muito mais extensa e ampla.

Neste mesmo período, podemos identificar, de acordo com Gregor<sup>76</sup>, que entre os autores com os quais Mussolini tinha familiaridade estão desde os mais famosos da antiguidade clássica, como Platão, Aristóteles e Cícero, aos autores clássicos do

---

trabalhadores em Milão, Labriola foge para a Suíça para escapar de ser preso. Lá, ele dá aulas na Universidade de Genébra e trabalha com Vilfredo Pareto. No mesmo ano foi expulso da Suíça e se mudou para Paris. É em Paris que Labriola encontra Sorel, Hubert Lagardelle e Paul Lafargue. Para maiores informações, consultar o texto de Carl Levy, "*Labriola, Arturo*" em A. Thomas Lane. *Biographical Dictionary of European Labor Leaders*. Volume 1. Westport, Connecticut: Greenwood Publishing Group. pp. 530, 1995.

75 “Su questo terreno la politica parlamentare socialista doveva finire per essere la politica di certe categorie di persone: impiegati governativi, commessi, tabaccai che formano il grosso elettorale dei battaglioni riformaioli. Per costoro certe leggende si potevano strappare, poiché non rovinavano la proprietà privata e servivano ad assicurare i futuri suffragi. Ma i grandi progetti coi quali i nostri onorevoli credevano risolvere i problemi della Terza Italia monarchica e clericale, dopo la superficiale agitazione del paese e la vuota discussione a Montecitorio, finirono accolti benignamente dai topi degli Archivi.”; “Di questo stato di cose, venne fatta menzione nel primo comma dell’ordine del giorno di Brescia. La frazione rivoluzionaria del partito socialista deve imporsi, limitando la “legiferomania” e ossigenando le forze democratiche che si propongono come fine immediato la soppressione degli attuali ordinamenti politici in Italia.”; “Ben altro e più vasto è il compito di una democrazia rivoluzionaria.” Trechos presentes em Mussolini, Benito. “Democrazia Parlamentare”. Opera omnia di Benito Mussolini, Opera (Firenze: La fenice, 1951- 61) , 1, pp. 58-60

76 Gregor, Anthony James. *Young Mussolini and the intellectual origins of Fascism*. Berkeley: University of California Press, 1979, pp. 42

período moderno, como Locke, Fichte e Hegel, e, além disso, muitos autores também proeminentes que estavam escrevendo na virada do século XIX para o XX, como Kautsky, Sombart, Nordau, Faure, Pareto, Kropotkin, Ferrari e Sorel. Para Gregor, o Mussolini de 21 anos de idade era um revolucionário intransigente, socialista marxista ortodoxo bem letrado, que sentia que os problemas da Itália só poderiam ser resolvidos por uma luta de classes violenta e de sucesso que iria suprimir a propriedade privada e abolir as distinções de classe neste país.

Em março de 1904, respondendo críticas lançadas por reformistas na edição 62 do *Avanguardia Socialista*, Mussolini<sup>77</sup> publica um artigo. Nele, Mussolini se defende da acusação de que a sua corrente seria anarquista. Mussolini fala que é antigo o truque de desqualificar o oponente associando ele à uma ideias que é repugnante aos meios comuns.

Usando a acusação para falar sobre o passado, Mussolini, fala que após o período da Enciclopédia, todos os que tinham amplitude e tolerância de raciocínio eram os deístas acusados de ateísmo. Para ser acusado de ateu, de acordo com Mussolini, bastava duvidar de alguma coisa. Na época do Tribunal do Santo Ofício, ser acusado de ateísmo era muito mais perigoso do que ser acusado de anarquismo em seu tempo. Cita exemplos de pensadores que foram chamados de ateus, como Pascal, Malebranche e Arnauld.

Mussolini diz que retirou tais episódios que ele chama de luta racionalista do pó de uma biblioteca para poder tranquilizar os companheiros de sua tendência que estão impressionados com o fato de terem sido chamados de anarquistas, pois as acusações injustas não seriam uma novidade.

---

77 “È antico il trucco pseudo-polemico di squalificare l'avversario, affibiandogli una idea che ripugna alla solita media comune. Dopo l'Enciclopedia, tutti coloro che avevano ampiezza e tolleranza di raziocinio, furono dai deisti, accusati d'ateismo. Bastava dubitare d'una cosa per esser dichiarato ateo. E ai tempi del Sant'Uffizio esser accusato d'ateismo era cosa ben più pericolosa che venir accusato d'anarchismo, oggi, tempo dei Procuratori del Re.”; “Ho tolto questi episodi della lotta razionalista dalla polvere di una biblioteca, per rassicurare i compagni della nostra tendenza cui impressionasse la qualifica d'anarchismo. Il gioco non ha, come si è veduto, neppure il pregio della novità. E quando noi proveremo che la concezione rivoluzionaria della tattica di partito, rientra nella concezione filosofica del movimento socialista come fu pensato dai maestri, i Lange del riformismo risponderanno: Non è pur noto che Marx, Engels, Labriola, Kautsky, Sorel, sono anarchici? La storia dell'uomo – almeno nelle sue malignità – si ripete.” Trechos presentes em Mussolini, Benito. “*Ate?*”. Opera omnia di Benito Mussolini, Opera (Firenze: La fenice, 1951- 61) , 1, pp. 48-49.

Na conclusão do artigo, Mussolini diz que quando provarem que a concepção revolucionária de táticas partidárias faz parte da concepção filosófica do movimento socialista tal como este foi pensado pelos mestres, o reformista responderia perguntando se não se sabia que Marx, Engels, Labriola, Kautsky e Sorel seriam anarquistas. É interessante notar que já em 1904 Sorel já é alçado ao posto de mestre do socialismo para Mussolini, ao lado dos próprios proponentes do socialismo científico.

Algum tempo depois, reforçando o seu caráter anticlerical, Mussolini publicou um opúsculo em agosto de 1904, com o nome de *L'uomo e l'a Divinità*<sup>78</sup>. O caráter ateísta e anticlerical do autor ficou notório nestas páginas. Mussolini começa afirmando que Deus não existe, negando o Deus pessoal da teologia, negando o Deus adorado, sob os vários aspectos e modos diversos, negando o Deus que cria o universo do nada matéria ao caos; do deus com atributos absurdos e repugnantes à razão humana.

Ele se coloca, então, combatendo o Deus que segundo ele, todo filósofo ou místico pode criar, talvez à sua própria imagem e semelhança, dando alguns exemplos como o conceito de alma do mundo, de Giordano Bruno, as mônadas, de Leibniz, o panteísmo de Spinoza, o ser supremo, de Robespierre, entre outros. Mussolini afirma que tais ideias, longe de apoiarem o Deus das religiões, destroem a sua existência e são respostas à razão da vida.

---

78 "Quando noi affermiamo che "Dio non esiste" intendiamo, con questa proposizione, di negare l'esistenza del dio personale della teologia; del dio adorato, sotto vari aspetti e con modi diversi, dai devoti di tutto il mondo; del dio che dal nulla crea l'universo, dal caos la materia; del dio dagli attributi assurdi e ripugnanti alla ragione umana. Noi quindi combattiamo il dio che ogni filosofo, che ogni mistico può creare, forse a sua immagine e somiglianza. Nè spetta a noi discutere sull'"anima del mondo" di Giordano Bruno; sulla "monade" di Leibniz; sull' "panteismo" di Spinoza; sull' "essere supremo" di Massimiliano Robespierre; sull' "ente" della metafisica mazziniana o sull' "idea direttrice" di Claudio Bernard. Quest'iddii rappresentano delle pure concezioni filosofiche, sono le risposte al "perché" della vita e lungi dal sufragare il dio delle religioni, ne combattono e distruggono l'esistenza. Da Bacone, Galileo, Cartesio, da questa luminosa triade che in Inghilterra, in Italia e Francia iniziò la filosofia sperimentale, la Scienza, con tutte le sue branche, ha invaso interamente e conquistati i campi dello scibile umano."; "Ma esaminiamo la natura del dio, Sforziamoci, quindi, di ragionare sul vuoto mentale, la prova della completa assenza di ogni attività di raziocinio. Gli attributi di Dio rendono il mondo impossibile. Anzi tutto ripetiamo: Se dio è perfetto, come poteva, e perché, creare un mondo che non lo è? Se siamo fatti a sua immagine e somiglianza, se in tutti noi vi è una particella dell'essenza divina (anima), perché l'ignorante e il dotto, il cretino e l'intelligente, il bello e il deforme? D'altra parte, com'è conciliabile coll'idea d'un creatore la presenza di organi rudimentali o atrofici, le anomalie e le mostruosità, l'esistenza perenne e universale del dolore, la lotta e la disuguaglianza fra gli esseri?" Mussolini, Benito. "*L'uomo e l'a Divinità*". Opera omnia di Benito Mussolini, Opera (Firenze: La fenice, 1951- 61) , 33, pp. 5-37

Na visão de Mussolini existiu uma tríade luminosa representada por Bacon, Galileu e Descartes, que inicia a filosofia experimental, a ciência, com todos os seus variados campos, o progresso contínuo das ciências naturais se espalha das cidades para o campo as densas trevas da Idade Média e as multidões desertaram das igrejas, onde, por gerações e gerações, eles se arrastaram para rezar a um deus, um nascimento monstruoso da ignorância humana.

Mussolini afirma que o universo, longe de ser o trabalho do Deus teológico, é apenas a manifestação da matéria única, eterna, indestrutível, que nunca teve um começo e que não terá um fim. Sobre o Deus teológico, Mussolini se pergunta: Se Deus é perfeito, como poderia criar um mundo que não o é? Se somos feitos à sua imagem e semelhança, e se existe a essência divina em todos nós, por que existe o ignorante e o douto, o cretino e o inteligente, o belo e o deformado?

Cita então Epicuro, Platão e Lucrecio. De Epicuro, retira a crítica à existência de um Deus onipotente e infinitamente bom que possa ao mesmo tempo permitir a existência do mal. De Platão, o questionamento sobre o que Deus teria feito antes da criação. E de Lucrecio, uma série de questões acerca da forma de Deus, se ele está no tempo ou fora dele, se preenche o espaço, por que motivos criou o mundo e por quais motivos existem o mal moral e o mal físico.

Segundo Mussolini, acreditar na hipótese de uma criação do nada representa a infância do pensamento filosófico e em oposição absoluta à todas as leis químicas e físicas. Mussolini também critica os dogmas, afirmando que dogmas significam imobilismo, um obstáculo ao progresso. Representa a fixação e cristalização do pensamento humano, pois é necessário acreditar antes de entender. Ao passo de que, segundo ele, a ciência primeiramente quer entender para depois sim acreditar, e é ela que vem destruindo os dogmas religiosos. Após a crítica aos dogmas, Mussolini traz a citação de Karl Marx presente na sua *Crítica da Filosofia do Direito de Hegel* “A religião é o ópio do povo”.

Mussolini diz que a religião se revelou como instituição que tende ao poder político para perpetuar a exploração e a ignorância do povo. A filosofia socialista é, para Mussolini, essencialmente ateia, e se não fosse, o socialismo seria absurdo, pois quando se acredita ou não, a vida muda de aspecto.

## 2.2 Retorno à Itália e serviço militar: um quieto interlúdio

De acordo com Megaro, entre novembro e dezembro de 1904, Mussolini sai de seu autoexílio na Suíça e retorna à Itália. Ele se apresenta então ao serviço militar, sendo designado ao Décimo regimento de Bersaglieri, localizado em Verona, onde desempenhou o serviço militar como soldado de janeiro de 1905 até setembro de 1906. Megaro descreve o período como “um quieto interlúdio”. Em fevereiro de 1905, sua mãe vem a falecer, o que lhe causou grande tristeza. Segundo Megaro, ela teria sido um dos poucos seres humanos que ele realmente respeitou de maneira sincera.

Depois de completar o serviço militar, Mussolini retornou para sua casa em Predappio, e pouco tempo depois, vai para uma pequena cidade localizada no nordeste italiano, Tolmezzo, onde foi professor durante os anos de 1906 e 1907. De acordo com Megaro, as autoridades policiais de Forlì forneceram uma cópia de seus registros biográficos para a Prefeitura de Udine, o centro provincial próximo de Tolmezzo e informaram a necessidade de vigilância.

Em abril de 1907, a Universidade de Bolonha lhe deu um diploma qualificando Mussolini a dar aulas de francês em escolas secundárias. Em setembro do mesmo ano, Mussolini retornaria de Tolmezzo para Predappio, e de acordo com os registros policiais, diz Megaro, era vigiado de maneira adequada e constante pelas autoridades. Dando aulas de francês em Oneglia a partir de março de 1908 numa escola técnica privada. Em Oneglia, Mussolini colaborou com o jornal socialista local *La Luna*, que tinha sido fundado em 1893. De acordo com Megaro, é possível que o posto de professor que Mussolini conseguiu no local foi devido à influência de Serrati, um dos jovens líderes do movimento na região.<sup>79</sup>

Por volta desta época, quando Mussolini tinha 25 anos, o sistema de crenças colocado por ele, diz Gregor<sup>80</sup> era caracterizado não apenas por um marxismo esclarecido, mas também por similaridades com a corrente sindicalista revolucionária que havia amadurecido dentro das fileiras do Partido Socialista Italiano desde a virada do século.

---

79 Megaro, Gaudens. *Mussolini in the Making*. London: George Allen & Unwin, 1938, pp. 118-121

80 Gregor, Anthony James. *Young Mussolini and the intellectual origins of Fascism*. Berkeley: University of California Press, 1979, pp. 43

Publicando sob o pseudônimo *Vero Eretico*, no periódico *La Lima*, Mussolini<sup>81</sup> escreve o artigo *Socialismo i Socialisti*, datado de 30 de maio de 1908. Nele, demonstra ter familiaridade com os textos marxistas centrais, fazendo alusão ao *Capital*, de Marx, ao livro *A Condição da Classe trabalhadora na Inglaterra*, de Engels.

Mussolini define três elementos que formam a noção de socialismo: um doutrinal, um prático e um ideal. E é sobre o primeiro elemento que o artigo se ocupa.

---

81 “Nell’articolo di introduzione pubblicato sulla Lima del 16 maggio, abbiamo stabilito che tre elementi concorrono a formare la nozione di socialismo: Un elemento dottrinale, uno pratico, uno ideale. Oggi ci occuperemo del primo. È in Francia che noi troviamo sulla fine del secolo XVIII e il principio del XIX una specie di letteratura socialista. Già gli scrittori dell’Enciclopedia ci offrono degli accenni di nuove dottrine economiche unitamente a bizzarri piani di rigenerazione sociale. Jaurès nel primo volume della sua *Histoire Socialiste* mette Barnave, un rappresentante del terzo Stato, tra i diretti precursori di Marx. Gian Giacomo Rousseau attacca il principio di proprietà privata, lo dichiara causa dell’infelicità degli uomini, e preconizza il ritorno alla società naturale. Caio Gracco Baboeuf tenta nel 1796 colla Cospirazione degli Uguali di creare un’appendice comunista alla rivoluzione francese, ma la borghesia che il 14 giugno del 1791 aveva votato la legge Chapelier contro le coalizioni operaie, manda alla ghigliottina Barboeuf e ne disperde i seguaci. In tutti gli scrittori di quell’epoca notiamo la preoccupazione della questione sociale. Epperò manca la dottrina completa, armonica, sintetica che risalga alle cause vere del generale disagio e additi i mezzi della liberazione. Solo colla diffusione del sistema di produzione capitalista, solo quando la borghesia ha raggiunto il dominio incontrastato del mondo e caccia nell’ombra le classi che l’hanno preceduta; solo allora le teorie caotiche del novatori lasciano il posto a concezioni dottrinali che prendono le mosse dalla realtà dei nuovi rapporti economici. Carlo Marx è il più grande teorico del Socialismo. Di lui abbiamo parlato nel 25° anniversario della sua morte. Il marxismo è la dottrina scientifica della rivoluzione di classe, è la critica all’economia che diventa consapevolezza della propria forza da parte dei lavoratori, è la proclamazione prima della scienza e della volontà del proletariato il quale “inizia la sua conquista del mondo economico” e si libera dalla condizione di dover lavorare agli ordini e pel beneficio di altri uomini. Ammettiamo coi “critici socialisti” di Marx che alcune nozioni della sua economia siano errate, ma non ci uniamo al coro equivoco di quelli che proclamano la bancarotta totale del marxismo. Altrove ne abbiamo detto il perché. È solo coll’avvento del capitalismo che si rende possibile la nascita e lo sviluppo di una letteratura socialista. Quali ne saranno i caratteri? Anzitutto la descrizione tecnica, analitica del nuovo modo di produzione economica, e lo studio delle sue conseguenze politiche e morali. Engels ci ha lasciato un’opera di grande valore: La condizione delle classi lavoratrici in Inghilterra che appartiene come del resto anche buona parte del Capitale a questo primo momento della letteratura socialista. Dalla constatazione del nuovo ordine di cose, i pensatori socialisti si rivolgono alle cause, quindi additano i rimedi e i mezzi per attuarli.”; “Le nazioni che hanno maggiormente contribuito alla formazione di una letteratura-dottrinale socialista sono la Francia, la Germania e l’Inghilterra. E si comprende facilmente qualora si pensi che in queste nazioni il capitalismo col suo tipo di società industriale-bancaria conta ormai un secolo di vita. L’Italia ha dato pochissimo. Il libro Cinquant’anni di socialismo è stato scritto da un avvocato con evidente scopo editoriale e il Capitale – l’opera massima dell’economia marxista – è stato volgarizzato da un poeta. L’assoluta mancanza o quasi di cultura socialista, ci spiega la superficialità della nostra condotta come partito. Si ingannano i “pratici” che non attribuiscono veruna importanza all’elemento teorico-dottrinale nella vita del socialismo. È la cultura, è la cultura che si darà l’elemento umano capace di sollevarsi dalla vita bestiale di tutti i giorni, capace di comprendere la bellezza di un’idea e di interessarsi ai grandi problemi. L’influenza della letteratura socialista sarà ancor maggiore quando l’operaio si volgerà al libro come ad un amico fedele e cercherà di raggiungere l’elevazione della propria intelligenza e la liberazione dalla schiavitù dello spirito. È con questo sforzo voluto e cosciente che la classe lavoratrice segnerà una nuova e luminosa epoca nella storia del genere umano.” Trecho presente em Mussolini, Benito. “*Socialismo i Socialisti*”. Opera omnia di Benito Mussolini, Opera (Firenze: La fenice, 1951- 61) , 1, pp. 142-144

Na França do final do século XVIII e princípio do século XIX é que surge, para Mussolini, uma espécie de literatura socialista. Os enciclopedistas fornecem as bases para as novas doutrinas econômicas juntamente com planos bizarros de regeneração social. Aqui Mussolini cita o livro *Histoire Socialiste*, de Jaurès, que coloca Barnave, um representante do terceiro estado, como precursor direto de Karl Marx.

Mussolini então faz referência à Jean Jacques Rousseau, que ataca o princípio da propriedade privada, que seria a causa da infelicidade do homem, preconizando o retorno à uma sociedade natural. Outro que também é lembrado por ele é Baboeuf, que tenta em 1796 a conspiração dos iguais, uma espécie de apêndice comunista na revolução francesa. Porém, a burguesia que tinha aprovado a lei de Le Chapelier contra as coalizões operárias, manda Baboeuf para a guilhotina, dispersando também seus seguidores.

Para Mussolini, em todos os escritores daqueles tempos pode ser observada a preocupação com a questão social, porém carecem de doutrina completa, harmônica, sintética que remonte às verdadeiras causas do mal-estar geral e indique os meios de libertação, coisa que só aconteceu com a difusão do sistema capitalista é que as teorias caóticas deram lugar à concepções doutrinárias que partem da realidade das novas relações econômicas.

Karl Marx é então descrito como o grande teórico do socialismo, e o marxismo é a doutrina científica da revolução de classe. Mussolini parte então para dizer que admite com os críticos socialistas de Marx que algumas noções de sua economia estão erradas, mas não se junta ao que chama de coro ambíguo daqueles que proclamam a falência total do marxismo.

Para Mussolini, é somente com o advento do capitalismo que se torna possível o nascimento e crescimento de uma literatura socialista. Primeiramente, a descrição técnica e analítica do novo modo de produção econômica e o estudo de suas consequências políticas e morais. Aqui Mussolini faz referência à obra de Engels *A condição da classe operária na Inglaterra*. Com a constatação da nova ordem de coisas, os pensadores socialistas abordam as causas, apontam os remédios e os meios de ação. Surgem, dessa maneira, os sistemas socialistas - o ideal - o socialismo e os resultados da investigação doutrinal se tornam o domínio do

proletariado que deve negar a sociedade burguesa. O operário tem um vago conceito sobre sua missão, sua importância e sua força. Mussolini diz que é o pensamento socialista que atravessa jornais, opúsculos, livros que desce entre as grandes aglomerações dos proletários e os torna conscientes do seu direito. É o pensamento socialista que após ter fixado as leis do desenvolvimento da burguesia demonstra a inevitabilidade do triunfo da classe trabalhadora.

Mussolini explica então que as nações que mais contribuíram para a formação de uma literatura doutrinal socialista são a França, a Alemanha e a Inglaterra, dizendo que é fácil entender que o capitalismo nessas nações teria um século de vida (o artigo é de 1908).

Sobre a Itália, Mussolini fala que pouco contribuiu, e faz referência ao livro de Alfredo Angiolini, *Cinquant' anni di socialismo*, criticando o autor e dizendo que ele vulgarizou *O Capital*, a obra máxima da economia marxista. Para Mussolini, é a cultura socialista e a sua máxima difusão que deve preparar a nova alma, que fará o elemento humano capaz de ressurgir da vida bestial do cotidiano, capaz de compreender a beleza de uma ideias e estar interessado nos grandes problemas.

Mussolini conclui o artigo dizendo que a influência da literatura socialista será ainda maior quando o trabalhador se voltar para o livro como um amigo fiel e procurar alcançar a elevação de sua própria inteligência e libertação da escravidão do espírito, e dessa maneira, a classe trabalhadora marcaria uma nova e brilhante época na história da humanidade.

### **2.3 O encontro de Mussolini com o Sindicalismo Revolucionário**

De acordo com Antonioli<sup>82</sup> o sindicalismo francês se apresentava como o produto da ação dos militantes provenientes de diversos horizontes políticos, porém o sindicato e a greve geral seriam os meios para que a transformação social pudesse acontecer, resumidas em duas palavras: ação direta.

---

82 Antonioli, Maurizio. *Il Sindacalismo Italiano. Dalle origini al fascismo*. Pisa: Biblioteca Franco Serantini, 1997, pp. 127-130

Na Itália, a corrente do sindicalismo revolucionário veio do partido socialista, e no começo a esquerda revolucionária repetidamente reivindica sua origem socialista e a matriz marxista de inspiração, ou pelo menos em seus principais expoentes, "bem dentro da crise do marxismo", como escreveu Favilli no livro *Storia del marxismo italiano. Dalla origini alla grande guerra*.<sup>83</sup>

Ainda para Antonioli, o instrumento da greve geral não fazia parte da bagagem operacional nem dos socialistas reformistas nem dos seus oponentes partidários, tanto Enrico Ferri, que dirige o periódico *Il Socialismo*, a partir do início de 1902, quanto Arturo Labriola e Walter Mocchi, que fundam o *Avanguardia Socialista* neste mesmo ano.

Porém, como ocorrem greves gerais de matriz econômica entre 1902 e 1903 (que são diferentes da greve que ocorreu em Gênova em 1900 para a defesa da liberdade de associação dos trabalhadores), em Turim, Florença, Torre Annunziata e em Roma, o que para Antonioli revela que esta forma de luta já estaria enraizada no seu comportamento antes que os futuros sindicalistas começassem a refletir sobre a greve geral como meio de ação.

Segundo Sternhell<sup>84</sup>, entre os motivos para as modificações que o sindicalismo revolucionário sofreu na Itália estão certos fatores sócio-históricos. Um deles é a dicotomia entre o norte e o sul, especialmente no que diz respeito à economia. Outro é a instabilidade que estava instaurada dentro do próprio Partido Socialista Italiano, de acordo com ele, por conta da falta de uma tradição socialista estabelecida de maneira duradoura. A própria unificação italiana, que ainda era recente, o que explicaria a quase completa ausência de centralismo político, que em algum grau poderia explicar a distribuição desigual do desenvolvimento industrial do país. Por último, a ausência de uma tradição sindicalista e a fraqueza de organizações sindicais dos trabalhadores.

Robert Paxton<sup>85</sup>, autor de *A Anatomia do Fascismo*, fala que o sindicalismo revolucionário foi o primeiro lar espiritual de Mussolini. O sonho sindicalista de um grande sindicato, cuja greve geral derrubaria a sociedade capitalista numa grande

---

83 Favilli, Paolo. *del marxismo italiano*. Dalla origini alla grande guerra. Turim: Franco Angeli, 1996, pp. 393

84 Sternhell, Zeev. *The Birth of Fascist Ideology: From Cultural Rebellion to Political Revolution*. New Jersey: Princeton University Press, 1994, pp. 131-132

85 Paxton, Robert. *Anatomy of Fascism*, Nova Iorque: Alfred A. Knopf, 2004, pp. 33

noite, e colocar os sindicatos no controle, era o que Sorel chamava de mito, um ideal capaz de fazer o povo superar suas próprias capacidades. No final da grande guerra, diz Paxton<sup>86</sup>, Sorel concluiria que Lenin seria o melhor representante de tal ideal, porém mais tarde ainda ficaria impressionado com Mussolini, que para Paxton, foi o discípulo mais bem sucedido de Sorel.

De acordo com Gregor, homens como Olivetti, Panunzio, Robert Michels, Agostino Lanzillo e Orano estavam entre as influências de Mussolini, e nos seus primeiros anos como um socialista ativo nos meios partidários, entre 1902 e 1906, sindicalistas faziam parte do corpo editorial do jornal do partido em grande escala. Sob a edição de Enrico Ferri no *Avanti!*, Paolo Orano e Enrico Leone fizeram parte do jornal e deram um tom sindicalista para a imprensa do partido. Entre 1902 e 1909, Mussolini estava claramente sob a influência do pensamento sindicalista. Para Gregor é impossível reconstruir o pensamento do jovem Mussolini sem recorrer ao corpo de literatura teórica produzida por pensadores sindicalistas daquele período.<sup>87</sup>

Para Mario Sznajder<sup>88</sup>, com a ideia de que a alma do fascismo estava dividida entre sua fase social, que provinha ideologicamente do sindicalismo revolucionário, e sua fase reacionária, proveniente do nacionalismo, muitos líderes e teóricos do sindicalismo nacional aderiram ao fascismo, com o objetivo de recuperá-lo como movimento político revolucionário. Sznajder cita entre estes líderes Sergio Panunzio, Paolo Orano, Angelo Olivetti, Cesare Rossi, Ottavio Dinale, Paolo Mantica, Livio Ciardi, Luigi Razza, Mario Racheli, Massimo Rocca, Amilcare De Ambris (irmão de Alceste), Tullio Masotti, Alfonso De Pietri Tonelli e Antonio Renda. Outros seguem caminhos diferentes e variados. Arturo Labriola se exilou na França após Mussolini subir ao poder, porém retornou à Itália em 1935, por ocasião da invasão italiana na Etiópia. Alceste de

---

86 Para maiores informações, ver Zeev Sternhell with Mario Sznajder and Maia Asheri, *The Birth of Fascist Ideology* (Princeton: Princeton University Press, 1994), que é minucioso no uso de Sorel por Mussolini. Comentários favoráveis de Sorel sobre Mussolini foram reduzidos, para Paxton, à pequenas referências em meados de 1920-1921. Ver J. R. Jennings, *Georges Sorel: The Character and Development of His Thought* (London: Macmillan, 1985); Jacques Julliard and Shlomo Sand, eds., *Georges Sorel en son temps* (Paris: Seuil, 1985); Marco Gervasoni, *Georges Sorel: Una biografia intellettuale* (Milan: Unicopli, 1997).

87 Gregor, Anthony James. *Young Mussolini and the intellectual origins of Fascism*. Berkeley: University of California Press, 1979, pp. 50-51

88 Sznajder, Mario. *Sindicalismo Revolucionario y Fascismo: ideologia y estilo político*. Em: Estudos Sociales. *Revista Universitaria Semestral*, ano XVII, n. 33, Santa Fe, Argentina, Universidad Nacional del Litoral, segundo semestre, 2007, pp. 28

Ambris, assim como Labriola, vai para o exílio na França, recusando ofertas de voltar para a Itália para ser ministro das corporações do regime fascista, um conceito apoiado por ele mesmo logo após o final da Primeira Grande Guerra.

Para Sternhell<sup>89</sup>, o sindicalismo revolucionário italiano se tornou um movimento muito mais pragmático do que um sorelianismo estrito poderia ser. Para ele, isso se dava por conta dos líderes do movimento serem ao mesmo tempo ideólogos e teóricos e também políticos e publicitários. Contribuições dos chefes sindicais que entraram para a liderança nacional do movimento foram também cruciais para este processo. Junto aos argumentos dos teóricos, homens como Edmondo Rossoni, Rossi, Corridoni e Alceste De Ambris deram sua experiência de organização e luta nas Câmaras do Trabalho, bem como contribuíram com a questão da greve geral, que para eles não era um mito, mas sim uma verdadeira arma de combate.

Outras influências, não apenas para o sindicalismo revolucionário, mas também para o próprio Mussolini, são encontradas em Vilfredo Pareto, cujo seminário foi frequentado pelo próprio Benito em 1904. Segundo Gregor<sup>90</sup>, existem evidências que Mussolini tenha lido algum trabalho de Pareto pelo menos desde 1901, e por volta de 1908 diria que a teoria das elites era talvez a concepção sociológica mais genial de todos os tempos. Existiam elementos no trabalho de Pareto que eram compatíveis com o sistema de crenças que Mussolini já havia começado a dar forma ainda na primeira década do século XX.

Um dos fatores que colocam Pareto como influência é a sua oposição ao parlamentarismo, pois assim como os sindicalistas, ele enxergava o parlamento como incapaz de resolver os problemas mais urgentes da Itália. Por essa razão, Gregor diz que Pareto via os intransigentes entre os socialistas com mais simpatia, pois eram aqueles que sentiam que as soluções poderiam vir de fora de compromissos parlamentares.

Outro fator é que Pareto, defendendo políticas de livre comércio, se colocava contra tarifas protecionistas e gastos militares como contraproducentes. Além disso, Pareto

---

89 Sternhell, Zeev. *The Birth of Fascist Ideology: From Cultural Rebellion to Political Revolution*. New Jersey: Princeton University Press, 1994, pp. 153

90 Gregor, Anthony James. *Young Mussolini and the intellectual origins of Fascism*. Berkeley: University of California Press, 1979, pp. 47

era contra as políticas reformistas, que se esforçavam para redistribuir a riqueza, ao invés de aumentar a sua soma total.

No lado sindicalista, Sorel<sup>91</sup> e os sorelianos da Itália defendiam uma maximização da produção capitalista como um objetivo revolucionário, lembrando que nenhuma ordem social desaparece antes que as forças produtivas tenham sido desenvolvidas, bem como novas relações de produção não aparecem antes que as condições materiais para sua existência estejam desenvolvidas já na antiga sociedade. Corroborando tal visão, sindicalistas revolucionários como Labriola diriam que estariam interessados no desenvolvimento máximo da produção.

Georgii Plekanov, no seu texto *Sindicalismo y Marxismo*, incomodado pela afinidade sindicalista com as concepções de livre comércio de Pareto e Pantaleoni, diz que o que o sindicalismo pretendia era uma utopia de produtores sustentada por uma moral de produtores.<sup>92</sup>

Gregor afirma que a insistência de Pareto na concepção de que a organização social precisa de uma elite tutelar e que a mudança social envolve uma circulação ou substituição de elites eram tão compatíveis com as convicções sindicalistas quanto o seu antiparlamentarismo, antireformismo e produtivismo.

Com 26 anos, Mussolini havia colocado os alicerces de uma doutrina de revolução que permaneceriam com ele pelo resto de sua vida. Através de tais alicerces, estaria o pensamento de cerca de meia dúzia de teóricos, revolucionários cujo engajamento e doação ao marxismo estavam fora de questão, pois seus pensamentos se refletiram na prosa de Mussolini, que era o porta voz de um complexo sistema teórico, levado para frente durante a primeira década do século XX, que iria influenciar a vida europeia por mais de uma geração. Ainda de acordo com Gregor, cada característica que surge em seu pensamento possui origens diretas ou indiretas nos escritos dos sindicalistas revolucionários, que teriam sido os primeiros “marxistas heréticos” do século XX.<sup>93</sup>

---

91 Sorel, Georges. *Reflections on Violence*. Cambridge University Press, 1999, pp. 73

92 Plekhanov, Georgii. *Sindicalismo y Marxismo*. Cidade do México: Grijalbo, 1968, pp. 15

93 Gregor, Anthony James. *Young Mussolini and the intellectual origins of Fascism*. Berkeley: University of California Press, 1979, pp. 49;58

Nesta época, Mussolini publica o resumo *La Teoria Sindacalista*. Mussolini<sup>94</sup> fala sobre a obra de Giuseppe Prezzolini. Mussolini coloca o livro como um dos melhores da literatura sindicalista italiana daquele tempo, deixando claro que o próprio Prezzolini não é sindicalista. Para Mussolini, Prezzolini expôs uma figura quase completa da ideologia sindicalista.

Mussolini, declarando-se sindicalista desde pelo menos o ano de 1904, responde que o livro é uma síntese de tudo o que é possível falar sobre o sindicalismo, não apenas em solo italiano, mas também em solo francês. Mussolini coloca o sindicalismo numa relação com o socialismo com a analogia da relação do filho com o pai, respectivamente. A diferença seria de que enquanto o socialismo é um problema humano, o sindicalismo é um problema exclusivamente proletário.

Enquanto o socialismo atua pretendendo implementar a sua realidade histórica através da progressiva democratização do Estado, o sindicalismo é antiestatal e quer a emancipação do trabalhador através da união por profissão, tornando-se um órgão específico de educação, de defesa e de conquista, um órgão específico do proletariado. Os primeiros são parlamentaristas, e os segundos antiparlamentares ou abstencionistas.

De acordo com Mussolini, o sindicalismo se distingue do socialismo tradicional pela tática. O socialismo tradicional é o partido que se prende ao encargo de realizar o socialismo em nome dos trabalhadores, talvez pela metade mais um de uma votação parlamentar. Enquanto isso, o sindicato não tolera parasitas em seu seio. Para

---

94 “Il sindacalismo, che ha per oggetto la formazione di un nuovo carattere, si diversifica dal socialismo tradizionalistico nella tattica. Nel socialismo tradizionalistico è il “partito” (accolta di intellettuali politicanti e incompetenti) che si prende il delicato incarico di realizzare il socialismo per conto degli operai, magari attraverso la metà più ‘uno di un voto parlamentare; nel sindacalismo gli intellettuali, i professionisti de la pensée, gli ideologici non trovano posto. Il sindacato quale embrione della nuova società di produttori, non tollera parassiti nel suo seno. Il partito è possibilista; il sindacato è rivoluzionario; il primo riforma per conservare, l’ultimo “combatte costruendo”; il partito giunge alla “collaborazione di classe e governamentale”, il sindacalismo tende a “dissolvere le forze dello Stato” e a trasferire nelle organizzazioni proletarie tutto quanto possono portare d’amministrazione pubblica; il partito dà una importanza esagerata alle lotte elettorali e al cittadino votante che affida a un altro l’incarico di difenderlo e di rappresentarlo; il sindacalismo dichiara l’eguaglianza politica una parola vuota di significato per chi soffre della disuguaglianza economica.”; “Per me la violenza è una manifestazione fisica, materiale, muscolare. Le idee finché rimangono nel cervello o negli scaffali delle biblioteche sono perfettamente innocue. Diventano pericolose solo quando vi siano degli uomini che mirano a tradurle in atto, a convettire l’ideale in realtà. L’urto fra opposte concezioni della vita, non è mai idilliaco come una discussione accademica.” Trechos presentes em Mussolini, Benito. “*La Teoria Sindacalista*”. Opera omnia di Benito Mussolini, Opera (Firenze: La fenice, 1951- 61) , 2, pp. 123-128

Mussolini, o partido é possibilista, e o sindicato é revolucionário. O sindicalismo declara a igualdade política uma palavra vazia de significado para aqueles que sofrem por conta da desigualdade econômica.

Se o socialismo consiste na noção de classe e de luta de classes, deve aprovar a luta que é capaz de dar a consciência exata ao mais alto grau. Por conta disso, para Mussolini, a greve geral provou ser não apenas uma ferramenta, que era até aquele momento, imprevisível, mas também uma forma de educação para preparar o clímax da luta, que terá como objetivo a conquista dos meios de produção, a eliminação da burguesia como classe em evidência na história.

No livro de Prezzolini, há ensaios sobre Bergson e Sorel. Mussolini não considera tão grande a influência de Bergson nos teóricos sindicalistas, porém Sorel é por ele considerado um mestre, e não há um sindicalista bem educado que não conheça o ex engenheiro francês, cujo sindicalismo surge de uma interpretação do marxismo, chamado por Sorel de “doutrina da vida”, boa para os povos fortes, uma doutrina que reduz a ideologia ao artifício para abreviar a exposição da realidade. Para Sorel, a obra de Marx é de conselho, não de teoria, e de prática, não de ciência.

Aqui, Mussolini retoma ao tema da violência, dizendo que para ele próprio, a violência é uma manifestação física, material, muscular. ideias só se tornam perigosas quando há homens que pretendem passar para a ação, convertendo o ideal em realidade. O choque de concepções opostas da vida não é jamais idílico como uma discussão acadêmica. A violência é um conceito que perpassa a vida e a obra de Mussolini desde os tempos em que era um revolucionário socialista. É um elemento que permanece em sua fase pós Partido Socialista Italiano e criação dos *Fasci de combattimento*, bem como na sua vida como governante da Itália nos anos posteriores.

Prezzolini declara que o erro sindical está em não reconhecer que ao menos por enquanto, a massa operária é absolutamente incapaz da coragem necessária para adotar a doutrina dos sindicalistas, embora isso não seja um erro sindicalista, mas sim dos sindicalistas que desconhecem a psicologia das multidões.

Para Mussolini, é preciso treinar os homens no sindicalismo, pois a ação direta não pode se tornar um clichê como o *laissez faire, laissez passer* dos economistas liberais da primeira metade do século XIX, pois seria a morte da união que não pode ser

teorizada pelos filósofos, mas sim feita pelos trabalhadores. Mussolini acredita que a massa operária purificada pela prática sindicalista desenvolverá o novo caráter humano.

Em conferência realizada em Trento, na Sede da Câmara do Trabalho, em 25 de junho de 1909, Mussolini faz um discurso sobre o possível interesse proletário na conservação da pátria de então. Para ele, o problema da pátria seria um dos mais sérios e angustiantes a todos os que se apresentam à consciência e visão de mundo socialista. Mussolini diz que a burguesia não possui pátria.

Se justifica dizendo que a atividade capitalista rompeu as fronteiras no campo econômico e implantou seu modo de produção. Diz Mussolini que o internacionalismo do pensamento já há muito tempo se realiza, com artistas, sacerdotes, filósofos, que aboliram as pátrias, assim como os industrialistas e os especuladores. Mas para estes últimos, a pátria seria o lugar onde eles podem enriquecer, e a terra natal seria representada pelo exército. De acordo com Mussolini, para os burgueses, pátria e militarismo seria exatamente a mesma coisa.

De acordo com Mussolini, o patriotismo socialista seria um equívoco, pois os trabalhadores nada teriam para defender, pois não possuem propriedade. Defender a cultura também não faria sentido, já que muitos jamais frequentaram uma escola. E defender a história, seria também patrimônio da classe culta. E se pergunta por qual motivo trabalhadores que não recebem nada da pátria poderiam dever tudo a ela.

O patriotismo é para Mussolini um fetiche. Outro fetiche oferecido pela burguesia para as multidões seria o parlamentarismo. Para Mussolini, o proletariado é por definição e por necessidade antipatriótico. Na eventualidade de uma guerra, isso deve ser o sinal de uma greve geral, uma insurreição, uma guerra civil interna, que seria muito pior para as instituições burguesas.

Aqui, Mussolini faz referência aos cristãos, que segundo ele desejaram a derrota dos exércitos de Roma e preparavam o esfacelamento do Império. Para ele os socialistas não devem sequer temer se proclamar bárbaros, pois não possuem pátria, já que o conceito de pátria sempre foi por eles negado. Negado mesmo desde os estoicos que proclamaram o homem cidadão do universo até Cristo que estendia o seu reino a todos os homens, dos humanistas a “nós” (Mussolini se refere a ele e aos outros socialistas).

Segundo Mussolini para que uma coisa possa ser superada, é necessário negá-la. A nação negou o senhorio, o senhorio negou a comuna, a comuna negou o feudo, o feudo e a Igreja negaram o Império. E a humanidade nega a nação dilatando-a para os confins do mundo.

Acerca da greve geral e da violência, e resumindo o livro *Reflexões Sobre a Violência*, de Georges Sorel, recentemente publicado à época, com prefácio de Benedetto Croce. Mussolini<sup>95</sup> informa que conhece Sorel desde o livro *Ruine du Monde Antique*, confessando que lhe ajudou um pouco, embora tenha lhe causado um pouco de confusão em seus costumes, pois no final de cada página, existiam várias notas bibliográficas, em que segundo ele faltava uma conexão mais coordenada. Mas com as leituras sucessivas, ele se familiarizou com o pensamento de Sorel, que Mussolini compara à música wagneriana, em que existe o fio melódico. No caso de Sorel seria o elo lógico que precisava ser descoberto pelo leitor.

Segundo Mussolini, tanto Sorel quanto Croce, manifestam o mesmo desejo de clareza, sinceridade e probidade na busca, combatendo o positivismo superficial como uma

---

95 “In questa lettura introduttiva, Sorel sviluppa la teoria “dei miti” in rapporto al mito dello sciopero generale proletario. Secondo Sorel, se le grandi idee hanno trionfato nel mondo, lo si deve al fatto che esse hanno agito nell’animo delle folle come miti, cioè come rappresentazioni dell’azione sotto forma di battaglie da cui uscì il trionfo della propria causa. Mito cristiano fu l’apocalisse colla sconfitta definitiva di Satana, mito quello della riforma, quello della rivoluzione francese, quello dei mazziniani. La Giovane Italia fondata dal grande esule genovese ha agito sull’animo degli italiani come un mito rappresentativo che li spingeva a cospirazioni e battaglie. Così il mito del sciopero generale – considerato come la battaglia suprema – dà all’operaio la forza di compiere la rivoluzione. Coloro che si oppongono al mito dichiarandolo utopista dimenticano che in tutti i miti c’è l’utopia, ma “negli odierni miti rivoluzionari essa quasi manca. Il mito presente spinge gli uomini a prepararsi alla distruzione di ciò che esiste; l’utopia ha per effetto di volgere gli spiriti a riforme attuabili espezettando il sistema”. Il socialismo non è “utopia”; è la preparazione delle masse produttrici che vogliono sopprimere lo stato e la proprietà. Non si tratta ormai più di sapere come gli uomini si organizzeranno per godere della felicità futura: tutto si riduce all’“elemento rivoluzionario del proletariato” in vista di un’opera gigantesca.”; “Tutti coloro che temono la violenza ricorrono col pensiero alle giornate dell’inquisizione, all’epoca del terrore, ai trubunnali giacobini, alla ghigliottina permanente. È probabile che una rivoluzione condotta da ideologi, da gente che abbia la professione di pensare per gli altri, nel nostro caso per il proletariato, ristabilisca le antiche reperi procedure penali; ma le violenze proletarie non hanno alcun rapporto con siffatte proscrizioni. Sono puri e semplici atti di guerra e tutto ciò che appartiene alla guerra si compie senz’odio e senza spirito di vendetta... non si possono confondere le violenze sindacaliste usate nel corso degli scioperi da operai che vogliono il rovesciamento dello Stato, cogli atti selvaggi che la superstizione per lo Stato suggerì ai rivoluzionari del ’93, quando ebbero il potere nelle mani e poterono opprimere i vinti, seguendo i principi che avevano ereditato dalla chiesa e dalla monarchia. Noi abbiamo il diritto di sperare che una rivoluzione socialista condotta da puri sindacalisti non sarà macchiata dai fatti abominevoli che macchiarono le rivoluzioni borghesi.” Trechos presentes em Mussolini, Benito. “*Lo Sciopero Generale e la Violenza*”. Opera omnia di Benito Mussolini, Opera (Firenze: La fenice, 1951- 61) , 2, pp. 163-168

espécie de nebulosidade metafísica, ensinando aos homens que a vida é luta, sacrifício e superação.

É nestas páginas que Sorel desenvolve a teoria dos mitos, relacionando ao mito da greve geral proletária, pois de acordo com ele, se as grandes ideias triunfaram no mundo, é por conta de terem agido nas mentes das multidões como mitos, ou seja, como representações da ação na forma de batalhas das quais o triunfo sairá de sua própria causa. Mussolini fala sobre o mito cristão do apocalipse, o mito da reforma, o mito da revolução francesa e o mito dos mazzinianos. Fala sobre o exílio genovês que funda a jovem Itália e como ele agiu na alma dos italianos como um mito representativo que os empurrou para conspirações e batalhas.

A batalha suprema, que é o mito da greve geral, dá ao operário a força para realizar a revolução. Os que se opõem ao mito declarando que este é utópico esquecem, segundo Mussolini, que em todos os mitos existe a utopia. O socialismo não é utopia, mas sim a preparação das massas produtoras que querem suprimir o estado e a propriedade.

Para que o socialismo não se corrompa, não pode se tornar um sinônimo de democracia, isto é, as contradições entre a burguesia e o proletariado se aprofundaram. Com isso, para fortalecer o exército proletário e generalizar a luta de classes, é preciso se afastar do parlamentarismo e rejeitar qualquer compromisso ou conciliação, pois o socialismo parlamentar foi absorvido pela burguesia. Os parlamentares socialistas colocam suas esperanças de sucesso na degeneração burguesa.

Mussolini diz então que a eles, sindicalistas, a burguesia humanitária, filantrópica, temerosa e de bom coração, que faz a beneficência inútil ao invés de acelerar o ritmo da atividade econômica, desperta um sentimento de repugnância invencível. Não pretendem recolher os bens da burguesia em um período de confisco, pois preferem os interesses universais, tendo diante de si uma classe burguesa ousada e feroz, consciente de sua missão, que atinge o ápice de seu poder e cai sob o golpe decisivo da greve geral.

Sobre a violência proletária, diz que ela, enquanto força o capitalismo a permanecer na luta industrial e se preocupando com a função produtiva, talvez seja o único meio

disponível para as nações europeias para que encontrem seu antigo vigor, uma vez que estão brutalizadas pelo humanitarismo.

Para Mussolini, se, em confronto com uma burguesia rica e gananciosa existe um proletariado unido e revolucionário, a sociedade capitalista chega à sua perfeição histórica. Para ele, o perigo que ameaça o futuro do mundo é o desejo histórico de paz a qualquer custo, que quer suprimir sob retórica humanitária as antíteses dos fatos econômicos. Uma burguesia que perdeu a fé em si mesma e um socialismo que se afogou no atoleiro do parlamento. Para que tal perigo seja evitado, Mussolini diz que o proletariado deve perceber, o quanto for possível, a concepção de Marx, pois a violência proletária, para Sorel, tomada como pura e simples manifestação do sentimento de luta de classes, é uma coisa heroica, estando ao serviço dos interesses imemoriais da civilização. E embora não seja o método mais apropriado de obter vantagens materiais imediatas, talvez salve o mundo do barbarismo.<sup>96</sup>

Todos os que temem a violência, diz Mussolini, usam como exemplo os dias da inquisição, o terror e os tribunais jacobinos, a guilhotina, mas para ele não se pode confundir a violência sindicalista usada no curso das greves operárias que querem a derrubada do estado com os atos feitos pelos revolucionários de 1793 quando tinham o poder nas mãos e poderiam oprimir os vencidos, seguindo os princípios herdados da Igreja e da monarquia. Mussolini diz que eles (os sindicalistas) têm o direito de esperar que uma revolução socialista liderada por sindicalistas não seria manchada pelos fatos abomináveis que ocorreram durante as revoluções burguesas.

Sorel distingue força e violência, distinção que para Mussolini é necessária para acabar com muitos equívocos. A força, para Sorel, é a expressão da autoridade. A violência é a expressão da revolta. A primeira seria do mundo burguês, e a última da organização proletária. Na greve geral, a violência surge como a guerra de liberdade. Do exercício da violência proletária surge o que Sorel chama de moral dos produtores, uma nova moral que dá vida a um estado de espírito de revolta, épico e que estende todas as energias da alma, para perceber as condições em que podem surgir homens libertos. O socialismo deve para a violência, segundo Mussolini, os altos valores morais com os quais oferece salvação ao mundo moderno.

---

96 Sorel, Georges. *Reflections on Violence*. Cambridge University Press, 1999, pp. 85

De acordo com Mussolini, Sorel tem uma atitude polemista direcionada aos parlamentares socialistas franceses, sobretudo Jean Jaurès. O socialismo presente em nações latinas deve muito a Sorel, pois através de seus livros, diz Mussolini, chegamos à uma compreensão mais segura do marxismo que veio da Alemanha em um estado irreconhecível. Removendo do socialismo todas as características ideológicas herdadas da tradição democrática e jacobina, a noção de socialismo se identifica mais com a greve geral, e o socialismo não é mais um sistema num futuro distante, mas sim um estágio de preparação revolucionária de todos os dias, uma aplicação contínua e violenta da luta de classes, pois burguesia e proletariado são inconfundíveis. Enquanto a primeira atinge o progresso da técnica e a expansão colonial, o último se prepara para expropriá-la. A expropriação será resultado da greve geral, um sinal da separação absoluta entre duas eras de história.

Tal interpretação não teria nada a ver com as concepções oficiais dos socialistas que acreditam nas virtudes da “metade mais um”, e aqui refere-se ao parlamentarismo, pois, para Mussolini, não será com uma votação parlamentar de assembleia que a produção será organizada já com bases em uma associação de produtores livres e iguais, mas sim com uma batalha entre as classes inimigas.

Para Mussolini, o socialismo purificado pela prática sindicalista não é mais lugar para amadores, ociosos e políticos. O estado de guerra permanente entre a burguesia e o proletariado levará a novos valores morais e novos homens que estarão ligados aos antigos heróis.

Por volta do final de 1909, Mussolini desenvolve uma série de convicções políticas. Além do antiparlamentarismo, da defesa de uma Itália moderna e anti tradicional, era também um propagador da violência regenerativa, conforme Stanley G. Payne<sup>97</sup> e A. J. Gregor<sup>98</sup>.

Em artigo de janeiro de 1910, Mussolini<sup>99</sup> fala que os socialistas devem aplicar ao movimento o que Monroe aplicou nas Américas, porém fazendo uma analogia em que

---

97 Payne, Stanley G. *A History of Fascism, 1914-1945*. Wisconsin University Press, pp. 83, 1995

98 Gregor, Anthony James. *Young Mussolini and the intellectual origins of Fascism*. Berkeley: University of California Press, pp. 96, 1979

99 “Non mai come oggi sentiamo vivo il dissidio fra l’ideale e le contingenze pratiche: ma a queste non dobbiamo mai sacrificare l’ideale. È l’ideale – è la nostra meta – che ci dà un inconfondibile sigillo che ci

ao invés de ser “a América para os americanos”, seja o “socialismo aos que são explorados”.

Parece estar em busca de uma renovação, afirmando que nunca antes sentiu tanto as discordâncias entre o ideal e as contingências práticas que se colocavam naquele momento, e que uma purificação seria atingida por meio da luta, contra os ataques presentes e futuros das forças opostas.

O ideal – para Mussolini – seria aquela característica que diferencia os socialistas daqueles homens que chegam na exaustão por conta da luta em busca das vantagens imediatas. O socialismo seria uma maneira de moldar a consciência humana a serviço da renovação revolucionária.

## **2.4 A crítica a Sorel e o surgimento do novo nacionalismo na Itália**

Em um artigo de novembro de 1910, Mussolini<sup>100</sup> desferiu críticas contundentes ao autor que foi durante toda a sua vida uma das maiores influências: Georges Sorel. Diz Mussolini que Sorel passou para as fileiras dos monarquistas franceses que sonhavam com uma restauração.

Para Mussolini, o teórico do sindicalismo flertou com os representantes das forças mais reacionárias do passado, usando como argumento os artigos que Sorel escreveu que foram publicados no jornal *Resto del Carlino*. Mussolini chama Sorel de “chefe burguês pacífico e aposentado”, que chamou Francesc Ferrer, anarquista catalão morto durante lei marcial em Barcelona, de “um dos últimos andarilhos do renascimento”.

---

differenzia da tutti gli altri uomini che si esauriscono nella lotta per il vantaggio immediato.” Trecho presente em Mussolini, Benito. “Purifichiamoci!”. Opera omnia di Benito Mussolini, Opera (Firenze: La fenice, 1951-61) , 3, pp. 19

100 “Ecco una grande notizia. Giorgio Sorel, maestro riconosciuto e venerato del sindacalismo franco-napoletano, è passato definitivamente nelle schiere dei monarchici francesi che sognano una “restaurazione”. Già da tempo Giorgio Sorel diceva “imiei amici realisti”; già da tempo, il teorico del sindacalismo, flirtava coi rappresentanti delle forze più reazionarie del passato.”; “Conosciamo Giorgio Sorel da un pezzo. Non abbiamo mai creduto nel rivoluzionarismo di questo pensionato frugatore di biblioteche. Il suo sindacalismo non era che un movimento di reazione. Era una maschera.” Trecho presente em Mussolini, Benito. “L’ultima Capriola”. Opera omnia di Benito Mussolini, Opera (Firenze: La fenice, 1951- 61) , 3, pp. 271-272.

Em seguida, Mussolini diz que a atividade intelectual de Sorel realiza ataques violentos contra a democracia, a república, o socialismo e que ele tem nostalgia pelo antigo regime. Afirma que conhece Sorel há tempos, e que nunca tinha acreditado no “revolucionarismo” de um pensador de biblioteca aposentado, dizendo ainda que seu sindicalismo foi apenas um movimento de reação, uma máscara. Mussolini estava contrariando todos os elogios que fez ao seu antigo mestre em tempos anteriores. Mas quais seriam os motivos para isso? Talvez possamos explicar parcialmente os motivos para tais críticas por razões táticas, mais do que por razões ideológicas, como veremos posteriormente neste mesmo capítulo.

Como diz Gregor<sup>101</sup>, pelo menos desde abril de 1911 Mussolini reconheceu que os sorelianos mais avançados, liderados pelo próprio Sorel, tinham chegado num ponto próximo de uma identificação com o nacionalismo e com o monarquismo, e como tal, isso poderia destruir a credibilidade dentro das estruturas do socialismo organizado.

Em meio a isso, os elementos do novo nacionalismo, ou nacionalismo revolucionário, que estava se colocando em oposição à ideologia do patriotismo tradicional, estavam emergindo no pensamento de Mussolini, embora permanecessem naquela altura, ainda de maneira marginal. A rejeição do estado burguês não significava, para Mussolini<sup>102</sup>, a rejeição automática de uma nova Itália, uma Itália com o ambiente político purificado, libertada da velha ideologia. Nas palavras de Mussolini, em toda negação está dialeticamente implícita uma afirmação, e em todo ódio, há amor. Em novas épocas, novos problemas, novas guerras e novos heróis.

O patriotismo que Mussolini atacava nesta época, por volta do final de 1910, dizia respeito ao que ele chamava de falso amor pela pátria, que levava os italianos a fazerem uma espécie de vista grossa para seus problemas críticos na península. Ou

---

101 Gregor, Anthony James. *Young Mussolini and the intellectual origins of Fascism*. Berkeley: University of California Press, 1979, pp. 123

102 “Purifichiamo l’ambiente politico italiano, purifichiamo noi stessi, liberiamoci dal peso ingombrante delle vecchie ideologie. Prima di esse l’ideologia patriottica. Non si comprenderebbe la negazione nostra di fronte allo Stato borghese, se non avessimo lo stesso coraggio della negazione della patria. Sembra eretico, paradossale, sacrilega negazione, oggi che ancora ci-vi-bra nell’anima l’eco della gesta garibaldina. Ma in ogni negazione c’è una affermazione, in ogni odio un amore. Del resto nuove epoche, nuovi problem, nuove guerre, nuovi eroi, altri canti, nuovi poeti. È così che come canta Ackermann si trasmette di generazione in generazione la fiaccola del progresso civile. È così che l’umanità realizza e compie i suoi migliori destini” Trecho de discurso presente em Mussolini, Benito. *“L’Attuale momento politico e partici politici in Italia”*. Opera omnia di Benito Mussolini, Opera (Firenze: La fenice, 1951- 61) , 3, pp. 283-288.

seja, era o nacionalismo tradicional que estava fundado na monarquia, nas forças armadas e na guerra.

Antes que a Itália fosse para a guerra, Mussolini argumentava que era melhor a Itália empregar suas forças e energias para que pudesse resolver os seus problemas internos relacionados ao atraso no seu desenvolvimento. Uma guerra colonial só poderia servir, de acordo com Mussolini, para derramar o sangue dos proletários a serviço de “demônios patriotas” diversionistas. Assim sendo, a guerra não poderia ser um interesse nacional.

Pouco depois, publica ainda outro artigo<sup>103</sup> com o título de “*Nazionalismo*”. Neste artigo, ele detalha como o nacionalismo está sendo comentado em todos os lugares. Fala sobre como existem tantas palavras que terminam em “ismo”, assim como o socialismo.

Monarquia, exército e guerra seriam, para Mussolini, as três balizas espirituais ideológicas ao redor das quais as pessoas são convocadas pelo nacionalismo italiano. As três palavras corresponderiam a três absurdos, na visão de Mussolini.

Um nacionalismo monárquico, para ele, consistiria em um nacionalismo imobilizado. A monarquia italiana não poderia se mover num sentido nacionalista, segundo ele, também por conta de suas alianças e tradições antinacionais.

---

103 “Monarchia, esercito, guerra! Ecco i tre fari spirituali ideologici attorno ai quali son convolate le farfalle – tardivette – del nazionalismo italiano. Tre parole, tre istituzioni, tre assurdi. Un nazionalismo monarchico è un nazionalismo gottoso, immobilizzato ancor prima di muoversi. La monarchia italiana non può essere nazionalista, ma dev'essere per le sue alleanze e le sue tradizioni anti-nazionale. L'esercito? È minato dalla tabe clericale. E poi, un esercito italiano non ha mai vinto. Triste constatazione, già fatta da NicolÒ Machiavelli. La guerra? Con un esercito che non può vincere? Ci sono forse in Italia, le tradizioni belliche che hanno Francia e Germania? La guerra contro l'Austria? Forse per rinnovare Lissa e Custoza? No. Quando questi nazionalisti parlano di guerra, ci sembra di vedetli soffiare in fesse trombette di latta, ci sembra di vederli puntare sul serio un fucile di legno. Noi avremmo compreso e forse guardato con simpatia un nazionalismo all'interno, un movimento democratico-culturale di miglioramento, di raccoglimento e di rinnovazione del popolo italiano. Noi avremmo voluto che questi nazionalisti che sognano di portare le armi d'Italia attraverso l'Europa, non si fossero così muliebremente abbandonati alle illusioni del litismo nazionalista importatoci d'Oltre Alpi. Dovevano riflettere che prima di conquistare Trento e Trieste o la Tripolitania c'è da conquistare l'Italia, c'è da portare l'acqua alle Puglie, le bonifiche sull'Agro Romano, la giustizia al Sud, l'alfabeto dovunque! Ma se ciò avessero pensato, se a far ciò avessero converso le loro energie, questi letterati di dubbia fama avrebbero smentito se stessi. Nazionalismo? Un fiore esotico, sbocciato nelle serre italiane. Portato al sole, esporsto ai venti, perderà le foglie e il profumo. Non si arresta l'inevitabile. Il mondo va verso l'Internazionale socialista, verso la Federazione delle patrie, non più nemiche, ma sorelle. Questi nazionalismi non sono che tentativi, diversivi della borghesia per ritardare di un anno, di un giorno, il grande avvenimento che segnerà la fine della preistoria del genere umano.” Trecho presente em Mussolini, Benito. “*Nazionalismo*”. Opera omnia di Benito Mussolini, Opera (Firenze: La fenice, 1951- 61) , 3, pp. 280-281.

Ele afirma que teria gostado destes nacionalistas se antes de portar armas através da Europa, pensassem em resolver os problemas internos da Itália, como a água para Puglia, a recuperação do agro romano, a justiça no sul e a alfabetização em toda a península.

No final do artigo, Mussolini compara o nacionalismo à uma flor exótica, que floresceu nas estufas italianas, e que perderia suas folhas e seu aroma, reforçando, aparentemente com um caráter doutrinal e marxista ortodoxo, que o mundo vai na direção de uma internacional socialista, para uma federação das pátrias, que não seriam inimigas, mas sim irmãs. Os nacionalismos são descritos como tentativas e desvios da burguesia para atrasar em um ano ou um dia o grande evento que marcaria o fim do que ele chama de “pré-história da raça humana”.

Num artigo<sup>104</sup> posterior, publicado no final de dezembro de 1910, Mussolini fala sobre o segundo congresso nacional dos sindicalistas italianos, em Bolonha, que descreve como melancólico, desértico e personalista. O congresso contou com cerca de sessenta grupos que foram representados com mil membros, e durou três dias.

Mussolini demonstra estar perplexo com o fato de o sindicalismo se colocar cada vez mais próximo do nacionalismo que começava a avançar na península itálica, e ainda mais com a postura de Sorel, chamado por Mussolini de “o criador do sindicalismo”, e segundo ele enviou um cartão lacônico indecifrável: Sorel diz duramente que não quer mais saber do sindicalismo e dos sindicalistas. Seu antigo mestre teria passado definitivamente ao serviço do antigo regime e da força. E Mussolini ironiza, desejando-lhe uma boa viagem.

Mussolini afirma que o sindicalismo naquele momento estava servindo ao nacionalismo, ao futurismo, ao imperialismo, ao misticismo e ao clericalismo. Os sindicalistas no poder, seriam, para ele, como os socialistas, os republicanos, os

---

104 “Dopo tre anni i sindacalisti italiani si sono riuniti a Bologna in un secondo congresso nazionale. Congresso melanconico, deserto, personalistico. Erano rappresentati una sessantina di gruppi con un migliaio di aderenti. Il congresso è durato tre giorni.”; “Giorgio Sorel, il creatore del sindacalismo, há mandato una laconica indecifrabile cartolina: Sorel dichiara aspramente che non vuole più saperne di sindacalismo e di sindacalisti. Il “maestro” è passato definitivamente al servizio dell’ancien regime e della forza. Buon viaggio!”; “Il sindacalismo oggi serve al nazionalismo, al futurismo, all’imperialismo, al misticismo, al guerrafondismo, al clericalismo: qualche volta all’Agraria, come gli articoli crumireschi di Paolo Orano e di Giorgio Sorel o le conferenze di Labriola.” Trechos presentes em Mussolini, Benito. “*Fine Stagione*”. Opera omnia di Benito Mussolini, Opera (Firenze: La fenice, 1951- 61) , 3, pp. 289-292.

monarquistas e os sacerdotes, pois fazem nepotismo, favoritismo, colocam no lugar os amigos, mesmo que sejam idiotas ou deficientes moralmente. O abstencionismo passou a ser visto como apolitismo, em que ou a pessoa participa, ou não participa. Segundo ele, o eleitoralismo os dividiu, pois o congresso terminou com discórdia, entre gritos e ameaças e acusações de traição entre os seus participantes. Afirma que a maior parte do subversismo italiano – reformistas, radicais, sindicalistas, republicanos – são uma comédia. E finaliza o artigo dizendo como seria bom e oportuno um pouco de revolução para que pudesse se libertar de toda uma academia professora de subversivos em chinelos.

Renzo de Felice<sup>105</sup>, afirma que é possível ver em Mussolini nesse período entre 1910 e 1911 a influência de Salvemini<sup>106</sup>, que atraiu, de maneira mais específica, a polêmica contra o reformismo, por isso contra a política dos bloqueios e contra a maçonaria e para apoiar a conquista do sufrágio universal. O eco das posições dos *vocianti* e de Salvemini é reconhecível para Felice em vários dos seus artigos deste período: não raramente no periódico *La lotta di classe* e em seus discursos retomados. Também não pode deixar de ser mencionada, para Felice, a influência que as posições do periódico "*Pagine Libere*" e especialmente Olivetti, exerceu sobre seus escritos e pensamentos, já que são facilmente encontrados em muitos deles, como por exemplo nas referências feitas em algumas ocasiões de maneiras extremamente eloquentes como por exemplo, na avaliação da figura de A. Costa.

Então, embora condenando os desenvolvimentos, a involução que o sindicalismo revolucionário sofreu, disse ele, como um movimento organizado, Mussolini permaneceu de fato fiel à sua adesão primitiva ao sindicalismo teórico, tornando-se o primeiro suporte de toda a sua concepção, uma concepção em que eles derreteram e confundiram, amalgamados por uma carga pessoal, algumas razões, ideais e práticas mais vivas do que naquele momento o socialismo italiano estava envolvido.

Em 1911 um evento acabaria por causar grandes embates dentro do Partido Socialista Italiano. Foi a invasão italiana da Líbia, que se transformou num conflito que ficou conhecido como guerra Ítalo-Turca.

---

105 De Felice, Renzo. *Mussolini il rivoluzionario* 1883-1920. Turim: Einaudi, 1965, pp. 68-69

106 Gaetano Salvemini (1873-1957) foi um historiador, escritor e político italiano do partido socialista italiano, posteriormente ligado ao movimento **antifascista**.

## 2.5 A guerra Ítalo-Turca

Segundo W. K. Mclure<sup>107</sup>, desde o longínquo ano de 1838, Mazzini desejava que o norte da África ficasse com a Itália, uma Itália que sequer existia naquela época. Primeiramente apenas como uma ideia, um sonho de que a Itália pudesse restaurar as províncias africanas que pertenceram uma vez ao Império Romano. Anos mais tarde, em 1866, Bismarck, da então Prússia, enviou carta a Mazzini, dizendo que o império do mediterrâneo deve ser o pensamento constante da Itália, bem como o objetivo de seus ministros e o pensamento fundamental do Gabinete em Florença. A carta foi na época em que a França já havia ocupado a Argélia, e o sonho havia sido reduzido.

Cerca de 50 anos depois, o sonho cristalizou-se em objetivo político. A guerra ítalo-turca foi travada entre o Reino da Itália e o Império Otomano de 29 de setembro de 1911, a 18 de outubro de 1912. Como resultado deste conflito, a Itália capturou a Tripolitania Vilayet otomana, da qual as principais sub-províncias foram Fezzan, Cirenaica e Tripoli em si. Esses territórios juntos formaram o que ficou conhecido como a Líbia italiana.

Durante o conflito, as forças italianas também ocuparam as ilhas do Dodecaneso no Mar Egeu. A Itália havia concordado em devolver o Dodecaneso ao Império Otomano no Tratado de Ouchy em 1912. No entanto, a imprecisão do tratado permitiu uma administração italiana provisória das ilhas, e a Turquia eventualmente renunciou a todas as reivindicações sobre essas ilhas no Artigo 15 do Tratado de 1923 de Lausanne.

Embora menor, a guerra foi um precursor significativo da Primeira Guerra Mundial, uma vez que provocou o nacionalismo nos estados dos Balcãs. Vendo com que facilidade os italianos haviam derrotado os enfraquecidos otomanos, os membros da Liga dos Balcãs atacaram o Império Otomano dando início à Primeira Guerra dos Balcãs, antes do fim da guerra com a Itália.

No caso específico da Líbia, as reivindicações da Itália remontam à derrota do Império Otomano pela Rússia na guerra de 1877-1878, bem como discussões posteriores após

---

107 Mclure, W.K. *Italy in North Africa. An account of the Tripoli Enterprise*, London: Constable and Company LTD, 1913, pp. 4

o congresso de Berlim de 1878, onde França e Grã Bretanha concordaram com a ocupação da Tunísia e do Chipre. Na ocasião em que diplomatas italianos manifestaram a possível oposição de seu governo, franceses responderam que Trípoli teria sido uma contrapartida para a Itália. Em 1882, a Itália entrou para a Tríplice Aliança, formada também por Alemanha e Império Austro-Húngaro. A Itália buscava apoio contra a França na época justamente por ter suas possibilidades no norte da África limitadas por conta dos avanços franceses na região.

No ano de 1887, a Itália fez um acordo secreto com a Grã-Bretanha, que previa apoio italiano no papel britânico no Egito, em troca do apoio britânico na Líbia. No ano de 1902, a Itália assina um acordo com a França que concedia liberdade de intervenção na região da Tripolitânia e no Marrocos. Era um ponto final na rivalidade das duas nações pelo controle do norte da África.

Pouco a pouco os obstáculos diplomáticos foram removidos pelos italianos. Quando ocorre a crise de Agadir, a ação militar francesa leva ao estabelecimento de um protetorado. A partir de tal ponto, as lideranças italianas decidiram que poderiam aderir de maneira segura às demandas públicas em defesa de um projeto colonial. Além disso, os poderes da Tríplice Entente eram altamente favoráveis. A Itália ganhava uma posição peculiar na política internacional. Após a vitória italiana, ainda para Mclure<sup>108</sup>, existia um perigo de que num futuro próximo as potências europeias estivessem postas em lados opostos de um mar inquieto. Mclure assevera, porém, que a cooperação entre a Inglaterra, França e Itália talvez diminuísse tais possibilidades. O problema é que a Itália ainda continuava a renovar sua permanência na Tríplice Aliança.

## **2.6 O Partido Socialista e a Guerra**

De acordo com Gregor, Mussolini foi forçado, como líder partidário de província, a tomar uma posição em face dos eventos que ocorriam, e a posição tomada por ele teria sido influenciada por diversas considerações táticas e teóricas. Desde 1906, continua Gregor, sindicalistas tinham sido expulsos do Partido Socialista,

---

108 Mclure, W.K. *Italy in North Africa. An account of the Tripoli Enterprise*, London: Constable and Company LTD, 1913, pp. 318-320

e seu potencial como um movimento de mobilização de massas fora mitigado. Além disso, rapidamente os teóricos do sindicalismo estavam se movendo para posições socialistas menos ortodoxas.

Num congresso realizado em dezembro de 1910, Mussolini estava intrigado pelo fato do sindicalismo estar mais próximo do nacionalismo que começava a crescer na península, e estava igualmente intrigado pela aproximação feita por Sorel aos nacionalistas franceses. Maiores detalhes sobre ambas as situações serão relatados no capítulo III.

Na ocasião da guerra, Mussolini estava então numa situação complicada. De um lado, poderia apoiar a guerra tomando uma posição nacional-sindicalista. O que ele fez, para Gregor possibilitou que pudesse conseguir um sucesso tático, e também não necessariamente fez com que abandonasse os elementos do novo nacionalismo que havia entrado em contato com a influência dos sindicalistas.

Mussolini pretendia fazer com que a liderança reformista estabelecida do partido fosse desacreditada com a aproximação desta da monarquia italiana, e é difícil pensar como ele poderia fazer isso caso fosse igualmente associado com uma facção que pudesse ser acusada da mesma maneira. Isso pode explicar, ao menos em parte os motivos da crítica mussoliniana desferida contra o próprio Sorel e a aproximação dos sindicalistas de movimentos nacionalistas e monarquistas: seriam razões táticas, que para Gregor causaram tensão considerável sobre Mussolini, que estava numa posição difícil, mas ainda dentro do partido e com alguma margem de manobra, diferentemente dos sindicalistas que tinham sido expulsos do PSI. De qualquer forma, é um tema que suscita perguntas: Por quais outros motivos Mussolini criticara tão vorazmente seu antigo “mestre” Georges Sorel? Pesquisas posteriores poderiam investigar mais este aspecto.

Um dos principais alvos de Mussolini na época foram os reformistas como Leonida Bissolati. Bissolati apoiou o governo com o início do conflito no mediterrâneo, e muitos dos argumentos usados por ele possuíam semelhanças suficientes aos que eram empregados pelos sindicalistas nacionais para que Mussolini os visse com desconfiança.

Mussolini encontrava-se então num impasse. Tomar uma posição contrária a de

Bissolati poderia fazer com que Mussolini almejasse a liderança do partido socialista italiano. Bissolati, que fora diretor do *Avanti!* a partir de 1896, saiu do posto em 1903, mas voltou entre 1908 e 1910.

A recusa de Bissolati em se opôr à guerra com a Turquia pela conquista da Líbia, fez com que ele renunciasse como membro socialista do parlamento italiano em fevereiro de 1912, e alguns meses depois ele foi expulso do partido. Posteriormente, fundou o Partido Socialista Reformista Italiano, com Bonomi e Cabrini.

Nesse contexto, a oposição de Mussolini à guerra poderia isolar Bissolati e seus seguidores. Seria, para Gregor, uma boa razão tática para que Mussolini fizesse uma oposição muito forte à guerra. Como os sindicalistas revolucionários haviam sido expulsos do partido, a parte revolucionária que lá restava era composta de radicais mais ortodoxos que poderiam ser mobilizados contra a guerra.<sup>109</sup>

Mussolini<sup>110</sup> fez os seus primeiros comentários sobre a situação no mediterrâneo em 23 de setembro de 1911, convencido de que milhões de trabalhadores seriam contrários a qualquer aventura em Trípoli, e certo de que tal conflito poderia apenas tirar a atenção do país sobre a resolução de seus graves e complexos problemas internos.

Com os primeiros anúncios sobre a possibilidade de ações militares contra Trípoli, a *Federazione Socialista* e a *Camera del lavoro* de Forlì organizaram um comitê para decidir qual seria a ação que os socialistas tomariam em vista dos fatos. Três dias depois, uma greve geral parou toda a atividade produtiva da área.

Mesmo com a constatação de que a greve estava longe de ser geral, com a agitação parando no dia 27, um dia antes do ultimato dado pelo governo italiano ao governo turco, Mussolini continuou com a sua oposição ao conflito, que perdurou também após

---

109 Gregor, Anthony James. *Young Mussolini and the intellectual origins of Fascism*. Berkeley: University of California Press, 1979, pp. 121-124

110 “Gli eroici furori dei guerrafondai di professione vanno sbollendo. Il linguaggio dei nazionalisti ha abbassato il tono. Il 20 settembre è passato senza che le truppe italiane abbiano occupato Tripoli. La cosiddetta opinione pubblica rinsavisce? Pare. Ad ogni modo l’opinione pubblica tripolinofila non è che una quantità affatto transcurabile di fronte ai milioni di lavoratori italiani che non votano perché non elettori, che non leggono perché analfabeti, sono assenti dalla vita politica, ma sono contrary – d’istinto – alle imprese coloniali africane. Il macello di Abba Carima è ancor ben vivo nella memoria del popolo. L’avventura di Tripoli doveva essere per molti un diversivo che distraesse il paese dal porsi e risolvere i suoi complessi e gravissimi problemi interni. Non si andrà a Tripoli per il momento, ma nell’eventualità mediate o immediate di un’occupazione il proletariato italiano deve tenersi pronto a effettuare lo sciopero generale.” Texto presente em Mussolini, Benito. “*Tripoli*”. Opera omnia di Benito Mussolini, Opera (Firenze: La fenice, 1951- 61) , 4, pp. 59

a declaração formal de guerra.

Em outro artigo, datado de 30 de setembro de 1911, Mussolini<sup>111</sup> afirmou que as forças turcas seriam derrotadas facilmente, o que ele mesmo afirmava não duvidar. Por outro lado, também afirma que a derrota das forças turcas seria também seguida por insurgência local contra as forças de ocupação italianas, o que de fato aconteceu.

As autoridades italianas se prepararam a partir de outubro para agir na região de Forlì contra os líderes da resistência popular à guerra. Mussolini foi preso no Café Garibaldi, sem resistir. Mussolini negou as acusações de que tinha sido responsável pela violência que ocorreu e insistiu que sua resistência à guerra era dirigida por um amor à pátria.

A oposição feita por Mussolini à guerra lhe deu proeminência de nível nacional, bem como a simpatia de membros fiéis do partido. No dia 23 de novembro, a sentença foi proferida, e ele foi condenado a um ano de prisão. Aguardando o recurso, e impedido de obter a liberdade provisória, seu apelo foi discutido em fevereiro do ano seguinte, 1912, em Bolonha, onde estava encarcerado, desde janeiro. A sentença foi reduzida para cinco meses e meio. Com a redução, Mussolini retornou para a liberdade em março de 1912.

## **2.7 O congresso de Reggio Emilia e a chegada ao comando do *Avanti!***

Felice<sup>112</sup>, afirma que a vida de Mussolini entrou em uma nova fase a partir deste momento, e após a prisão, ele permanece em Forlì, sendo apenas o líder do movimento socialista local, porém isso é apenas de maneira breve, já que no congresso de Reggio Emilia, sua história pessoal o levará a uma nova dimensão e

---

111 “Forse, l’interrogativo è inutile. Il governo italiano ha mandato a quello turco l’ultimatum. Mentre tracciamo queste linee – oggi, venerdì – tutta Italia aspetta ansiosa la risposta turca. Sarà la guerra? Lo sapremo domani. Certo è che le possibilità di una soluzione pacifica sono diminuite non aumentare: l’Italia ufficiale ha voluto l’avventura, vuole la guerra. Sarà così facile la vittoria come sognano i nazionalisti imperversanti nelle gazette borghesi? Ne dubitiamo. La Turchia si raccoglierà in uno sforzo supremo. Si tratta di vita o di morte. Le armi italiane, se anche non fossero vinte in battaglie campali, potrebbero essere tenute in scacco e stanche dalla guerriglia degli indigeni. L’Italia inizia oggi un nuovo periodo della sua storia, periodo incerto e grave di molte terribili incognite. Noi aspettiamo fiduciosi gli eventi. Quasi sempre la Guerra prelude alla rivoluzione.” Texto presente em Mussolini, Benito. “*La guerra?*”. Opera omnia di Benito Mussolini, Opera (Firenze: La fenice, 1951- 61), 4, pp. 74

112 De Felice, Renzo. *Mussolini il rivoluzionario 1883-1920*. Turim: Einaudi, 1965, pp. 79-80

nível, chegando a ser o membro nacional da corrente revolucionária que agora era maioria.

Gregor<sup>113</sup> assevera que as evidências que podemos levar em consideração indicam que Mussolini foi ao congresso de Reggio Emilia com uma estratégia bem elaborada, já que seu propósito principal era insistir na expulsão dos reformistas do partido, Bissolati, Bonomi, Cabrini e Guido Podrecca. No primeiro artigo que publicou quando saiu da prisão, Mussolini desferiu crítica virulenta contra os três primeiros, por ocasião do malfadado atentado contra o rei, fato que havia sido comemorado por estes. No artigo, Mussolini<sup>114</sup> diz que Bissolati, Cabrini e Bonomi agora formariam uma tríade independente de ministros e futuros subsecretários de Estado, e sentiram a necessidade de unirem-se aos deputados monarquistas que se prontificaram para parabenizar o rei Victor Emmanuel III por ele escapar do atentado fora de perigo.

Mussolini continua, dizendo que não seria necessário mencionar que o assassinato político foge completamente das concepções táticas seguidas pelos socialistas revolucionários, porém isso não significaria que deveriam celebrar da mesma maneira que os monarquistas ao mesmo tempo em que forças de reação ampliam ainda mais a busca de novas presas, e aqui, parece ser possível dizer que Mussolini faz referência à própria prisão, que poderia ser seguida por prisões de outros socialistas. Mussolini termina o artigo dizendo que o feito de Bissolati e seus associados provou uma vez mais que eles tomaram uma decisão não apenas importante, mas definitiva, irrevogável e sem retorno.

---

113 Gregor, Anthony James. *Young Mussolini and the intellectual origins of Fascism*. Berkeley: University of California Press, 1979, pp. 132

114 “Noi non sappiamo più scandalizzarci pel fatto che gli onorevoli Bissolati, Cabrini e Bonomi, che compongono ormai una triade indissolubile di ministri e futuri sottosegretari di Stato, abbiano sentito così prepotente il bisogno di unirsi al corteo dei deputati monarchici che si è recato al Quirinale a congratularsi con Vittorio Emanuele III per lo scampato pericolo. Né ci meraviglieremo di saper domain che Bissolati, quello del famoso grido lanciato nell’auletta quattordici anni fa, ha confuse la sua voce tra quelle dei piaggiatori cortigiani che gridavano: “Viva il Re!”. Non abbiamo bisogno di dire che l’assassinio politico esula completamente dalle nostre concezioni tattiche, ma vogliamo però aggiungere che non intendiamo per questo di prosternarci nelle chiese ove si celebreranno da preti monarchici *I Te Deum* propiziatori mentre gli avvoltoi della reazione già allargano l’artiglio in cerca di nuove prede. L’atto odierno del Bissolati e soci riprova ancora una volta ch’esse hanno passato il Rubicone.” Texto presente em Mussolini, Benito. “*Deplorazione*”. Opera omnia di Benito Mussolini, Opera (Firenze: La fenice, 1951- 61) , 4, pp. 113

Assim como Gregor, Felice<sup>115</sup> também afirma que Mussolini foi para Reggio Emilia com um plano muito preciso, certificando-se de que transformaria sua posição de líder local para líder regional, fazendo apelos aos sentimentos mais básicos e sinceros dos socialistas mais antigos do partido. Os principais expoentes da facção revolucionária, com exceção de Balabanoff e Serrati, foram praticamente decididos a não romper com os reformistas de esquerda, e estavam dispostos a diluir a intransigência que possuíam. Mussolini, por sua vez, preferiu não debater problemas políticos que estivessem alheios à assembleia. Ele se colocou claramente como líder da facção revolucionária, sendo apoiado pelos delegados da Romagna e Ciccotti. A questão da expulsão dos “direitistas” foi levada à frente e desencadeou o desligamento de Bissolati, Bonomi, Cabrine e por aclamação, Podrecca. A expulsão foi sancionada pelo motivo de ofensa grave da doutrina e da tradição socialista. O nome de Mussolini foi então incluído na lista da nova direção partidária aprovada pelo congresso.

Em cerca de uma década, Mussolini passou da posição de agitador desconhecido para um papel de liderança dentro do partido socialista italiano. Mussolini, então com 29 anos, emergiu como um orador com um tremendo poder de persuasão, alinhado aos gestos característicos que fazia conforme proferia seus discursos.

A expulsão da ala reformista do partido faria com que Mussolini buscasse uma posição de liderança nacional e o levaria ao comando editorial do jornal oficial do partido, o *Avanti!*, sendo nomeado diretor do jornal durante a reunião da direção socialista que ocorreu entre 8 e 10 de novembro de 1912. A direção efetiva do periódico se deu a partir de 1º de dezembro de 1912.

---

115 De Felice, Renzo. *Mussolini il rivoluzionario* 1883-1920. Turim: Einaudi, 1965, pp. 90-91

## Capítulo 3 – Mussolini entre o internacionalismo pacifista e o interventismo belicoso: a evolução da síntese nacional-sindicalista como precursora do fascismo

### 3.1 A síntese nacional-sindicalista soreliana

Segundo Gregor, Georges Sorel, desde pelo menos 1906, tinha dado passos na direção de uma síntese entre aspirações sindicalistas e nacionalistas. Sorel havia entrado em contato com numerosos sindicalistas italianos que começavam a vislumbrar a revitalização da burguesia que seria compelida a cumprir a sua obrigação histórica, que seria a criação de uma base econômica adequada para a futura sociedade de produtores. Entre os que Sorel teve contato, estão Luigi Federzoni e Roberto Forges-Davanzati. Estes, tinham entrado em contato com Enrico Corradini, que era nacionalista.

Sorel escreveu para Croce que Corradini tinha entendido muito bem o valor de suas ideias, e por volta de 1910, o próprio Sorel encontraria inspiração nas ideias nacionalistas de Charles Maurras e Charles Péguy. Sorel reconheceu que Corradini havia usado as suas ideias para dar forma ao seu sindicalismo nacional e seu nacionalismo proletário.<sup>116</sup>

O envolvimento de Sorel com a *Action Française*, especificamente com a publicação nacionalista *Cite Française*, foi visto por Paolo Orano como um argumento para a união entre nacionalismo e sindicalismo, no seu periódico *La Lupa*. Orano, que começou sua carreira política como um dos principais pensadores sindicalistas associados ao Partido Socialista Italiano na virada do século, tornou-se parte de um grupo de intelectuais que seguiam os ideais de Georges Sorel, entre eles Arturo Labriola e Robert Michels. Seu periódico, fundado em outubro de 1910, é, de acordo com Sternhell particularmente um marco histórico no processo de incubação intelectual do fascismo, já que colocou pela primeira vez na Itália os nacionalistas associados ao supracitado Enrico Corradini

---

116 Gregor, Anthony James. *Young Mussolini and the intellectual origins of Fascism*. Berkeley: University of California Press, 1979, pp. 119

juntamente dos teóricos do sindicalismo revolucionário, Paolo Orano, Arturo Labriola, Agostino Lanzillo, Angelo Olivetti e Robert Michels.

Segundo Sternhell, a síntese do nacionalismo com o sindicalismo revolucionário era baseada nos mesmos princípios que na França: de um lado, a rejeição da democracia, marxismo, liberalismo, os chamados valores burgueses, a herança do século XVIII, o internacionalismo, o pacifismo; do outro lado, o culto do heroísmo, vitalismo e da violência. Citando como exemplo Robert Michels, Sternhell o coloca como uma das figuras mais significativas do sindicalismo revolucionário, defensor de uma ética vitalista e voluntarista e de uma elite capaz de liderar as massas no combate. Sua obra *Para uma Sociologia dos Partidos Políticos na Democracia Moderna* se tornou um clássico na área da ciência política.

De acordo com Sternhell, após o encontro inicial entre os nacionalistas e os sindicalistas sorelianos, a síntese nacional-socialista se desenvolveu de uma maneira rápida, pois os principais intelectuais sindicalistas revolucionários foram fortemente favoráveis à participação italiana na invasão da Líbia em 1911, bem como também se colocaram na defesa de uma campanha favorável à intervenção italiana na guerra europeia em 1914, que tinha acabado de começar. A guerra seria, para eles, um evento que poderia mudar o mapa do continente, uma guerra revolucionária, que criou um ambiente em que as grandes virtudes humanas e sociais – violência, heroísmo, altruísmo, solidariedade entre as classes – podiam ser expressadas.<sup>117</sup>

Conforme foi colocado no capítulo anterior, e ainda segundo o estudioso do fascismo, Stanley G. Payne <sup>118</sup>, a principal oportunidade de expansão colonial italiana foi na guerra contra o Império Otomano pelo controle do território da Líbia. Tal visão era apoiada por um grande número de sindicalistas revolucionários e por quase todos os nacionalistas, embora fosse uma visão criticada também por muitos dos primeiros, e ao menos no início, pelos nacionalistas culturais do *La Voce*. Após o conflito, a maior parte dos líderes do sindicalismo revolucionário começou a ter a posição de que o principal problema da Itália não era a burguesia, mas sim a oligarquia e o sistema político. A partir daí, diz Payne, existiam conversas sobre a necessidade de uma revolução

---

117 Sternhell, Zeev. *The Birth of Fascist Ideology: From Cultural Rebellion to Political Revolution*. New Jersey: Princeton University Press, 1994, pp. 32-33

118 Payne, Stanley G. *A History of Fascism, 1914-1945*. Wisconsin University Press, 1995, pp. 68

política “preliminar”, que poderia abrir o sistema político e econômico para forças mais progressistas. Dessa maneira, o sindicalismo corporatista poderia prover uma liderança política intermediária até que o máximo desenvolvimento do verdadeiro socialismo pudesse ser alcançado.

Por volta de 1914, os sindicalistas revolucionários revisaram de maneira drástica a teoria marxista e a substituíram por novas doutrinas para o alcance de uma “revolução positiva”, nas palavras de Payne, o que incluiria a ênfase na ética, ideias, símbolos e a psicologia social. Atenção também seria dada ao voluntarismo, em detrimento do determinismo econômico. O papel das elites em prover a liderança para uma vanguarda revolucionária e a importância de uma mobilização de várias classes. O conceito de nação proletária como uma chave para a revolução. A necessidade de ação direta, violência, feitos heroicos, inicialmente em greves gerais e mais tarde em ações políticas e militares nacionais. Como alguns dos líderes já haviam se tornado nacionalistas, e mais tarde, com a entrada da Itália na Primeira Guerra Mundial, muitos de seus porta vozes iriam apoiar a “guerra nacional revolucionária”, no processo de transição do sindicalismo revolucionário para o sindicalismo nacional. Nesta espécie de “disfarce”, de acordo com Payne, eles iriam proporcionar o mais coerente suporte para o surgimento do fascismo.<sup>119</sup>

### **3.2 Mussolini em movimento: do proletariado à nação**

De acordo com Sternhell<sup>120</sup> Mussolini, em artigos publicados<sup>121</sup> desde o final de 1912, coloca termos como “povo” e “nação”, no lugar de “proletariado”. A substituição seria, de acordo com Mussolini, pela razão de que os conceitos “povo” e “a nação” também abarcariam “o proletariado”. Diz Sternhell que, num período em que o futuro *Duce*

---

119 Payne, Stanley G. *A History of Fascism, 1914-1945*. Wisconsin University Press, 1995, pp. 68

120 Sternhell, Zeev. *The Birth of Fascist Ideology: From Cultural Rebellion to Political Revolution*. New Jersey: Princeton University Press, 1994, pp. 207

121 “Il Parlamento italiano – parlamento di incompetenti, di esautorati, di ciurmadori, di abulici – approverà, com voto Che si può fin d’ora prevedere quase unanime, Il terzo fatto compiuto e La Triplice Alleanza riceverà così, attraverso La maggioranza giollittiana della Camera, uma specie di sanzione nazionale. Ma la Nazione – intendiamo parlare del proletariato e del popolo – è assente.” Trecho presente em Mussolini, Benito. *“Dopo il Fatto Compiuto”*. Opera omnia di Benito Mussolini, Opera (Firenze: La fenice, 1951- 61) , 5, pp. 14-16

passa a prestar mais atenção aos problemas das minorias italianas residentes no então Império Austro-Húngaro, a abordagem feita por ele é de um ponto de vista nacional, ainda que continuasse a utilizar uma terminologia socialista para sua argumentação.

Nos anos anteriores à grande guerra, Mussolini se movia lentamente para longe de noções de ortodoxia socialista. O maior sinal de que um desenvolvimento diferente estava tomando forma na cabeça de Mussolini foi a criação de um periódico pelo mesmo com o nome de *Utopia*, no final de 1913. Isso ocorre no mesmo momento em que ele é o porta voz do partido socialista italiano e uma personalidade forte e de liderança, como editor chefe do *Avanti!*.

Pouco mais de cinco anos antes, em março de 1908, Mussolini<sup>122</sup> escreveria artigo por ocasião dos vinte e cinco anos do falecimento de Karl Marx. Mussolini fala sobre a situação europeia entre os anos 30 e 60 do século XIX, sobre o desenvolvimento e a difusão do modo de produção capitalista, as divisões nacionais em suas unidades étnicas e psicológicas dando o exemplo da própria Itália e da Polônia. Sobre Marx, Mussolini o coloca como um espírito reflexivo, genial e profundo, e que assim que completou seus estudos universitários em Berlim, se dedica ao entusiasmo de um jovem no movimento revolucionário. Aqui Mussolini faz referência aos primeiros escritos de Karl Marx na Gazeta Renana, descrevendo-o como um polemista formidável que une uma forma brilhante e uma cultura filosófica vasta.

---

122 “Por ben comprendere e valutare colla maggior possibile approssimazione d’esattezza la portata e La profondità della dottrina marxista, per spiegarci in Che modo è sorta e come si è imposta, ci sembra anzitutto necessario di riportare Karl Marx nel periodo di tempo in cui egli visse e lottò. L’Europa dal ’30 al ’60 ci presenta um magnifico risveglio d’energie – Le nazionalità divise (Italia, Polonia) tendono a ricostituire La loro unità étnica e psicológica; Il capitalismo sviluppa e diffonde Il suo modo di produzione e La grande industria sopprimendo l’artigianato, agglomerando Le masse operaie nelle grandi città, originando Il proletariato come classe Che há interessi antagonistici a tutte Le altre componenti La società civile, rende manifesto l’insanabile dualismo fra i detentori Del mezzi di produzione e gli agenti personali della produzione e perciò stesso conduce alla nozione scientifica del socialismo”; “Staccatosi da Hegel – del quale conserverà sempre la mirabile forza dialettica – Marx, come per liberarsi Il terreno si scaglia contro Il vácuo romanticismo germánico. Sente che Il cristianesimo – come dottrina della rinuncia – ribadisce Le catene di uma doppia schiavitù econômica e morale e proclama nel Deutsch Brüssler Zeitung (1849) che “i principi sociali del cristianesimo sono sornioni e Il proletariato è rivoluzionario”. Le vecchie scuole filosofiche si erano fossilizzate a creare dei sistemi sopra a delle purê astrazioni. Marx preconizza nuove vie e nell’ultima tesi su Ludovico Feuerbach esclama: “Non si tratta più di studiare Il mondo, si tratta di trasformarlo”. Ma chi sarà l’agente di questa grande trasformazione? Il proletariato. A questo punto Il pensiero marxista è già completo e trova La sua espressione nel Manifesto dei Comunisti.” Trechos presentes em Mussolini, Benito. “*Karl Marx*”. Opera omnia di Benito Mussolini, Opera (Firenze: La fenice, 1951- 61) , 1, pp. 101-104

Nas palavras de Mussolini, Marx, separado de Hegel, conserva a admirável força dialética, e se coloca contra o vago romantismo alemão, e sente que o Cristianismo, como a doutrina da renúncia, reitera as cadeias de uma dupla escravidão econômica e moral, o que o faz proclamar que os princípios sociais do Cristianismo são astutos, e o proletariado é revolucionário. As velhas escolas filosóficas teriam se fossilizado e criado um sistema acima da pura abstração. Mussolini cita então a última tese de Marx sobre Feuerbach “Os filósofos não fizeram mais que interpretar o mundo de forma diferente; trata-se porém de modificá-lo.” E o agente modificador é, para Marx, o proletariado. Nessa altura, Mussolini afirma que o pensamento marxista encontra sua expressão no Manifesto do Partido Comunista.

Mussolini então discute a passagem do socialismo filantrópico cristão ao socialismo científico. Fala sobre Robert Owen, Weitling, Fourier e Cabet, e suas formas de socialismo utópico, que é caracterizado por Mussolini como subestimações da força oposta, dizendo que é pueril crer que os ricos possam se desfazer de seus bens cedendo a simples pregação da virtude. Para ele, uma classe não renuncia aos seus privilégios a não ser que seja forçada. O socialismo crítico de Marx visa dar ao proletariado a consciência de sua missão, e a questão social só será resolvida com a supressão da relação capitalista-proletário e não com os paliativos dos filantropos. Mussolini diz que a classe trabalhadora não deve procurar em outro lugar os meios para se redimir, não esperar por um Messias, e sim lutar com suas próprias forças. Ou seja, a emancipação do trabalhador deveria vir dos próprios trabalhadores, que é a noção científica de socialismo presente no Manifesto do Partido Comunista, que está em relação estreita com o determinismo econômico ou materialismo histórico, que é outro ponto central da teoria marxista. Marx coloca o interesse material como o motor principal da ação humana, considerando toda a superestrutura da sociedade, a arte, a religião e a moral, como a reflexão e o resultado das condições econômicas e o modo de produção econômico. Mussolini coloca que todos os movimentos do pensamento humano foram determinados por motivos econômicos e profanos, inclusive o Cristianismo. O Socialismo não poderá surgir senão com o advento do modo de produção capitalista. Enquanto isso, as novas condições da economia determinam o proletariado que traduzirá os objetivos teóricos do socialismo em ação. Por que meios?

Com a luta de classes. Os interesses do proletariado são antagônicos aos da burguesia.

Mussolini fala que a luta final será violenta e catastrófica, pois os capitalistas não renunciarão voluntariamente aos seus poderes econômicos e políticos. E neste caso, um período mais ou menos longo de violência acompanhará a transição do modo de produção burguês para o modo de produção numa base comunista.

O futuro *Duce* termina o artigo dizendo que o proletariado de todos os países volta o pensamento à memória do homem que, para a causa do oprimido, consagrou todas as suas energias e com a chama pura de um ideal de alegria de fraternidade e paz.

Meses antes de sua crítica virulenta à aproximação do sindicalismo com o nacionalismo, que Mussolini via como perigosa, ele publicou um artigo criticando um colunista que havia, de maneira anônima, publicado um artigo no *Pensiero Romagnolo* afirmando que o marxismo é um sistema científico, unilateral e falacioso, e solenemente negado pela história, e levado à falência.

Para Mussolini<sup>123</sup>, é preciso muita imprudência para assinar com nome e apelido tamanho disparate, como quando o autor afirma que o sistema de Marx entrou em colapso, destruído por seus próprios seguidores. Mussolini convida o autor para uma discussão pública ou privada sobre o tema acerca do que seria vivo e do que morreu em Marx.

Mussolini então afirma que no dito colapso de Marx, os melhores intelectuais da Europa contemporânea, de Sorel a Croce, de Kautsky a Labriola, de Pareto a Plekhanov, estão cansados sem que isto aconteça em vão, e que se o marxismo estivesse realmente derrubado devido aos golpes de seus seguidores, isso seria um título de honra para os socialistas, que segundo Mussolini não teriam apóstolos inatacáveis, dogmas eternos ou fórmulas santificadas.

---

123 “Poi gli faccio osservare che su Marx... crollato si affaticano e non invano i migliori intelletti dell'Europa contemporanea da Sorel a Croce, da Kautsky a Labriola, da Pareto a Plekanoff. E se il marxismo fosse proprio crollato sotto i colpi dei suoi seguaci, ciò sarebbe un titolo di onore per i socialisti, i quali non hanno apostoli inattaccabili, ne dogmi eterni, ne formule santificate, ma osano demolire allegramente Le dottrine dei maestri quando sono superate dalla realtà. Marx stesso non voleva discepoli fedeli e seguaci bigotti. Egli diceva: “io non sono marxista”. E il marxismo, caro mazziniano, è ancora molto vivo e vitale.” Trecho presente em Mussolini, Benito. “*Gli Ultimi Aneliti*”. Opera omnia di Benito Mussolini, Opera (Firenze: La fenice, 1951- 61) , 3, pp. 47.

Ao invés disso, ousam demolir alegremente as doutrinas dos mestres quando elas são superadas pela realidade, e o próprio Marx, diz Mussolini, não queria discípulos leais ou seguidores fanáticos, pois ele mesmo teria dito que não era marxista. O marxismo seria muito vivo e vital.

Mussolini indica então ao autor mazziniano que critica, que leia o livro de Antonio Labriola *Em memória do manifesto comunista*, e pede para que ele procure entender Benedetto Croce e Georges Sorel. E só então deveria se colocar a falar sobre o marxismo, pois não deve ter lido nem mesmo os títulos das obras de Marx.

Em seguida, publica outro artigo<sup>124</sup> em que saúda aqueles que são chamados de bárbaros, de maneira pejorativa. De acordo com ele, Marx foi um bárbaro que aconselhou a demolição material dos edifícios que remetem à memórias odiosas. Foi brilhante também em seu livro *A Miséria da Filosofia*, advertindo que na véspera de toda grande reforma da sociedade, a última palavra da ciência será sempre o combate ou a morte, a luta sangrenta ou nada.

Os “burgueses” de todas as épocas, diz Mussolini desde os patrícios de Roma, até os proprietários republicanos de Ravenna, sempre chamaram de bárbaros os rebeldes, os homens novos, os heréges. Para a Roma republicana, os escravos de Spartacus que se levantaram para morrer. Para a Roma Imperial, os bárbaros eram os Cristãos, que estavam nas comunidades subterrâneas para dominar o mundo. Para os senhores feudais, eram bárbaros aqueles que quebraram as correntes do servo e da servidão, que incendiaram os castelos. Para a nobreza e o clero, os últimos bárbaros foram os sans culottes, que demoliram a Bastilha e derrubaram Luís XVI. Para toda a burguesia europeia, os internacionalistas eram bárbaros e malfeitores.

Referindo-se aos republicanos de Ravenna, Mussolini diz que para estes, os que movem para reivindicar seus direitos são os bárbaros desta época. Diz Mussolini, que os novos bárbaros, conscientes de sua força e seu valor, não estarão mais acostumados a dominadores ou políticos, pois iriam criar seu mundo e sua civilização.

---

124 “Barbaro era Carlo Marx che approvava e consigliava La demolizione “materiale” di edifici cui si riconnettessero odiosi ricordi; bárbaro era Carlo Marx che nel suo libro La miséria della filosofia, ammoniva che “Allá vigília generale d’ogni grande riforma della società, l’ultima parola della scienza sarà sempre Il combattimento o La morte, La lotta sanguinária o Il nulla.” Trecho presente em Mussolini, Benito. *“Avanti Sempre o Barbari! Dedicato alla “Libertà” di Ravenna”*. Opera omnia di Benito Mussolini, Opera (Firenze: La fenice, 1951- 61) , 3, pp. 86-87.

Em seguida, Mussolini fala sobre o fato do Partido Socialista Italiano ser reformista e o quão ruim isso seria. Entretanto, diz Mussolini, os republicanos seriam, em termos de reformismo, os recordistas mundiais, mesmo falando com linguagem “radical”.

No capítulo anterior vimos como Mussolini reagiu em 1910 frente à aproximação de Sorel e de outros sindicalistas revolucionários ao nacionalismo, e a reação consistiu de críticas contundentes ao antigo mestre. Entretanto, conforme já foi explicado, Mussolini também tinha tido influências e contatos com o nacionalismo, por meio dos próprios sindicalistas. Já em 1909 reconhecia<sup>125</sup> a universalidade dos apelos nacionalistas, dizendo que é inútil discutir sobre o amor à pátria, considerado como um sentimento. Começava então, a articular uma concepção de nacionalismo que pudesse estar alinhada às suas convicções sindicalistas, e mesmo na sua visão de fraternidade ideal dos povos, Mussolini<sup>126</sup> via a persistência da cultura e da identidade política italiana, referindo-se criticamente já nesta época a certo pangermanismo dos social democratas alemães, que, diferentemente de locais como Genebra, Berna e Milão, em que discursos eram proferidos em até mesmo quatro idiomas, faziam encontros em que apenas o alemão era falado.

Mussolini<sup>127</sup> chegou a invocar concepções como as de que uma Itália nova e revolucionária que iria satisfazer aos requisitos para o seu desenvolvimento, fazendo com que as suas capacidades de produção fossem expandidas de uma maneira rápida.

Sobre o nacionalismo estar presente em Mussolini muito antes que ajudasse a dar vida ao fascismo, ao menos dois de seus biógrafos que lhe eram contemporâneos

---

125 “Ammette che sull’amore di pátria, considerato come sentimento, è inutile discutere. Mentre invece è giovevole discutere sul concetto di pátria, Ed esclusivamente dal punto di vista socialista.” Trecho presente em Mussolini, Benito. Resumo de conferência pronunciada em Trento “*Il Proletariato ha un interesse alle conservazioni delle patrie attuali?*”. Opera omnia di Benito Mussolini, Opera (Firenze: La fenice, 1951- 61) , 2, pp. 169-170.

126 “Ci auguriamo insomma, che Il grido di Carlo Marx: “Proletari di tutto Il mondo unitevi”, trovi um’applicazione pratica. Certi esclusivismi non hanno ragione d’essere. Si deve permettere l’uso di tutte Le lingue in um comizio di operai. Ho assistito a Ginevra, a Berna, a Milano e altrove a riunioni in cui si facevano discorsi in quattro lingue. Cari, carissimi compagni tedeschi, non fate dunque del pangermanismo, o peggio dell’imperialismo linguístico!” Trecho presente em Mussolini, Benito. “*Bolzano*”. Opera omnia di Benito Mussolini, Opera (Firenze: La fenice, 1951- 61) , 2, pp. 119.

127 “Orbene, a noi sindacalisti questa borghesia timorosa, umanitaria, filantropica, questa borghesia dal “buon cuore” che fa della beneficenza inutile invece di accelerare il ritmo dell’attività economica, desta un senso di invincibile ripugnanza.” Trecho presente em Mussolini, Benito. “*Lo Sciopero Generale e la Violenza*”. Opera omnia di Benito Mussolini, Opera (Firenze: La fenice, 1951- 61) , 2, pp. 163-168

defendem tal tese. Ivon de Begnac<sup>128</sup>, por exemplo, afirmou que Mussolini começava desde 1909 a criar um conceito de nacionalismo revolucionário que iria influenciar de maneira crucial a sua própria visão sobre o sindicalismo.

Torquato Nanni<sup>129</sup>, por sua vez, em breve relato escrito em 1915, afirma que Mussolini era possuidor de um patriotismo sano e espontâneo desde pelo menos o ano de 1909. Tanto as afirmações de Nanni quanto as de Begnac são desmentidas por Gaudens Megaro<sup>130</sup>, que afirma que qualquer suposição de que o jovem Mussolini era um patriota naquela época seria uma falsidade. A posição de Megaro é confrontada por Gregor, que afirma que apesar dos pensamentos de Mussolini sobre o nacionalismo neste período estarem longe de ser precisos, ele possuía um conceito sobre o nacionalismo revolucionário e apreciava o papel histórico do sentimento de nacionalidade que influenciou as bases de suas visões posteriores a respeito deste assunto.<sup>131</sup> Em 1911, Mussolini publicou *Il Trentino veduto da un socialista*<sup>132</sup>, uma monografia que lida com o período em que ele esteve na região, durante o ano de 1909, que etnicamente era composta por população italiana, embora estivessem sob o domínio do Império Austro Húngaro. Neste trabalho, a minoria italiana lida com os problemas para defender seus direitos nacionais. A vida política da região possuía antagonismos nacionais claros, o que foi reconhecido por Mussolini, enfatizando que mesmo o socialismo austríaco seguia linhas nacionais de clivagem, muito embora fosse presumidamente comprometido com o internacionalismo. Mussolini descreve os socialistas de língua alemã como defensores de uma espécie de socialismo racial, como se os frutos do socialismo só pudessem ser colhidos depois que estes socialistas tivessem um controle firme sobre os outros povos do Império.

---

128 De Begnac, Ivon. *Vita di Mussolini*. Milan: Mondadori, 1936-1940, pp. 157

129 Ver Gentile, Emilio, ed. *Mussolini e La Voce*. Firenze: Sansoni, 1976, pp. 167

130 Ver Megaro, Gaudens. *Mussolini in the Making*. London: George Allen & Unwin, 1938, pp. 160

131 Gregor, Anthony James. *Young Mussolini and the intellectual origins of Fascism*. Berkeley: University of California Press, 1979, pp. 75

132 “La élite germanica del proletariato arriverà al sommo grado della piramide sociale, purché sappia scindersi dalla massa caotica e sappia respingerla. Che il proletariato tedesco vada liberandosi dell'internazionalismo vecchia maniera è verità. Non ci pare che gran parte vi abbiamo Il Reimer e compagni. Ma è un fatto che l'internazionalismo dei socialisti tedeschi è ben diverso dall'internazionalismo dei socialisti latini, specie francesi. I socialisti tedeschi, come tutti gli altri cittadini, vogliono una Germania forte, agguerrita, capace di vincere non solo nelle lotte industriali, ma anche in una guerra.” Trecho presente em Mussolini, Benito. *“Il Trentino veduto da un socialista”*. Opera omnia di Benito Mussolini, Opera (Firenze: La fenice, 1951- 61) , 33, pp. 151-213

Tais visões tinham um campo comum de causas com os *vociani*, que tinham sido uma das grandes influências para a composição do novo nacionalismo. O movimento dos *vociani* havia feito manifestações escritas de cunho nacionalista por meio do jornal *Il Regno*, que foi fundado por Enrico Corradini. Corradini ligou-se às correntes mais patrióticas e irredentistas do Risorgimento. Após uma série de estudos sobre as condições dos trabalhadores italianos na Tunísia e na América do Sul, ele estava comprometido com a difusão de uma nova ideia de negócio, o que era para conter o fenômeno da emigração e o mau estado dos negócios italianos no exterior. Em seu programa, ele propôs mais uma vez uma intervenção militar para colonizar a África e assim o "espírito migratório" italiano teria se transformado em "um espírito imperialista colonial". Utilizando-se do conceito marxista de proletariado ele formulou a ideia de "nação proletária", segundo a qual a Itália teria que basear a sua riqueza no trabalho e não sobre o capital, como aconteceu em França e Inglaterra. Se o sistema plutocrático prevalecesse na Europa, a Itália teria sido a nação proletária por excelência, com seu próprio uso de ideologias socialistas em um sentido anti-revolucionário. Corradini pode ser definido como um dos "pioneiros" do socialismo nacional italiano; Sua estrutura teórica, deslocando a luta de classes da política interna para a política internacional, foi um dos primeiros exemplos de socialismo não marxista nascido na Itália.

Corradini não usou apenas artigos e ensaios histórico-políticos para propagar suas ideias, mas também era escritor de romances. Acima de tudo, um deles, "La Patria lontana", serviu como base programática. O romance, ambientado na Argentina entre os imigrantes italianos, vê o nacionalista Buondelmonti, o sindicato revolucionário Rummo e o liberal Axerio opondo-se uns aos outros. Este último serve como o inimigo dos outros dois e representante da linhagem política de Giolitti, enquanto que no final da novela Buondelmonti aprende a partir de Rummo as técnicas de insurgência e a capacidade de envolver as massas proletárias e depois indicar ao sindicalista revolucionário o caminho de nacionalismo. Mais uma vez, portanto, o romancista Corradini não se afasta do Corradini político e salienta uma vez mais a necessidade de uma aliança entre o nacionalismo eo sindicalismo revolucionário em nome da "nação proletária". A tese corradiniana de "nação proletária" será retomada pelo movimento fascista original e, em seguida, será substituída pelo corporativismo.

Já em 1913, Mussolini<sup>133</sup> dizia que, no marxismo, que de todas as doutrinas socialistas é a mais orgânica, tudo está aberto para controvérsia, mas nada se perdeu. Mussolini buscava, de acordo com Sternhell<sup>134</sup> fazer uma crítica severa do socialismo europeu, já que a falha do socialismo internacional estaria conectada segundo Mussolini à falha do reformismo e à crise da filosofia positivista.

### **3.3 A *Settimana rossa* e Mussolini**

Segundo Gregor<sup>135</sup> em janeiro de 1913, apenas um mês após Mussolini assumir a responsabilidade como editor do *Avanti!*, a polícia abriu fogo contra a população que protestava por instalações médicas adequadas, água e luz em Rocca Gorga, localizada em Frosinone, e a escalada de violência acabou com sete fazendeiros mortos e cerca de uma dezena de feridos. Ocorreu então uma escalada ainda maior de atos violentos em outras localidades. A responsabilidade de Mussolini era reivindicar violência defensiva na parte da população que protestava, e isso lhe custaria mais uma prisão por incitação de violência. Os eventos que se iniciaram no ano de 1913 se estenderiam sem parar até a insurreição da *Settimana rossa*, que ocorreu em junho de 1914.

Os protestos se deram em várias cidades da Itália. Nos meses anteriores entre os eventos de Rocca Gorga e a *Settimana rossa*, os ânimos continuaram exaltados. Um mês antes, em maio de 1914, os sindicalistas revolucionários se uniram aos republicanos radicais, anarquistas e socialistas clamaram por um dia de solidariedade por Augusto Massetti, que tinha tentado assassinar um oficial do exército italiano como forma de protesto contra o papel dos militares na supressão das revoltas e protestos populares que ocorriam na península. Em Ancona, as autoridades esperavam violência, e colocaram um efetivo militar maior para conter os manifestantes, e conforme o protesto foi ficando maior, os militares tentavam conter a multidão. Como o

---

133 “Nel marxismo, che può essere considerato come il sistema più organico di dottrine socialiste, tutto è controverso, ma niente è fallito.” Trecho presente em Mussolini, Benito. “*Al Largo*”. Opera omnia di Benito Mussolini, Opera (Firenze: La fenice, 1951- 61) , 6, pp. 5-8

134 Sternhell, Zeev. *The Birth of Fascist Ideology: From Cultural Rebellion to Political Revolution*. New Jersey: Princeton University Press, 1994, pp. 208

135 Gregor, Anthony James. *Young Mussolini and the intellectual origins of Fascism*. Berkeley: University of California Press, 1979, pp. 146

dia do protesto fora escolhido para ser 7 de junho, que era o aniversário da promulgação do *statuto* que governava o país, também estavam nas ruas as pessoas que celebravam o aniversário do *statuto*. Os militares tentavam fazer com que os manifestantes radicais não chegassem muito próximos dos populares mais entusiasmados em comemorar o aniversário. A reação dos radicais foi apedrejar a polícia e os militares, que prontamente responderam com fogo na multidão, o que ocasionou duas mortes, e pelo menos uma dezena de feridos.

A *Camera Del lavoro* clamou por uma greve geral em resposta ao massacre, confirmada pelo voto da assembleia no dia seguinte. No dia 8 de junho, houve uma manifestação na Piazza Roma, na qual Pedrini e outros membros da Câmara do Trabalho, Nenni e Malatesta falaram: o último insuflou a multidão a se munir de armas. Na mesma noite, o arsenal de Alfieri foi roubado. Enquanto isso, vários membros do sindicalismo revolucionário chegaram a Ancona, como o socialista Alceste de Ambris e o republicano Giovan Battista Pirolini.

O Comitê Central do Sindicato dos Ferroviários, inspirado no maximalismo, em oposição a aderir à Confederação Geral do Trabalho, considerados demasiadamente reformistas, se reuniu em Ancona e, por proposta de Malatesta, declarou a greve da categoria, que, por razões organizacionais, começou em 9 de junho, coincidindo com os funerais dos manifestantes mortos e em algumas regiões apenas no dia 10. Os funerais dos três jovens foram detidos na tarde de 9 de Junho: eles participaram de uma multidão enorme de provavelmente cerca de 30.000 pessoas, e a maioria das publicações falando sobre 20.000 pessoas que atravessaram por toda a cidade. Além da violência verbal dos slogans e algumas pequenas escaramuças, o funeral aconteceu com bastante calma.<sup>136</sup>

Enquanto isso, a situação evoluiu para uma verdadeira revolta revolucionária. A notícia do massacre de Ancona se espalhou imediatamente por toda a Itália, dando origem a manifestações espontâneas, desfiles e greves. Em particular, para inflamar, foram os apelos de Benito Mussolini, então diretor do jornal socialista *Avanti!*, Um jornal nacional, que só em Ancona, recentemente, no XIV Congresso do PSI, de 26, 27 e 28 de Abril de 1914, tinha um grande sucesso pessoal, com uma moção de louvor pelos

---

136 Severini, Marco (org). *La Settimana rossa*. Ariccia: Aracne, 2014, pp. 20

sucessos de circulação e vendas do jornal do Partido, pagos pessoalmente pelos congressistas.<sup>137</sup>

Assim, o futuro Duce exortou as massas populares no jornal socialista *Avanti!*, por meio de artigos publicados em 8 e 9 de junho de 1914. No artigo intitulado *I fatti di Ancona*, Mussolini<sup>138</sup> afirma que não é capaz de prever eventos, nem se sente autorizado a traçar os rumos, mas certamente teria o dever de auxiliar e flanquear a ação dos trabalhadores italianos.

Mussolini também usou os movimentos populares para fins políticos internos no meio socialista, já que a liderança do partido socialista deixada pelo Congresso de Ancona passou para as mãos dos maximalistas, porém os reformistas ainda eram maioria no grupo parlamentar e na *Confederazione Generale del Lavoro (CGdL)*.<sup>139</sup>

---

137 De Felice, Renzo. *Mussolini il rivoluzionario 1883-1920*. Turim: Einaudi, 1965, pp. 188

138 “Noi non percorriamo gli avvenimenti né ci sentiamo autorizzati a tracciarne il corso; ma, certamente, quali questi possano essere, noi avremo il dovere di secondarli e fiancheggiarli.” Trecho presente em Mussolini, Benito. *“I fatti di Ancona”*. Opera Omnia di Benito Mussolini. , Opera (Firenze: La fenice, 1951- 61) , 6, pp. 207-208

139 O maximalismo é um termo que surge na história do socialismo para designar programas ou rumos políticos orientados para uma completa realização dos ideais socialistas. A primeira vez que o termo surgiu neste meio foi nos debates levantados no final do século XIX na social-democracia alemã. Com o fim da legislação anti-socialista, o partido social-democrático alemão pode voltar a se reunir na cidade de Erfurt, que fora a sede do congresso conhecido pelo programa do partido que havia sido composto por Kautsky depois de críticas e sugestões feitas por Engels. As bases do programa previam como programa máximo um objetivo final, a saber, a socialização dos meios de produção e de troca, ao mesmo tempo em que levava em consideração a luta por um programa mínimo, majoritariamente ligado às questões político administrativas e legislativas, sobretudo em relação ao sufrágio universal masculino e feminino, voto secreto, sistema proporcional e também a descentralização administrativa, bem como também formas de autogoverno regional. O programa máximo seria o fim da ação socialista, e no congresso foi evitado que fosse mencionada a necessidade ou não da violência revolucionária para que tais objetivos pudessem ser alcançados. As reformas seriam ao mesmo tempo o conteúdo concreto da luta socialista e também os estágios intermediários para que tal fim pudesse ser atingido. Quando surgem as críticas de Bernstein, que afirma que o movimento seria tudo, e o fim seria nada, ele passa para o centro das ações a realização do conteúdo concreto. Com isso, a esquerda que ainda se reivindicava revolucionária insistia na ideias de que não deveriam ser perdidos de vista os fins últimos. No caso italiano, a discussão sobre o assunto também no final do século XIX, já em 1895, com a criação de programas mínimos por parte de um órgão executivo central. Antonio Labriola, baseado no programa de Erfurt, elaborou um esquema, que foi criticado. Em 1900, com a realização do congresso de Roma, foi acentuado que o programa mínimo para o programa máximo, assim como os meios estão para o fim, e esta seria a distinção deste programa para os elaborados por partidos reformistas burgueses ou cristãos. Por conta disso, diversas divisões ocorreram no Partido Socialista Italiano, de reformistas a revolucionários, centristas, intransigentes e sindicalistas revolucionários. Enquanto os gradualistas se concentravam em torno das reformas possíveis como o fator determinante e concreto da ação socialista, os intransigentes, que seriam os futuros maximalistas, subestimavam este fator e o consideravam não como uma conquista, mas sim como uma espécie de trampolim para a realização revolucionária completa do programa máximo. Ao final do Congresso de Reggio Emilia, Bonomi, Bissolati e Cabrini, minimalistas declarados, foram expulsos, e Mussolini assumiria os postos altos do

No dia 10 de junho, foi realizada uma manifestação na Arena de Milão que contou com a presença de 60.000 manifestantes, enquanto o resto da Itália estava lutando e paralisado, a Romagna e os ferroviários finalmente anunciaram a adesão à greve geral. Depois que os oradores reformistas de todos os partidos jogaram água no fogo dizendo que esta não era a revolução, mas apenas protestaram contra o massacre de Ancona, e que eles não seriam arrastados para uma carnificina desnecessária, eles interpuseram Corridoni e Mussolini. O último, por sua vez, exaltou a revolta popular, e seu discurso foi publicado no dia seguinte no *Avanti!*.

Neste discurso, Mussolini<sup>140</sup> diz que o dia anterior fora de luto, citando mortes que ocorreram também em outras cidades, como Florença, Fabriano e Turim, ressaltando que embora não tenham ocorrido mortes em Milão, a brutalidade policial também não falhou, já que ele mesmo foi atacado e Corridoni preso de maneira impotente.

Afirma então que a palavra de ordem deve ser pela continuidade da greve geral e deve retomar a propaganda antimilitarista para garantir que possam se levantar e manifestar-se quando quiserem. Diz ainda que a propaganda socialista deve penetrar também na caserna, já que é lá que os “filhos do povo” são ensinados a matar os seus próprios irmãos. Mussolini terminou o discurso falando sobre a necessidade de uma grande transformação e renovação de consciência, que segundo ele é onde a burguesia possui o seu maior baluarte, sua defesa mais formidável. Ao final do discurso, ele foi ovacionado.

Posteriormente, não em discurso, mas em artigo<sup>141</sup>, Mussolini fala que a greve geral foi de 1870 até aquele momento o movimento mais grave que abalou a terceira Itália. Não era uma greve de defesa, mas de ataque. A greve teve um caráter agressivo. As

---

comando do partido. Para maiores informações, ver o verbete *maximalismo* em Bobbio, Norberto. Dicionário de Política. Décima Primeira edição, Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1998, pp. 744-745

140 “Un po’ di cronaca si tende necessaria dopo la poesia vibrante nel discorso del Zocchi. La cronaca è triste assai e non si deve nascondere. Ieri in Italia fu giornata di lutti: vi furono altri morti ed altri feriti a Firenze, a Fabriano, a Torino. A Milano non vi sono morti né feriti gravi; però la brutalità poliziesca non mancò. Io venni aggredito e Corridoni arrestato inerme. Il sistema di repressione a cui si attiene la polizia è semplicemente infame!” Trecho presente em Mussolini, Benito. Resumo do discurso pronunciado em Milão em 10 de junho de 1914 durante comício favorável à greve geral. Opera Omnia di Benito Mussolini. , Opera (Firenze: La fenice, 1951- 61) , 6, pp. 214

141 “Lo sciopero generale che si è chiuso ieri sera, è stato dal ’70 ad oggi il moro di popolo più grave che abbia scosso la terza Italia.” Trecho presente em Mussolini, Benito. “*Tregua D’armi*”. Opera Omnia di Benito Mussolini. , Opera (Firenze: La fenice, 1951- 61) , 6, pp. 218-221

multidões que antes não ousavam entrar em contato com a força pública, dessa vez conseguiram resistir e lutar com uma esperança inesperada.

Segundo ele, denotando novamente a tendência do movimento, as lojas foram atacadas pelos armeiros; aqui e ali inflamavam fogueiras e já não das gabelles como nas primeiras revoltas do Sul, aqui e ali as igrejas foram invadidas.

Diz também que se em vez de Salandra fosse Bissolati o presidente do Conselho, o movimento teria tentado fazer com que a greve geral de protesto tivesse sido ainda mais violenta e decididamente insurrecional.

Com seus artigos, Mussolini, contando com a popularidade que desfrutava no movimento socialista e na grande circulação do jornal *Avanti!*, incitou a Confederação Geral do Trabalho a declarar a greve geral, um instrumento de luta que determinou o bloqueio de todas as atividades no país, dos quais o sindicato considerou necessário usá-lo apenas em circunstâncias excepcionais.

Entre 8 e 10 de junho, a greve se expandiu por toda a Itália, causando confrontos violentos em diversas cidades, como por exemplo Milão, Turim, Roma, Palermo, Florença, Nápoles, Romagna e Bolonha. O estado perdeu temporariamente o controle de diversas áreas da península.

De acordo com Gregor, igrejas foram saqueadas e repúblicas locais foram proclamadas. Preços dos produtos foram abaixados por decreto, impostos abolidos, oficiais do exército rendidos e desarmados. Existiu inclusive a colocação da bandeira vermelha tremulando sobre prédios das cidades. A própria cidade de Ancona foi tomada por rebeldes durante uma semana. Corridoni e Mussolini uniram forças em Milão para organizar a greve geral.<sup>142</sup>

No campo anarquista, Malatesta publicaria artigo<sup>143</sup> intitulado *La Rivoluzione in Italia – La caduta della monarchia sabauda*. Nele, Malatesta demonstra a inquietação do período quanto ao possível resultado da insurreição, dizendo que não sabe se as forças contrárias ao governo venceriam, porém diz que já seria certo que a revolução estourou e estava se espalhando. Afirma que de todos os lados chegam notícias,

---

142 Gregor, Anthony James. *Young Mussolini and the intellectual origins of Fascism*. Berkeley: University of California Press, 1979, pp. 147

143 Errico Malatesta, “*La Rivoluzione in Italia – La caduta della monarchia sabauda*”. *Volontà*, n. 23 de 12 de junho de 1914.

incertas, contraditórias, mas todas mostram que o movimento é geral e que o governo não pode se abrigar. E diz que em todos os lugares está vendo pessoas agindo em uma bonita harmonia, sejam elas republicanas, socialistas, sindicalistas ou anarquistas. A monarquia é condenada. “Ela cairá hoje, ou cairá amanhã, mas certamente cairá em breve”. Ainda demoraria pelo menos duas gerações para que a monarquia italiana caísse, após o final da segunda guerra mundial.

Porém, sem uma organização e liderança, estratégias ou objetivos claros, a greve dificilmente chegaria ao nível de uma revolução, ao menos de acordo com a acepção marxista do termo. A marca fortemente anti-monarquista e antimilitarista das revoltas parecia colocar o país à beira da guerra civil. Precisamente para evitar o risco de a monarquia se sentir ameaçada e declarar o estado de sítio e a passagem dos poderes públicos para os militares, a Confederação Geral do Trabalho declarou que a greve terminou após apenas 48 horas, convidando os trabalhadores a retomarem a atividade. Tal atitude frustrou Mussolini e suas intenções de insurreição, o que levou ele a dizer, no seu artigo<sup>144</sup> do *Avanti!* do dia 12 de junho, já citado anteriormente, que a Confederação do Trabalho, para acabar com a greve, o fez de maneira arbitrária, sem o conhecimento da direção do partido. Tempos depois, porém, um pouco mais afastado temporalmente dos acontecimentos, ele revisou parcialmente o seu argumento em um artigo<sup>145</sup> publicado no jornal *Utopia*, já que afirmou que embora a ordem de cessar com a greve tenha sido realmente um erro, não teria sido de maneira a ser considerada uma traição, ainda que devesse ser uma greve proclamada sem limites de tempo, até o seu fim. Mussolini afirma que não demorou muito para reconhecer que, com a situação política italiana daquele momento, com a crise, o desemprego e a agitação

---

144 “Una sola pagina grigia in queste giornate di fuoco e di sangue, e l’ha voluta scrivere la Confederazione Generale del Lavoro decretando inopinatamente e arbitrariamente, all’insaputa della Direzione del Partito, la cessazione dello sciopero allo scoccare delle sacramentali quarant’otto ore.” Trecho presente em Mussolini, Benito. “*Tregua D’armi*”. Opera Omnia di Benito Mussolini. , Opera (Firenze: La fenice, 1951- 61) , 6, pp. 218-221

145 “La Confederazione stessa si guardò bene dal ricordare il responso del famoso referendum col quale le Camere e organizzazioni confederate si impegnavano soltanto per lo sciopero di 48 ore. Lo sciopero generale doveva dunque intendersi proclamato senza limiti di tempo, ad oltranza. Ciò fissato, non è un poco “coccodrillesca” la postuma deplorazione degli “eccessi” dello sciopero generale? Ci voleva poco a prevedere che, data l’attuale situazione economica e politica italiana, data la crisi finanziaria, la disoccupazione, l’inquietudine diffusa nelle masse, lo sciopero non avrebbe avuto uno svolgimento “normale” ma avrebbe assunto una “allure” rivoluzionaria”. Trecho presente em Mussolini, Benito. “*La Settimana Rossa*”. Opera Omnia di Benito Mussolini. , Opera (Firenze: La fenice, 1951- 61) , 6, pp. 256-264

generalizada espalhada pelas massas, a greve não teria um desdobramento usual, mas sim revolucionário. O governo mandou cerca de 10 mil homens para restaurar a ordem em Romagna e Emilia. Mais uma vez, Mussolini foi preso, Corridoni também, e Malatesta fugiu do país.

Segundo Torquato Nanni<sup>146</sup>, Mussolini estaria neste período extremamente cético acerca de insurreições populares e espontâneas, embora tenha apoiado os esforços pela greve geral. É possível que o fracasso da insurreição da semana vermelha tenha sido apenas mais um sinal de que o socialismo na Itália era ineficaz em atingir os objetivos desejados.

Para Zeev Sternhell<sup>147</sup>, a falha da greve durante a *Settimana Rossa* foi o evento que definitivamente colocou um fim no socialismo de Mussolini. Apesar disso, meses depois, em novembro, quando as manifestações antimilitaristas começaram, em Ancona, Mussolini acreditou que a oportunidade de lançar outra greve geral para derrubar o regime havia chegado, preparando-se para uma insurreição armada e violenta. O que aconteceu, entretanto, foi a rápida percepção, em cerca de quatro dias, de que não conseguiria obter sucesso na empreitada. Ele acreditava que o socialismo oficial tinha passado a ser um dos pilares da ordem estabelecida, e isso jamais deixaria que um processo revolucionário fosse iniciado, e a *settimana rossa* teria sido uma revolução frustrada pelo partido socialista e também pelos seus sindicatos. Mussolini<sup>148</sup> dizia que essa revolução ou quase revolução tinha passado a ser inevitável por conta da agitação espalhada pela península. As esperanças para que uma grande mudança acontecesse, continua Sternhell, tinham sido traídas pelos líderes socialistas e indiretamente, por outros partidos socialistas espalhados pela Europa. Mussolini diz que a Itália precisa de uma revolução e afirma que terá uma.

Tal convicção, para Sternhell, escapa do esquema clássico marxista, e para Mussolini, tal expectativa expressava uma profunda demanda psicológica, já que todo o artigo

---

146 Nanni, Torquato. *Bolscevismo e Fascismo al lume della critica marxista*. Bologna: Cappelli, 1924, pp. 177

147 Sternhell, Zeev. *The Birth of Fascist Ideology: From Cultural Rebellion to Political Revolution*. New Jersey: Princeton University Press, 1994, pp. 212

148 “La realtà è che Direzione del Partito e Confederazione sentirono che – dinnanzi al sistematico ripetersi degli eccidi – non si potevano erigere dighe preventive che contenessero l’eventuale straripare della dimostrazione.” Trecho presente em Mussolini, Benito. “*La Settimana Rossa*”. Opera Omnia di Benito Mussolini. Opera (Firenze: La fenice, 1951- 61) , 6, pp. 256-264

sobre a *Settimana rossa* no jornal *Utopia* foi baseado nela. Para Mussolini, o processo revolucionário não mais dependia do socialismo europeu, o que explica ao menos em parte os motivos pelos quais Mussolini se aproximou das posturas intervencionistas e nacionalistas, e posteriormente, ao fascismo, o que aconteceria após a eclosão do conflito mundial, e seria a ruptura intelectual dele com a social democracia.

De acordo com Mussolini<sup>149</sup>, o socialismo internacional “moderno” é uma frase sem significado. Não existiria, portanto, um evangelho único para o qual todas as nações devem seguir. Para ele, cada nação criou seu próprio socialismo, e diz que o período de dominação alemã do socialismo estaria chegando ao seu fim. Mussolini se pergunta se os socialistas alemães estariam discutindo naquele momento se o grupo parlamentar deveria continuar sentando no Reichstag ou se deveria sair no fim da sessão no momento da declaração imperial. Ainda que falem sobre greve geral, apenas os revolucionários socialistas radicais, e praticamente apenas Rosa Luxemburgo ainda menciona o termo, que para Mussolini é uma judia polonesa que não era poupada das duras críticas daqueles socialistas que acreditavam ter valores superiores aos dos outros.

No dia 14 de junho, após cerca de dezesseis mortes entre os rebeldes, a situação retornou ao controle do exército. Duas semanas depois, no dia 28 de junho, o assassinato do herdeiro do trono austríaco, o arquiduque Francisco Ferdinando, passará a ter a atenção da Itália e de todo o continente europeu, numa dinâmica que levou à Primeira Guerra Mundial, e que colocou neutralistas contra intervencionistas.

### **3.4 A eclosão da Primeira Guerra Mundial: neutralismo x intervencionismo**

Antes do início do primeiro grande conflito mundial, Mussolini teve suas primeiras experiências como líder nacional do socialismo oficial italiano. Ele atraiu números expressivos de novos seguidores para dentro do partido, corrigiu problemas financeiros do principal órgão de propaganda, o jornal *Avanti!*, e tinha se tornado o líder intelectual

---

149 “Il socialismo internazionale “moderno” è una frase priva di senso. Non c'è un vangelo unico di socialismo per tutte le nazione, nel quale tutti si debba giurare, pena la scomunica maggiore. Ogni nazione si è foggjata il “suo” socialismo. Il periodo dell'egemonia tedesca nel movimento socialista internazionale sta per tramontare.” Ibid.

de uma facção inovadora e importante. O único problema é que ele não tinha conseguido fazer uma revolução com sucesso. Porém, não foi por muito tempo que ele ficaria remoendo suas próprias falhas como líder nacional do socialismo, já que, para Gregor, assim como a guerra Ítalo-Turca proporcionou as condições para que ele tivesse uma ascensão aos quadros altos do partido, a Primeira Grande Guerra criaria o espaço político em que ele chegaria ao poder na Itália do pós guerra.

O assassinato do arquiduque em Sarajevo, que anteriormente teria proclamado sua intenção de guerrear com a Itália um dia, fez com que um certo ar festivo tomasse conta da península. As relações entre a Itália e a Áustria historicamente já eram ruins desde a época do Risorgimento, e estavam ainda mais complicadas após o conflito Ítalo-Turco, uma vez que a guerra tinha desestabilizado a região dos Balcãs, além dos conflitos de interesses entre as duas nações. Como a Áustria pretendia estender a sua influência para a Grécia, isso era visto pelos italianos como uma ameaça potencial ao seu comércio e também às suas aspirações político-militares na área.

Para Gregor, mesmo socialistas italianos começavam a enxergar e a alertar sobre o grave perigo dos avanços austríacos no continente. Em 1911, Arturo Labriola<sup>150</sup>, por exemplo, lembrou os italianos do fato de que a Áustria estava numa posição de cercar a península com uma espécie de “anel de ferro”, violando assim qualquer direito legítimo da população italiana. No caso de Mussolini, Gregor prossegue dizendo que sua rejeição à monarquia austríaca era geralmente pautada pelos interesses nacionais da Itália.<sup>151</sup>

Entretanto, a Itália possuía uma aliança defensiva com a Alemanha e com o Império Austro-Húngaro. O que ocorre é que seus termos não se aplicavam à situação de 1914, conforme diz Payne<sup>152</sup>. Os líderes do governo italiano acreditavam que a aliança anti-germânica da Entente tinha mais para oferecer, e eventualmente o Tratado de Londres em abril de 1915, que era secreto, foi prometido à Itália o retorno de Trieste, toda a área do Trentino e mais territórios no leste do mar Adriático, na Turquia e na África. Payne diz que a implementação de tal política parecia inicialmente mais

---

150 Labriola, Arturo. *Le tendenze politiche dell' Austria contemporânea*, Nápoles: Partenopea, 1911 pp. 76

151 Gregor, Anthony James. *Young Mussolini and the intellectual origins of Fascism*. Berkeley: University of California Press, 1979, pp. 155-157

152 Payne, Stanley G. *A History of Fascism, 1914-1945*. Wisconsin University Press, 1995, pp. 81

complicada, para a maior parte da população italiana, já que não exibia um grande entusiasmo pela guerra, assim como a maioria do bloco liberal do parlamento italiano.

Do lado dos nacionalistas de direita, existia entusiasmo em torno de uma intervenção por parte da Itália no conflito. Tal entusiasmo também surgiu nos meios de esquerda que foram denominados intervencionistas de esquerda. Entre eles, existiam republicanos e radicais de classe média, que eram de certa forma moderados, pois também existiam os que vieram da esquerda revolucionária, que para Payne eram os mais efusivos apoiadores da intervenção no conflito.

Alguns dos líderes sindicalistas revolucionários já tinham apoiado a guerra Ítalo-Turca em 1911. Enquanto isso, a *Unione Sindacale Italiana*, a USI, adotou uma resolução apoiando a neutralidade em agosto de 1914, o que foi rejeitado por alguns líderes sindicalistas, especificamente por Alceste de Ambris. Alceste conduziu a União Sindical Milanese, que era a organização sindical no maior centro industrial italiano, a pedir por uma intervenção do lado da Entente. Corridoni, que estava na prisão, apoiou a declaração de de Ambris, o que causou uma ruptura profunda na USI, já que a maioria, que era liderada pelo anarquista Armando Borghi, optou pela neutralidade. Em outubro, diversos líderes sindicais e vários grupos, tais como a União Sindical Milanese e a Câmara do trabalho de Parma formaram uma nova organização com tal propósito. Essa organização se chamava *Fascio Rivoluzionario d’Azione Internazionalista*. O manifesto<sup>153</sup> do novo movimento foi publicado por Olivetti na primeira edição de uma nova série do *Pagine libere*, que apareceu no mesmo mês.

Conforme Payne<sup>154</sup> o significado de *fascio*<sup>155</sup> é união, ou liga, e era um vocábulo comum em vários setores do radicalismo italiano desde pelo menos a década de 1870. *Fasci*, que era a forma plural de *fascio*, tinham sido organizados por sindicatos, radicais de classe média e mesmo por camponeses reformistas. A mais famosa organização com tal nomenclatura era a dos *Fasci Siciliani*, que atuou na ilha da Sicília entre os

---

153 Ver Renzo De Felice, *Mussolini il rivoluzionario 1883-1920*. Turim: Einaudi, 1965, pp. 233–37, 249, 269–78

154 Payne, Stanley G. *A History of Fascism, 1914-1945*. Wisconsin University Press, 1995, pp. 81

155 *Fascio* deriva do latim *fasces*, que se referia originalmente ao bastão com um machado na extremidade que era carregado pelos juizes da Roma Antiga. Seu significado era a justiça, unidade e soberania. O símbolo também foi utilizado na França, desde pelo menos o reinado de Luís XIII, como um objeto decorativo. Continuou a ser empregado também durante os períodos da revolução francesa e durante o império napoleônico

anos de 1889-94<sup>156</sup>, levando muitos da ilha à revolta contra a estrutura política e econômica existente. Então, como diz Payne, o vocábulo adotado pelo novo Fascio Revolucionário já era de uso comum entre a esquerda italiana. Para os líderes do Fascio, participar da guerra não significaria de maneira alguma abandonar a revolução, já que para eles a guerra em si seria a rota direta para o caminho da transformação revolucionária. Payne recorda que as revoltas classistas como a greve geral de 1908 e a *Settimana rossa* falharam na missão de mobilizar um apoio amplo ou aglutinar todas as forças da sociedade, e uma entrada na guerra supostamente levar a alguma das duas coisas porque obrigatoriamente precisaria mobilizar a península italiana inteira pela primeira vez.

A maioria dos partidos socialistas através da Europa adotou o lema de apoiar seus próprios países nos respectivos esforços de guerra. O que era uma novidade, já que, conforme lembra Robert Service<sup>157</sup>, a Segunda Internacional antes de 1914 fazia com que seus partidos membros fossem contrários a participação de seus governos em qualquer guerra continental. Porém, as causas da Entente, na visão dos sindicalistas revolucionários italianos líderes do fascio, estavam começando a se tornar sinônimos de progresso e revolução, já que o imperialismo e o militarismo germânico e austríaco era o maior obstáculo para qualquer mudança revolucionária decisiva na Europa. Dessa maneira, entrar na guerra funcionaria como uma espécie de porta para que a revolução se iniciasse, e caso o governo não apoiasse a entrada da Itália na guerra, o povo deveria se revoltar contra o parlamento.

Mas não foi uma unanimidade, já que tal visão não foi apoiada pelo Partido Socialista Italiano, que se recusou a dar apoio ao esforço de guerra, se mostrando contrária aos argumentos dos então chamados “intervencionistas de esquerda”. Os bolcheviques na Rússia também se recusaram a apoiar o esforço de guerra.

---

156 Cartosio, Bruno. “*Sicilian Radicals in Two Worlds*” em *In the Shadow of the Statue of Liberty: Immigrants, Workers, and Citizens in the American Republic, 1880-1920*. Saint-Denis: Presses Universitaires de Vincennes, 1988, pp. 120-121

157 Service, Robert. *Camaradas: Uma história do comunismo mundial*; trad. Milton Chaves de Almeida. 3. Ed. Rio de Janeiro: DIFEL, 2015, pp. 75

### 3.5 Mussolini e o conflito europeu: do neutralismo absoluto ao intervencionismo

Inicialmente, a postura de Mussolini acerca de qual posição a Itália deveria tomar no conflito europeu foi não apenas clara, como enfática, em insistir que a guerra fora precipitada por parte dos austríacos, e que as políticas do ministro das relações exteriores, Marquês de San Giuliano, tinham colocado a Itália talvez num desastre nacional por ligar o futuro da península aos poderes centrais da Tríplice Aliança. O único curso possível para a Itália seria o da neutralidade absoluta numa guerra que não era sua. Mussolini ainda chegaria a invocar o antimilitarismo histórico dos socialistas assumam posturas de neutralidade intransigente, mesmo no caso do conflito se expandir e envolver as maiores potências do continente. Em artigo<sup>158</sup> publicado em 13 de julho de 1914, no *Avanti!*, Mussolini demonstra preocupação com a situação dos Balcãs, dizendo que com o perigo na região, crescia também a possibilidade de um conflito europeu maior.

Em outra publicação, do dia 26 de julho de 1914, intitulada *Abasso la guerra*, Mussolini<sup>159</sup> coloca que o ponto de vista da Itália se apresentaria nos seguintes termos. Se a beligerância permanecer apenas entre Áustria e Sérvia, não seria um conflito muito longo. Mais uma vez criticando a diplomacia italiana, que chama de inepta, Mussolini afirma que nesse caso a atitude italiana deveria ser a de absoluta neutralidade. Entretanto, caso a Rússia entre na guerra, então ela torna-se europeia, já que o Império Austro-Húngaro seria apoiado pelo Império Alemão, e a Rússia seria apoiada pela França. Acerca da Inglaterra, Mussolini diz que a atitude britânica seria, ao menos naquele momento, incerta. Acerca da Itália, Mussolini afirma que mesmo no caso de uma conflagração europeia, o país só poderia ter uma atitude, que seria também a neutralidade absoluta, afirmando ainda que o governo italiano deveria aceitar tal

---

158 “È dunque di sommo interesse, per i proletari e per i socialisti, di essere informati su quanto matura nell’Oriente balcanico. Una nuova guerra nei Balcani può significare la guerra europea.” Trecho presente em Mussolini, Benito. *Fra una guerra e L’altra in Oriente – Il pericolo del tartarinismo ellenico*. Opera Omnia di Benito Mussolini. Opera (Firenze: La fenice, 1951- 61) , 6, pp. 254-255

159 “Anche nel caso di una conflagrazione europea, l’Italia, se non vuole precipitare la sua estrema rovina, ha un solo atteggiamento da prendere: neutralità assoluta.” Trecho presente em Mussolini, Benito. *Abasso la guerra*. Opera Omnia di Benito Mussolini. Opera (Firenze: La fenice, 1951- 61) , 6, pp. 287-288

neutralidade, caso contrário o proletariado saberia como impôr de todas as maneiras possíveis.

Para Mussolini, a Itália não tinha a ganhar estando em uma aliança com a Áustria e ajudando o antigo império a se expandir pelos Balcãs. Ele uma vez mais insiste na neutralidade absoluta no artigo *De Profundis*<sup>160</sup>, datado do dia 3 de agosto de 1914, o mesmo dia em que as forças alemãs invadiram a Bélgica. Mussolini coloca em algumas hipóteses para o conflito. Numa primeira hipótese, o bloco alemão perde e a Itália nada tem a temer por conta desta derrota. Numa segunda hipótese, o bloco alemão vence contra a França, Rússia e Sérvia. Mussolini prossegue dizendo que, se apesar da neutralidade, a Áustria acreditar que seria possível praticar uma espécie de “castigo punitivo” contra a Itália, por conta da neutralidade, é provável que muitos dos que estavam sendo acusados de antipatriotismo, e Mussolini era um deles, saberiam o que fazer. Essa é provavelmente a primeira declaração de Mussolini após a conflagração de que lutaria contra as potências centrais se fosse preciso.

Segundo Gregor<sup>161</sup> a concepção de internacionalismo de Mussolini dizia respeito à convicção de que nações iguais e independentes, cada uma com sua cultura e características peculiares, um dia se uniriam em paz e harmonia fraternal. Entretanto, como as circunstâncias europeias estavam revelando, as chances de um internacionalismo deste tipo prosperar no continente eram remotas, ainda mais após os socialistas alemães, austríacos, franceses, mesmo aqueles mais autoproclamados adeptos do internacionalismo, rapidamente se voltaram para a defesa de suas respectivas pátrias.

Sob o pseudônimo *L'homme qui cherche*, Mussolini<sup>162</sup> escreve no *Utopia* que a Internacional Socialista está morta, perguntando-se se ela teria estado viva alguma

---

160 “Prospettiamo alcune semplici ipotesi. Prima. Il blocco tedesco perde la partita, e allora l'Italia non ha nulla da temere. Seconda. Il blocco tedesco vince su tutta la linea, contro la Francia, contro la Russia, contro la Serbia. Ora, se la neutralità dell'Italia è giustificata, come noi crediamo, da formidabili ragioni di diritto e di fatto, e se ciò malgrado l'Austria – ubriacata dalle sue eventuali vittorie – intendesse (l'ipotesi è inverossimile) di perpetrare una “spedizione punitiva” attraverso il Veneto, allora... è probabile che molti di quelli che oggi sono accusati di ... anti-patriottismo saprebbero compiere il loro dovere.” Trecho presente em Mussolini, Benito. “*De Profundis*”. Opera Omnia di Benito Mussolini. Opera (Firenze: La fenice, 1951- 61) , 6, pp. 295

161 Gregor, Anthony James. *Young Mussolini and the intellectual origins of Fascism*. Berkeley: University of California Press, 1979, pp. 160-161

162 “L'Internazionale socialista è morta... Ma è mai vissuta? Era un'aspirazione, non una realtà. Aveva un ufficio a Bruxelles e pubblicava un soporifero bollettino in tre lingue una o due volte all'anno.

vez, tendo sido uma inspiração, mas não uma realidade. Para ele, era necessário que os socialistas de Alemanha, França e Sérvia fossem coesos pelas circunstâncias, mas seu julgamento teórico e sua posição mental deveriam ser idênticos, porém, ao invés disso, para alguns a provocação veio apenas da Rússia, para outros veio apenas da Alemanha. Mussolini se recorda de “internacionais” anteriores que falharam, citando o Cristianismo e o Judaísmo, dizendo que nos tempos vindouros, ou todas as internacionais iriam emergir novamente, ou nenhuma iria.

As simpatias de Mussolini<sup>163</sup> estavam com a Tríplice Entente. Apesar disso, o máximo de assistência que a Itália poderia oferecer, em suas próprias palavras, era a neutralidade absoluta, já que qualquer outra alternativa a isso, dadas as obrigações italianas com as potências centrais, por conta do tratado, envolveria a Itália numa guerra contra a Entente. Como o governo italiano anunciou a neutralidade, Mussolini afirmou que, de maneira irônica, a postura do governo neste assunto estaria constituindo a ordem do dia para o proletariado.

A internacional socialista falhou em evitar o conflito e, assim como Mussolini, outros socialistas foram obrigados a lidar com a dura realidade dos eventos que viriam. Sergio Panunzio<sup>164</sup>, por exemplo, publicou um pequeno artigo para o jornal *Utopia*, de Mussolini, em que questionava as posturas tomadas pelo chamado “socialismo institucional” em relação aos eventos. Um dos questionamentos levantados por Panunzio foi que a “neutralidade absoluta” poderia ser qualquer coisa, menos absoluta, tendo em vista que, a neutralidade só poderia consistir em indiferença por parte dos socialistas no caso de vitória ou derrota das potências centrais. Se os socialistas italianos desejavam uma derrota austríaca ou alemã, teriam que se enfrentar a

---

Nient'altro.”; “La condotta pratica dei socialisti in Germania, Francia, Serbia, poteva essere condizionata dalle circostanze, ma il loro giudizio teorico, la loro posizione mentale dovevano essere identici. Invece, per gli uni provocatrice è la Russia, per fli altri è la Germania. In questa divergenza sta – secondo chi scrive – il vero fallimento dell'Internazionale, cioè di “questa” Internazionale. Però, molte altre “Internazionali” sono fallite: quella cristiana, ad esempio, quella giudaica... Pereiò domani tutte le “Internazionali” risorgeranno o nessuna!” Trechos presentes em Mussolini, Benito. “*Note di Guerra*”. Opera Omnia di Benito Mussolini. Opera (Firenze: La fenice, 1951- 61) , 6, pp. 321-325

163 “Certo è che la “neutralità” dell'Italia, in questo momento, si risolve in un vantaggio non indifferente per la Triplice Intesa.”; “Neutralità dunque, oggi e domani. L'atteggiamento del Governo fornisce – per una strana ironia delle cose – la parola d'ordine al proletariato.” Trecho presente em Mussolini, Benito. “*La dichiarazione di neutralità dell'Italia*”. Opera Omnia di Benito Mussolini. Opera (Firenze: La fenice, 1951- 61) , 6, pp. 298

164 Panunzio, S., “*Il socialismo e la guerra*”, *Utopia*, 2, 11-12, de agosto e setembro de 1914. Milão: Feltrinelli pp. 323

possibilidade de que a Itália talvez entrasse na guerra para algum tipo de ataque decisivo. O princípio da nacionalidade era um fator na realidade política, o que, aplicado por exemplo à realidade italiana, poderia entrar em conflito com qualquer proposição de neutralidade absoluta.

Por volta de setembro, já após, portanto, do apoio de Corridoni e Alceste De Ambris à intervenção, Mussolini estava preparado para argumentar que os socialistas deveriam defender uma neutralidade condicional, e não absoluta. Apoiar uma guerra de tal magnitude, era para Mussolini uma renúncia ao passado, já que o princípio da neutralidade absoluta era uma defesa da convicção socialista ortodoxa, uma oposição ideal ao conceito de guerra como um todo, que seria a máxima exploração do proletariado. Entretanto, Mussolini afirma que tal oposição ideal não significaria oposição ativa a uma guerra contra a Áustria, conforme o discurso<sup>165</sup> do dia 9 de setembro de 1914, *La situazione internazionale*, que foi publicado no *Avanti!* do dia seguinte.

Gregor<sup>166</sup> afirma que tal posição por parte de Mussolini era extremamente vulnerável. Se por um lado a neutralidade por ele apoiada era baseada na condição de não ser ativamente oposto a uma guerra contra a Áustria, e ele estava preparado para reconhecer razões reais para uma guerra de libertação contra os poderes centrais, por outro, ele ainda valorizava o princípio da neutralidade absoluta, para que a continuidade do sentimento socialista ortodoxo contra os conflitos internacionais permanecesse intacta.

No dia 18 de outubro, Mussolini finalmente proclamou a sua renúncia à proposição de neutralidade absoluta, que era a posição oficial do partido. A posição de Mussolini era parecida com a que ele se deparou na ocasião da guerra Ítalo turca. Como os sindicalistas revolucionários sempre reconheceram, ao menos na visão de Mussolini, a necessidade da violência a serviço da mudança histórica, ele reconhecia que a guerra poderia proporcionar as condições para mudanças sociais profundas. Como vimos

---

165 “Avevamo lasciato al Governo uno spiraglio, una subordinata: e se la guerra sarà fatta contro l’Austria? Noi per ora non diciamo niente di preciso: valuteremo il nostro atteggiamento a seconda delle circostanze. E se la guerra fosse fatta con uno dei soliti pretesti diplomatici, noi ci opporremo.” Trecho presente em Mussolini, Benito. “*La situazione internazionale*”. Opera Omnia di Benito Mussolini. Opera (Firenze: La fenice, 1951- 61) , 6, pp. 361-363

166 Gregor, Anthony James. *Young Mussolini and the intellectual origins of Fascism*. Berkeley: University of California Press, 1979, pp. 169-170

anteriormente, na ocasião do conflito de 1911-12, Mussolini nem ficou próximo das facções reformistas que apoiaram a guerra, nem dos sindicalistas nacionalistas que também apoiavam, e dessa maneira, conseguiu galgar até a liderança do partido.

Dessa vez, porém, após cerca de dois anos trabalhando para consolidar a liderança do partido, Mussolini estava assumindo uma postura que ameaçava tudo o que ele havia feito anteriormente. Havia razões teóricas para tal, e a própria questão do mito soreliano aparece aqui novamente como uma delas, relacionando-se com a guerra como um evento importante para a mobilização das massas para um propósito coletivo em comum. Além disso, a escolha de um lado entre os beligerantes era bem clara, conforme verificamos antes. Dois dias depois, ele renunciou ao posto de diretor do jornal oficial *Avanti!*.

No manifesto mencionado anteriormente, que foi lançado por De Ambris, Corridoni, Olivetti e Massimo Rocca, os trabalhadores italianos eram conclamados a pedir a intervenção italiana na guerra ao lado da França e da Inglaterra, defendendo não apenas a civilização e a liberdade, mas a causa sagrada da “revolução social”.

A revolução social só poderia, segundo o manifesto, ser alcançada através do cumprimento de tarefas de unidade e desenvolvimento nacional. Um dos argumentos usados no manifesto foi de que a Itália ainda não havia sequer concluído a fase de revolução nacional, tendo em vista que muitos italianos estavam sob o jugo de nações estrangeiras. Apenas passando por tal fase e incorporando essa população e seus elementos na Itália é que o internacionalismo pressuposto poderia ser buscado.

Ainda em outubro, antes que Mussolini saísse do comando do *Avanti!*, Massimo Rocca e Tullio Masotti perguntaram a Mussolini qual seria a contradição entre o líder partidário que seguia a linha do partido e o político convencido de que era necessário apoiar os intervencionistas. A resposta de Mussolini foi de que ele passou por uma crise intelectual, já que era um homem de ação, e sua autoavaliação o levou a uma conclusão prática de que uma possível intervenção na guerra tinha que ser levada em consideração de um ponto puramente nacional. Sternhell diz que o período que antecede a saída de Mussolini do partido italiano e a fundação do jornal *Il Popolo d'Italia*, o pensamento de Mussolini estava dominado pelo nacionalismo, um novo nacionalismo. Para Mussolini, a inabilidade da Internacional socialista deriva da recusa

em tomar a questão nacional em consideração. A crítica socialista do futuro poderia, para ele, tentar achar uma força de equilíbrio entre a nação e a classe. Tal força de equilíbrio seria a nova forma de socialismo colocada à frente por Mussolini, uma espécie de nacional socialismo. Sternhell afirma que é importante tomar ciência de que a nacionalidade nunca fez com que Mussolini abandonasse a ideia do socialismo como um processo contínuo de reforma social. Sternhell afirma que o “nacional socialismo” é primeiramente uma orientação ideológica e movimento político, e acabou funcionando como uma espécie de fase de transição no desenvolvimento do fascismo. Talvez fosse mais preciso dizer que, como o fascismo era ainda inexistente, tal “nacional socialismo”, teria sido para Mussolini, uma fase de transição no desenvolvimento do socialismo, sendo uma resposta possível, embora herética do ponto de vista teórico.<sup>167</sup>

De acordo com Gregor<sup>168</sup>, por volta do dia 10 de outubro, Angelo Olivetti, um dos membros signatários do manifesto, no preâmbulo da nova edição do *Pagine Libere*, diz aos revolucionários para que revisem seus pensamentos doutrinários em virtude dos acontecimentos da realidade daquele momento, dizendo que era preciso abandonar doutrinas mumificadas, fórmulas hipócritas e intransigências formais que representavam apenas um medo da realidade. A revolução social deveria ter um caráter nacional, e tomado por sentimentos nacionais, o socialismo revolucionário estaria comprometido com o reconhecimento de que o que o sustentaria seria a preocupação com o desenvolvimento feita pela sociedade contemporânea. O novo homem do futuro socialismo nacional seria um convencido de que o ser humano domina o mundo material modificando-o pela produção.

Segundo De Begnac<sup>169</sup>, o sentimento nacional, para Corridoni, outro que também assinou o manifesto, e a luta pela unidade e independência eram prioridades históricas, culturais, econômicas e políticas. Para Corridoni, o socialismo tradicional havia descartado de forma sutil os sentimentos nacionais das classes trabalhadoras ao

---

167 Sternhell, Zeev. *The Birth of Fascist Ideology: From Cultural Rebellion to Political Revolution*. New Jersey: Princeton University Press, 1994, pp. 214,

168 Gregor, Anthony James. *Young Mussolini and the intellectual origins of Fascism*. Berkeley: University of California Press, 1979, pp. 177

169 De Begnac, Ivon. *L'arcangelo sindacalista (Filippo Corridoni)*. Verona: Mondadori, 1943, pp. 90, 98

mesmo tempo em que eventos provaram o erro em tal descarte e dissolveram o antigo antinacionalismo,

Após deixar o comando do jornal oficial do partido, Mussolini ficou não apenas sem um canal oficial maior dentro do partido para poder influenciar a opinião pública, mas também sem a sua remuneração como editor, inclusive recusando qualquer pagamento de fim de contrato.

Em discurso<sup>170</sup> pronunciado em Milão no dia 10 de novembro de 1914, Mussolini convocou a sessão partidária da cidade a defender a sua atual posição acerca da guerra, dizendo que os socialistas falharam em buscar entender a sequência de eventos porque também não foram bem sucedidos em examinar os problemas que tinham um caráter especificamente nacional. Todos os problemas eram internacionais, e a internacional (referindo-se à internacional socialista) estaria morta, já que foi ultrapassada e derrotada pelos eventos. Para ele, era necessário tentar reconciliar nação e classe. A nação era a realidade histórica e a classe seria para ele a realidade viva. A nação representaria, para ele, um nível de progresso humano que ainda não havia sido ultrapassado. Mais uma vez, Mussolini fala que o sentimento nacional não apenas existe como também não pode ser negado ou ignorado. O velho antipatriotismo estaria então acabado.

Por volta do meio de novembro, Mussolini começa a publicar um novo jornal. O nome dele é *Il Popolo d'Italia*. A fundação de outro jornal levaria os líderes do partido a acusarem Mussolini de que agora ele seria um serviçal do capitalismo, já que teve incentivo de capital da burguesia. Mas o jornal também teve incentivo da *Federazioni del lavoratori del mare*, que era a organização dos trabalhadores marítimos, afiliada à Confederação Geral do Trabalho e ao Partido Socialista Italiano.<sup>171</sup>

---

170 “L’errore dei socialisti tedeschi è antecedente la guerra: essi hanno sempre opposta una blandissima resistenza al militarismo. Bebel stesso aveva detto: “Prima tedeschi e poi socialisti”. Il Partito Socialista Tedesco ha mancato al suo scopo per il fatto che non ha mai scisso la nazione dalle classi. Vediamo invece se non sia possibile trovare un terreno di conciliazione fra la nazione che è una realtà storica e la classe che è una realtà vivente. È certo che la nazione rappresenta una tappa nel progresso umano, la quale non è ancora superata.”; “Il sentimento di nazionalità esiste, non lo si può negare! Il vecchio antipatriottismo è cosa tramontata e gli stessi luminari del socialismo, Marx ed Engels, hanno scritto a proposito di patriottismo pagine che vi farebbero scandalizzate!” Trechos presentes em Mussolini, Benito. “*La situazione internazionale e L’atteggiamento del partito*”. Opera Omnia di Benito Mussolini. Opera (Firenze: La fenice, 1951- 61) , 6, pp. 427-429

171 Gregor, Anthony James. *Young Mussolini and the intellectual origins of Fascism*. Berkeley: University of California Press, 1979, pp. 186-187

### 3.6 A expulsão de Mussolini do Partido Socialista Italiano

O discurso de Mussolini datado de 25 de novembro de 1914, antes do encontro da seção do partido em Milão, que havia decretado a expulsão dele do partido. Mussolini havia chegado aos mais altos postos na hierarquia partidária, como editor do *Avanti!*, jornal oficial do partido e do movimento político e sindicalista. Mussolini fora, como demonstrado anteriormente, um escritor agressivo e incisivo, com artigos pequenos, porém rápidos e certos contra seus alvos, no jornal semanal de Forlì, *La Lotta di classe*. Demonstrou também seu poder de oratória no Congresso de Reggio Emilia, no verão de 1912, fazendo um discurso em que criticava a mentalidade fraca do reformismo que dominava o Partido Socialista Italiano.

Dois meses após o discurso, os líderes revolucionários, sentindo a necessidade de líderes com personalidade mais forte, deram a Mussolini o cargo de editor do *Avanti!*, que era a arma mais poderosa dentro do Partido Socialista. O discurso de 25 de novembro de 1914, foi feito perante cerca de 3 mil filiados ao partido,

No discurso de despedida do partido, Mussolini fala que se eles (os outros membros) acham que ele não é digno de lutar pela causa, deveriam expulsá-lo. Porém quer uma razão clara e legal para que aceite seu destino, coisa que segundo ele não foi apresentada.

Mussolini diz então que não seria a última vez que os demais membros o veriam, pois seus 12 anos de vida partidária são uma garantia suficiente de sua fé no socialismo, pois para ele o socialismo é uma coisa que possui raízes no coração, e o que dividiria ele dos demais membros não seria uma pequena disputa, mas sim uma grande questão sobre a qual o socialismo inteiro está dividido (Mussolini se refere à postura dos partidos socialistas em relação ao envolvimento numa guerra, se deve ou não apoiar o próprio país). Diz então que Amilcare Cipriani não pode mais ser uma referência para eles, já que este teria declarado, tanto por discurso e por escritos, que se sua idade permitisse, estaria nas trincheiras lutando contra a reação militar europeia que estava sufocando a revolução.

De acordo com Mussolini o tempo provaria quem estava certo e quem estava errado nesta questão que confronta de maneira formidável o socialismo, pois jamais em toda a

história da humanidade, houve uma conflagração tal como a Guerra que começou em 1914, em que milhões de proletários são colocados um contra o outro. Para ele, esta guerra tem muito em comum com as guerras napoleônicas, e não seria um evento corriqueiro ou qualquer coisa. .

Mussolini diz que não perdoaria aqueles que de propósito são reticentes, hipócritas e covardes. Fala sobre a classe média e diz que esta não estaria entusiasmada com a intervenção italiana na guerra, pois teriam medo de um proletariado armado com baionetas, que poderia usá-las para seus próprios fins.

No final deste discurso, Mussolini, diz que os membros do partido não devem pensar que expulsá-lo do partido significa que retiraram a sua fé na causa, ou que irão prevenir que ele continue trabalhando pelo socialismo e pela revolução.<sup>172</sup>

---

172 "My fate is decided, and it seems as if the sentence were to be executed with a certain solemnity. (Voices: "Louder! Louder!") You are severer than ordinary judges who allow the fullest and most exhaustive defence even after the sentence, since they give ten days for the production of the motives of appeal. If, then, it is decided, and you still think that I am unworthy of fighting any longer for your cause – ("Yes! Yes!" is shouted by some of the most excited among the audience.) - then expel me, But I have a right to exact a legal act of accusation, and in this meeting the public prosecutor has not yet intervened with regard either to the political or to the moral issues. I shall, therefore, be condemned by an "order of the day" which means nothing. In a case like this, I ought to have been told that I was unworthy to belong any longer to the party for definite reasons, in which case I should have accepted my fate. This, however, has not been said, and a great many of you – if not all – will leave this room with an uneasy conscience. (Deafening voices: "No! no!") With reference to the moral question, I repeat once more that I am ready to submit my case to any Committee which cares to make investigations and to issue a report. As regards the question of discipline, I should say that this has not been examined, because there are just and fitting precedents for my changed attitude, and if I do not quote them it is because I feel myself to be secure and have an easy conscience. You think to sign my death-warrant, but you are mistaken. Today you hate me, because in your heart of hearts you still love me, because ... (Applause and hisses interrupt the speaker.) But you have not seen the last of me! Twelve years of my party life are, or ought to be, a sufficient guarantee of my faith in Socialism. Socialism is something which takes root in the heart. What divides me from you now is not a small dispute, but a great question over which the whole of Socialism is divided. Amilcare Cipriani can no longer be your candidate because he declared, both by word of mouth and in writing, that if his seventy-five years allowed him, he would be in the trenches fighting the European military reaction which was stifling revolution. Time will prove who is right and who is wrong in the formidable question which now confronts Socialism, and which it has never had to face before in the history of humanity, since never before has there be such a conflagration as exists today, in which millions of the proletariat are pitted one against the other. This war, which has much in common with those of the Napoleonic period, is not an everyday event. Waterloo was fought in 1814; perhaps 1914 will see some other principles fall to the ground, will see the salvation of liberty, and the beginning of a new era in the world's history – (Loud applause greets this fitting historical comparison.) – and especially in the history of the proletariat, which at all critical moments has found me in the street. But I tell you that from now onwards I shall never forgive nor have pity on anyone who in this momentous hour does not speak his mind for fear of being hissed or shouted down. (This cutting allusion to the many prominent absentees is understood and warmly applauded by the meeting.) I shall neither forgive nor have pity on those who are purposely reticent, those who show themselves hypocrites and cowards. And you will find me still on your side. You must not think that the middle classes are enthusiastic about our

### 3.7 O *Il Popolo d'Italia* e a entrada nos *fasci*

O jornal fundado por Mussolini em Milão, *Il Popolo d'Italia*, em meados de novembro de 1914, teve financiamento feito, além dos industriais, também por socialistas e radicais franceses, como Joseph Caillax, Bolo Pasha, Jules Guesde e Marcel Cachin. Da parte burguesa, teria o financiamento por parte da família Agnelli, ligada à Fiat, dos irmãos Perrone, proprietários da Ansaldo, que entre outros negócios, também estava no ramo dos armamentos.

Saindo pela primeira vez em 15 de novembro de 1914, possuía o seguinte subtítulo “jornal socialista” (*giornale socialista*). Anos mais tarde, em agosto de 1918, o subtítulo seria alterado para “Um diário para combatentes e produtores”, o que sinalizaria que o movimento revolucionário vindouro uniria veteranos de guerra aos outros elementos produtivos, como os burgueses e proletários.<sup>173</sup>

Em dezembro de 1914, o manifesto do *Fascio Rivoluzionario d'azione internazionalista* ganha a sua primeira aplicação política materializada na criação do *Fascio d'azione rivoluzionaria interventista*. Este último era a fusão do manifesto iniciado em outubro com um movimento denominado *Fasci Autonomi d'Azione Rivoluzionaria*, criado pelo próprio Mussolini ainda em novembro de 1914.<sup>174</sup>

A partir de 1915, membros dos *fasci* começam a denominar-se oficialmente como “fascistas”. O movimento deixava claro que apoiava o socialismo, conforme os lemas colocados no jornal *Il Popolo d'Italia*, como o de Louis Auguste Blanqui, por exemplo: “Aquele que tem ferro, tem pão”.<sup>175</sup>

---

intervention. They snarl and accuse us of temerity, and fear that the proletariat, once armed with bayonets, will use them for their own ends. (Mingled applause, and cries of “No! no!”) Do not think that in taking away my membership card you will be taking away my faith in the cause, or that you will prevent my still working for Socialism and revolution. (Hearty applause follows these last words of Mussolini, uttered with great energy and profound conviction. He descends from the platform and makes his way down the great hall.)” Texto integral em inglês do discurso de Mussolini por ocasião de sua expulsão do Partido Socialista Italiano, conforme publicação feita em Mussolini, Benito. *Mussolini as revealed in his political speeches*. Nova Iorque: E.P. Dutton & CO, 1923, pp. 4-6

173 Mussolini, Benito. “*Orientamenti e Problemi*”. Opera Omnia di Benito Mussolini. Opera (Firenze: La fenice, 1951- 61) , 11, pp. 282-284

174 Sternhell, Zeev. *The Birth of Fascist Ideology: From Cultural Rebellion to Political Revolution*. New Jersey: Princeton University Press, 1994, pp. 303

175 O'Brien, Paul. *Mussolini in the First World War: The Journalist, the Soldier, the Fascist*. Oxford: Berg, 2005, pp. 42-52

A primeira edição do jornal pedia não por neutralidade condicional, mas por guerra contra as potências centrais. Após juntar-se ao *Fascio* em dezembro, Mussolini tornou-se o principal porta voz do movimento. O movimento era composto de membros bastante heterogêneos, consistindo em sindicalistas revolucionários, sindicalistas nacionalistas como Sergio Panunzio, socialistas revolucionários favoráveis à intervenção na guerra, socialistas reformistas também pró-intervenção, nacionalistas ligados ao *La Voce* e republicanos radicais. A mobilização das massas era a ênfase dada pelo jornal, sobretudo numa mobilização nacional.

Em janeiro de 1915 ocorreu a primeira reunião dos *Fasci*. Nela, Mussolini declarou que era necessário que a Europa resolvesse seus problemas nacionais, - incluindo as fronteiras nacionais - da Itália e de outros lugares "para os ideais de justiça e liberdade para a qual os povos oprimidos devem adquirir o direito de pertencer às comunidades nacionais de onde descendem"<sup>176</sup>. Em meio à discussão sobre a questão do irredentismo, Mussolini observou a partir dos procedimentos dos membros que "a questão difícil do irredentismo foi colocada e resolvida no âmbito de ideais de socialismo e liberdade que não excluem a salvaguarda de um sentimento nacional positivo".

Entre outras coisas, o movimento dos *fasci* baseou-se enfaticamente na política mazziniana. Denunciaram o Partido Socialista Italiano por sua associação com o marxismo, que se tornara obsoleto, na visão de Mussolini, ao mesmo tempo em que afirmavam a importância de figuras, além do próprio Mazzini, como Proudhon, Bakunin, Fourier e Saint Simon.

Em março de 1915, Mussolini declarou a posição irredentista do movimento em relação a Trieste, na qual afirmou que Trieste "deve ser e será italiano através da guerra contra os austríacos e, se necessário, contra os eslavos". Em um artigo em 6 de abril de 1915, Mussolini abordou a posição irredentista do movimento em relação à Dalmácia, argumentando que a Itália não deveria anexar toda a Dalmácia porque a alegação de que ela tinha a maioria dos falantes de italiano não era uma razão suficiente para

---

176 O'Brien, Paul. *Mussolini in the First World War: The Journalist, the Soldier, the Fascist*. Oxford: Berg, 2005, pp. 41

reivindicar posse exclusiva de toda a Dalmácia. Apoiou a Itália anexando uma vasta seção da Dalmácia, incluindo todo o seu arquipélago .

Os Fasci receberam influência ideológica de outros membros que não Mussolini, como Prezzolini, que já havia sido membro da Associação Nacionalista Italiana. Prezzolini ficou impressionado com Mussolini, e no final de 1914 se juntou a Il Popolo d'Italia para escrever para ele.

Em 11 de abril de 1915, durante uma manifestação intervencionista que foi confrontada por membros neutralistas do PSI, a polícia italiana matou um homem, um eletricitista chamado Innocente Marcora. Tanto os intervencionistas como os neutralistas ficaram indignados com a morte do homem.

Por volta do mês de maio, a Itália estava à beira da guerra, negociando com a Entente, embora existisse uma maioria parlamentar de liberais moderados que se recusavam a votar pela entrada do país no conflito. Movimentos intervencionistas de todos os matizes políticos fizeram então protestos e demonstrações em massa durante cinco dias na metade do mês, em que de acordo com Payne, ativistas nacionalistas tomaram o comando da esfera pública e pressionaram os parlamentares a votarem a favor da entrada na guerra. Os políticos possuíam poucas escolhas nesta altura, tendo em vista que as decisões de política externa estavam reservadas amplamente à monarquia, e os principais líderes liberais não pretendiam ser responsabilizados por causar problemas às recentes negociações ou prejudicar objetivos irredentistas de ganho de território. Com o resultado favorável, o *Fasci d'Azione Rivoluzionaria* declarou-se vitorioso sobre o parlamento como o começo do que viria a ser uma revolução antiparlamentar.<sup>177</sup>

O movimento irredentista, datado da década de 1880, reivindicava os territórios habitados por italianos e controlados pelo Império Austro-Húngaro, notavelmente o litoral austríaco do Tirol. Durante a década de 1910, as ideias expansionistas do movimento foram adotadas por parte significativa da elite política italiana, tornando-se o principal objetivo da guerra, sendo possível mesmo uma analogia com a questão da Alsácia-Lorena e a França<sup>178</sup>. Dos cerca de 1,5 milhão de pessoas que habitavam tais

---

177 Payne, Stanley G. *A History of Fascism, 1914-1945*. Wisconsin University Press, 1995, pp. 85

178 Nicolle, David. *The Italian Army of World War I*. London: Osprey, 2003, pp. 3

territórios, pouco menos da metade era de língua e antecedentes italianos, enquanto o resto era composto por eslovenos, alemães e croatas.

A declaração de guerra da Itália ao Império Austro-Húngaro deu ao jornal um triunfo em termos de credibilidade, mas também causou uma derrota política. Os objetivos do jornal, isto é, dividir a esquerda e combater a ofensiva neutralista, tinham sido alcançados, de modo que nem os burgueses nem os industriais tinham mais interesse em financiar o jornal.

A mesma coisa também afetou outros jornais intervencionistas, que foram em direção a uma extinção voluntária. Até mesmo os revolucionários que escreveram artigos de fogo sobre o *Il Popolo d'Italia* foram, de certo modo, esquecidos. De Ambris, Bissolati, Salvemini, Chiesa e Corridoni partiram para a frente enquanto Mussolini era o alvo dos socialistas, que o acusavam de covardia.

Foi nessa ocasião que os socialistas neutralistas tiraram a frase "Vamos nos armar e sair". Com essa máxima irônica, os socialistas queriam colocar o Mussolini para permanecer em seu lugar como diretor do *Il Popolo d'Italia*, enquanto todos os seus colaboradores pegavam em armas.<sup>179</sup> Na realidade, Mussolini solicitara imediatamente uma partida voluntária; tinha sido rejeitado por razões burocráticas. Descartado como oficial por precedentes políticos, ele teve que esperar até 15 de agosto para sair. Da frente de batalha, o diretor do *Il Popolo d'Italia* escreveu um *Giornale di guerra*, que foi publicado de maneira dividida em partes entre setembro de 1915 e março de 1917.

Mesmo nas trincheiras, o jornal era impopular e mal visto: os intervencionistas, de fato, enfrentavam o desprezo dos recrutas e dos oficiais de carreira. Além disso, a Santa Sé, com o Papa Bento XV, indicou aos católicos de todo o mundo que adotassem uma atitude pacifista. As organizações católicas italianas se adaptaram imediatamente. Antes da posição oficial da Igreja, Giovanni Papini, nas colunas do *Il Popolo d'Italia* lançou artigos com tons que em várias ocasiões passaram dos limites. O arcebispo de Milão, por exemplo, não demorou em contrariar à ofensiva condenando o *Il Popolo d'Italia* e proibindo sua leitura aos fiéis.

---

179 De Felice, Renzo. *Mussolini il rivoluzionario 1883-1920*. Turim: Einaudi, 1965, pp. 321

A guerra mundial acabou em novembro de 1918. No dia 23 de março de 1919, o movimento seria renomeado para *Fasci Italiani di Combattimento*. A Itália obteve, através do Tratado de Versalhes, os territórios do sul do Tirol, Ístria e Trieste que estavam sob o jugo do agora fragmentado Império Austro-Húngaro. Os *fasci* buscaram apoio nos veteranos de guerra descontentes e também desempregados. Dois anos depois, o *fascio* se transformaria no *Partito Nazionale Fascista*.

## Comentários Finais

Ao longo do texto, pudemos observar todo o caminho percorrido pelos conceitos, e também pelas ideias que atravessaram décadas e séculos, influenciando o pensamento dos novos ideólogos. Vimos como isso aconteceu com o conceito de socialismo, surgido após a Revolução Francesa, e com as práticas dos socialistas utópicos desenvolvidas posteriormente, reformulado e inovado por Marx e Engels, e o marxismo revisado por parte de Georges Sorel, que acreditava que a teoria estava incompleta.

O seu sindicalismo revolucionário, enfatizando os mitos e a violência proletária, estava indo contra o que naquela época era chamado de socialismo parlamentar reformista, o marxismo dominante. Enquanto na França, o sindicalismo revolucionário estaria em grande parte fora de organizações partidárias, como o próprio Sorel, e ligado ao anarcossindicalismo, na Itália ele influenciaria diretamente os membros intransigentes do Partido Socialista Italiano, o que pode ter sido uma das razões para que tal influência tenha tido um caminho tão diferente.

Sorel, com a sua influência em diversos meios intelectuais franceses e italianos, foi uma das principais figuras em que Mussolini se inspirou desde os primeiros anos como sindicalista membro do PSI até seus anos já como líder supremo da Itália. Conforme diz Orwell no seu célebre artigo *What is Fascism?*<sup>180</sup>, de 1944, levaria muito tempo para que existisse uma definição clara e aceita por todos sobre o fascismo porque seria impossível que ele fosse definido sem que sejam admitidas coisas que nem fascistas, conservadores ou socialistas de qualquer matiz querem admitir. Ou seja, o fascismo floresceu a partir de elementos de pensamentos e ideologias diferentes.

Não obstante, a contribuição do elemento socialista para o então nascente movimento fascista se demonstra, não apenas pelos temas em que tocam, não apenas pelo fato dos primeiros fascistas terem sido quase todos oriundos do socialismo, mas também por ter sido talvez a primeira cisão explícita do socialismo a colocar o elemento nacional no centro das demandas, contrariamente aos princípios internacionalistas que

---

180 Orwell, George. *O que é Fascismo? E outros ensaios*. 1ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2017

o socialismo possuía. Quando a guerra mundial estourou, alguns partidos socialistas apoiaram seus próprios países no esforço de guerra, enquanto outros se mantiveram contrários ao conflito, o que demonstrou a dificuldade da internacional socialista de lidar com os diferentes casos nacionais particulares. No caso específico da Itália, a posição oficial do Partido Socialista foi contrária à guerra, o que levou alguns elementos mais intransigentes do partido a tomarem posição diversa, e Mussolini foi um deles.

A violência, um elemento chave para entender o fascismo, é um dos conceitos que, modificados ao longo do tempo e dos atores políticos que se utilizaram dela, provém do socialismo na forma de violência proletária para se transformar na violência utilizada não apenas nos protestos, mas também na violência do intervencionismo italiano na guerra mundial. Isto é, da utilização da força para que esta seja utilizada em prol de interesses nacionais.

Anos mais tarde, já durante o começo do regime fascista, por ocasião da morte de Georges Sorel, Agostino Lanzillo, que segundo Sternhell<sup>181</sup> foi o primeiro biógrafo do autor francês, escreve um artigo para o *Gerarchia*, o periódico do fascismo italiano editado por Mussolini, em que tenta reivindicar a herança das *Reflexões sobre a violência*, dizendo que talvez o fascismo pudesse ter a sorte de completar a missão que para ele seria a aspiração implícita do “mestre do sindicalismo” (referindo-se a Sorel), e consistiria em retirar o proletariado da dominação do Partido Socialista, reconstruindo-o baseando-se na liberdade espiritual e animando-lhe com o sopro da “violência criativa”. Esta seria para Lanzillo a verdadeira revolução que moldaria as formas da Itália futura.<sup>182</sup>

Conforme Giorgio Lucaroni, a violência política foi retratada no *Gerarchia* como uma reação necessária às tentativas de subversão nacional. Assim como no caso da grande guerra, a violência havia sido uma fonte de “regeneração”, mais uma vez sendo colocada como o vetor da história contemporânea e contribuindo para o renascimento da nação selado pela vitória do fascismo. O fascismo, ainda de acordo com Lucaroni, na esteira de Georges Sorel e das filosofias da crise, fez da violência um elemento de

---

181 Sternhell, Zeev. *The Birth of Fascist Ideology: From Cultural Rebellion to Political Revolution*. New Jersey: Princeton University Press, 1994, pp. 93

182 Lanzillo, Agostino. “*Giorgio Sorel*” em *Gerarchia*, I, 25 de setembro de 1922, pp. 526-529

adoração, um valor absoluto e permanente do regime e uma parte fundamental daquilo que Mussolini definiu como cultura de revolução, que seria a alma das origens que não morre nos anos de "normalização".<sup>183</sup>

O apelo do fascismo atingiu diversas camadas da população, sendo classificado pelos marxistas ao mesmo tempo como criatura e agente do capitalismo, muito embora tenha acomodado ou permitido as práticas de maneira limitada, não chegou a ser capturado ou domesticado por interesses industriais ou financeiros. Pequenos proprietários e grandes segmentos de trabalhadores foram mobilizados pelos apelos fascistas no programa de regeneração nacional empreendido por um movimento que conseguiu unir, dentro de um só conjunto de ideias, o sindicalismo revolucionário, o nacionalismo e o neoidealismo, sobretudo neohegelianos. Além disso, o fascismo também atraiu o apoio de uma nova burguesia industrial, bem como a pequena burguesia urbana da Itália, que estava sob a ameaça de ruína financeira por conta da inflação, além de estar descartada por parte dos socialistas mais ortodoxos, que viam apenas elementos parasitas e não produtivos. Explorando qualquer vantagem tática, teórica ou estratégica, Mussolini foi bem sucedido em construir o movimento de massas fascista a partir dos elementos postos de lado pela guerra e pelo desgaste econômico causado por esta. Os socialistas de todos os matizes falharam em todas as áreas onde Mussolini conseguiu êxito. Os veteranos de guerra, por exemplo, foram hostilizados e agredidos por socialistas, chegando ao ponto de serem mortos ou torturados.

Domenico Settembrini<sup>184</sup> ressaltou similaridades entre Lenin e o jovem Mussolini, uma vez que ambos (condottieres a seus estilos) foram produtos da tradição revolucionária socialista. Payne<sup>185</sup> lembra que, para Mussolini, assim como para Lenin, ainda que de uma maneira diferente, apenas uma vanguarda revolucionária especial poderia criar uma nova sociedade revolucionária. Após o Congresso de Reggio Emilia, Lenin apoiou amplamente a posição de Mussolini, afirmando que a postura dos revolucionários os fez continuar firmes na intransigência da luta de classes. Para ele, expulsando os parlamentares reformistas, os revolucionários tinham restaurado a integridade do

---

183 Lucaroni, Giorgio. "Appunti sulla "rivoluzione fascista": Gerarchia 1922-1943", em *Nuova Rivista Storica*, Anno XCIX, Setembro-Dezembro, Fascículo III, 2015, pp. 939

184 Settembrini, Domenico. *Mussolini and the Legacy of Revolutionary Socialism*. *Journal of Contemporary History*, I, 1976, pp. 239-268

185 Payne, Stanley G. *A History of Fascism, 1914-1945*. Wisconsin University Press, 1995, pp. 83

movimento. Ao mesmo tempo, Lenin diz que tal integridade já havia sido fortalecida pela expulsão dos sindicalistas que, em sua visão, eram negligenciáveis em relação ao movimento da classe trabalhadora.<sup>186</sup>

Unindo forças originadas no sindicalismo revolucionário influenciado por Georges Sorel aos grupos nacionalistas italianos, mobilizando as massas, ganhando apoio entre os militares veteranos da guerra, tanto os recentemente desmobilizados bem como os ativos, neutralizando os populistas católicos, as forças que apoiavam o parlamentarismo e derrotando o já fragmentado socialismo organizado, não existia mais nenhuma força capaz de parar o fascismo de Mussolini na península.

---

186 Lenin, V. I. “*The Italian Socialist Congress*”, *Collected Works*, 18, Moscou: Foreign Languages, 1963, pp. 170-172

## Referências Bibliográficas

### Fontes utilizadas como primárias

MUSSOLINI, Benito. *Opera Omnia di Benito Mussolini. Vol 1-35*. Firenze: La Fenice, 1951.

MUSSOLINI, Benito (editor). *Utopia*. Milão: Feltrinelli.

MUSSOLINI, Benito. *Mussolini as revealed in his political speeches*. Nova Iorque: E.P. Dutton & CO, 1923.

SOREL, Georges. *Reflections on Violence*. Cambridge University Press, 1999.

SOREL, Georges. *Saggi di critica del marxismo*. Editado por Vittorio Racca. Milão: Sandron, 1903.

### Fontes bibliográficas

ANDERSON, Benedict. *Comunidades Imaginadas: Reflexões sobre a origem e difusão do nacionalismo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

ANTONIOLI, Maurizio. *Bakounine entre syndicalisme révolutionnaire et anarchism*. Paris: Noire et rouge, 2014.

ANTONIOLI, Maurizio. *Il Sindacalismo Italiano. Dalle origini al fascismo*. Pisa: Biblioteca Franco Serantini, 1997.

ARENDDT, Hannah. *Da Revolução*. São Paulo: Editora Ática, 1988.

BEECHER, Jonathan. “Early European Socialism” in *The History of Political Philosophy*. Oxford University Press, 2011.

BOBBIO, Norberto. *Dicionário de Política*. Décima Primeira edição, Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1998.

BRINTON, Crane. *The Anatomy of Revolution*. Primeira edição, 1938. Edição revisada, Nova Iorque: Vintage Books, 1956.

CARTOSIO, Bruno. “*Sicilian Radicals in Two Worlds*” em *In the Shadow of the Statue of Liberty: Immigrants, Workers, and Citizens in the American Republic, 1880-1920*. Saint-Denis: Presses Universitaires de Vincennes, 1988.

CASTORIADIS, Cornélius. *A instituição imaginária da sociedade*. São Paulo: Paz e Terra, 1982.

DAL LAGO, Enrico. "Lincoln, Cavour, and National Unification: American Republicanism and Italian Liberal Nationalism in Comparative Perspective." *The Journal of the Civil War Era*, vol. 3 no. 1, pp. 85-113, 2013.

DE BEGNAC, Ivon. *L'arcangelo sindacalista (Filippo Corridoni)*. Verona: Mondadori, 1943.

DE BEGNAC, Ivon. *Vita di Mussolini*. Milan: Mondadori, 1936-1940.

DE FELICE, Renzo. *Mussolini il rivoluzionario 1883-1920*. Turim: Einaudi, 1965.

GENTILE, Emilio, ed. *Mussolini e La Voce*. Firenze: Sansoni, 1976.

GREGOR, Anthony James. *The Faces of Janus: Marxism and Fascism in the Twentieth Century*. Chelsea: Sheridan Books, 2000.

GREGOR, Anthony James. *Young Mussolini and the intellectual origins of Fascism*. Berkeley: University of California Press, 1979.

GRIFFIN, Roger. *Fascism is more than reaction*. *Searchlight*, vol.27 n.4, pp. 24-6 1999.

HALÉVY, Daniel, *Histoire de quatre ans, 1997–2001*. Paris, Cahiers de la Quinzaine, 1903.

HOBSBAWM, Eric. *A Era das Revoluções 1789-1848*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1977.

HOBSBAWM, Eric. *A Era dos Impérios 1875-1914*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.

KOLAKOWSKI, Leszek. *Main Currents of Marxism: The Founders*. Oxford University Press, 1978.

KOLAKOWSKI, Leszek. *Main Currents of Marxism: The Golden Age*. Oxford University Press, 1978.

KOSELLECK, Reinhart. *Futuro Passado: Contribuição à semântica dos tempos históricos*. Rio de Janeiro: Contraponto: PUC-Rio, 2006.

KOSELLECK, R. *Richtlinien für das Lexikon politisch-sozialer Begriffe der Neuzeit*. *Archiv für Begriffsgeschichte*, 11, p.81-99, 1967.

LABRIOLA, Arturo. *Le tendenze politiche dell' Austria contemporânea*, Nápoles: Partenopea, 1911.

LANE, A. Thomas. *Biographical Dictionary of European Labor Leaders*. Volume 1. Westport, Connecticut: Greenwood Publishing Group, 1995.

- LANZILLO, Agostino. "Giorgio Sorel" em *Gerarchia*, I, 25 de setembro de 1922, pp. 526-529.
- LENIN, V. I. "The Italian Socialist Congress", Collected Works, 18, Moscou: Foreign Languages, 1963.
- LÖWY, M. "Georg Lukács e Georges Sorel". *Crítica marxista*, São Paulo, Xamã, v. 1, n. 4, 1997.
- LUCARONI, Giorgio. "Appunti sulla "rivoluzione fascista": *Gerarchia 1922-1943*", em *Nuova Rivista Storica*, Anno XCIX, Setembro-Dezembro, Fascículo III, 2015.
- MARINI, Gualtiero. *Revolução, Anarquia e Comunismo: Às Origens do Socialismo Internacionalista Italiano (1871-1876)*. Tese de Doutorado em História. Universidade Estadual de Campinas, 2017.
- MACK SMITH, D. *Mazzini*. Yale University Press, 1996.
- MALATESTA, Errico, "La Rivoluzione in Italia – La caduta della monarchia sabauda". *Volontà*, n. 23 de 12 de junho de 1914.
- MASINI, Pier Carlo. *Cafiero*. BFS, 2014.
- MCLURE, W.K. *Italy in North Africa. An account of the Tripoli Enterprise*, Londres: Constable and Company LTD, 1913.
- MEGARO, Gaudens. *Mussolini in the Making*. London: George Allen & Unwin, 1938.
- MICHELS, Robert. "Lineamenti di storia operaia nell' Italia degli ultimi venti' anni," *Educazione fascista*, 11, 10, 1933.
- NANNI, Torquato. *Bolscevismo e Fascismo al lume della critica marxista*. Bologna: Cappelli, 1924.
- NICOLLE, David. *The Italian Army of World War I*. London: Osprey, 2003.
- O'BRIEN, Paul. *Mussolini in the First World War: The Journalist, the Soldier, the Fascist*. Oxford: Berg, 2005.
- ORWELL, George. *O que é Fascismo? E outros ensaios*. 1ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2017.
- PAXTON, Robert. *Anatomy of Fascism*, Nova Iorque: Alfred A. Knopf, 2004.
- PAYNE, Stanley G. *A History of Fascism, 1914-1945*. Wisconsin University Press, 1995.
- PERNICONE, Nunzio. *Italian Anarchism 1864-1892*. Princeton University Press, 1993.

PLEKHANOV, Georgii. *Sindicalismo y Marxismo*. Cidade do México: Grijalbo, 1968.

PROUDHON, Pierre-Joseph. *What is Property?* Cambridge University Press, 1994.

RATH, R. John. "The Carbonari: Their Origins, Initiation Rites, and Aims." *The American Historical Review*, Vol. 69, n. 2, pp. 353-370, 1964.

RIDLEY, Jasper. *Garibaldi*. Milão: Mondadori, 1975.

SEAMAN, L. C. B. "Proved Only Negative Propositions" em Delzell, Charles. *The Unification of Italy, 1859-1861: Cavour, Mazzini or Garibaldi?*. New York: Hold, Rinehart and Winston, 1980.

SERVICE, Robert. *Camaradas: Uma história do comunismo mundial*; trad. Milton Chaves de Almeida. 3. Ed. Rio de Janeiro: DIFEL, 2015.

SETTEMBRINI, Domenico. *Mussolini and the Legacy of Revolutionary Socialism*. *Journal of Contemporary History*, I, 239-68, 1976.

SEVERINI, Marco (org). *La Settimana rossa*. Ariccia: Aracne, 2014.

SNAJDER, Mario. *Sindicalismo Revolucionario y Fascismo: ideologia y estilo político*. Em: Estudos Sociais. *Revista Universitaria Semestral*, ano XVII, n. 33, Santa Fe, Argentina, Universidad Nacional del Litoral, segundo semestre, pp. 15-29, 2007.

STERN, Daniel. *Histoire de la Revolution de 1848*. Paris: Charpentier, 1862.

STERNHELL, Zeev. *Neither Right Nor Left: Fascist Ideology in France*. New Jersey: Princeton University Press, 1986.

STERNHELL, Zeev. *The Birth of Fascist Ideology: From Cultural Rebellion to Political Revolution*. New Jersey: Princeton University Press, 1994.

VOLUME 9, Part 1 of *A New English Dictionary on Historical Principles*, page 358, entry "Socialism," Clarendon Press, Oxford, 1888.